

JOSÉ CARLOS GONÇALVES FAYA



O LIVRO DOS ASTRONAUTAS

AS QUATRO TÁBUAS DA LEI

2^o EDIÇÃO



José Carlos Gonçalves Faya

O LIVRO DOS ASTRONAUTAS

AS QUATRO TÁBUAS DA LEI

1ª edição
São Paulo/SP
SGuerra Design
2022

© 2022 JOSÉ CARLOS GONÇALVES FAYA
O livro dos astronautas — As quatro tábuas da lei
Editado em julho de 2022

Todos os direitos reservados em nome do autor.

Revisão de textos:
Valéria Melki Busin

Capa, projeto gráfico e diagramação:
SGuerra Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7/5880)

F2821 Faya, José Carlos Gonçalves

O livro dos astronautas: as quatro tábuas da lei [recurso eletrônico] / José Carlos Gonçalves Faya. — 1.ed. — São Paulo (SP) : SGuerra Design, 2022.

500 kb

ISBN: 978-65-5899-367-4

1. Filosofia contemporânea. I. Título: as quatro tábuas da lei

CDD 100

Índices para catálogo sistemático
1. Filosofia contemporânea.

Advertência

A todo aquele que decidir perder algum tempo de sua preciosa vida lendo este trabalho, sendo ou não astronauta, alerto que ele tem cunho pessoal, não falo por ele e nem por qualquer um que seja, não falo pela humanidade. São muitas as razões que me levam a agir desta maneira. Primeiro, não existe possibilidade alguma de que eu participe do observador imparcial de Adam Smith, simbiose entre sujeito e objeto, pois é impossível, verdadeiramente, que me coloque no lugar de outro para tentar entender o que ele pensa. Jamais poderei sair de “dentro de mim” para ir a qualquer lugar.

Eu não tenho nem mesmo a certeza absoluta de que quem me fala ou escreve está expressando seu verdadeiro pensamento. Eu também não sei se os outros homens que ainda estão submissos ao “ser humano absoluto” têm consciência de que eles, como entes, têm um único e mesmo problema: viver. Por isso, não posso, e não adianta nada, buscar “paz de espírito” universalizando minhas dúvidas, minhas angústias e medos.

Em segundo lugar, como resultado, não pretendo que a ideia aqui apresentada seja interpretada como universal, tipo o *cogito* cartesiano, onde o “eu” penso logo ‘eu’ existo”, problema pessoal, transformou-se no “penso, logo existo”, um pensar universal aparentemente sem objeto.

Não é o pensar que me faz existir, mas o pensar em mim mesmo, consciência, meu momento mais sublime, a explosão do meu instinto primordial que me trouxe da obscuridade para a luz, a percepção de que “eu” não sou o “outro”. Esse instinto, esta diferenciação, individualização,

consciência, é que me possibilita pensar, o que é um processo lento, gradativo, cercado de dúvidas: será que eu sou diferente dela? Várias tentativas até a aceitação final e irrefutável do dado cultural “eu sou eu”, “ela é ela”. Consciência é percepção, possibilidade de conhecimento, ou reconhecimento, através do outro, simultâneo. O *cogito* para mim significa “eu me percebo, conheço, reconheço-me, logo eu sou”. Pensar objetos externos, “dar nome aos bois”, é uma técnica cultural que aprendi com a experiência.

Em terceiro, como corolário, eu sou um ser único, não existe ninguém igual a mim no mundo. Embora tenha duas pernas, dois braços, dois olhos etc., como têm todos os outros homens que vejo em toda parte do mundo, embora seja obrigado a respirar, beber e comer para manter-me vivo, esteja em qualquer lugar, o mesmo vendo acontecer com todos os outros homens, isso só faz de mim um homem “parecido”, mas não “igual” aos outros. Não existe, entre tantos bilhões de seres humanos que vivem no mundo, nenhum igual a mim, como não há dois com as mesmas impressões digitais. Nem mesmo um clone meu seria igual a mim, porque eu sou formado de átomos, sou movimento, como devem ser todos os homens, não tenho certeza, mas no meu cérebro cada sinapse entre neurônios se faz numa velocidade, num ritmo que é só meu.

Essa especificidade, a diversidade dos movimentos, é que torna difícil aos indivíduos a adaptação do “ser humano absoluto”, gerando comportamentos divergentes, mesmo entre irmãos criados em igualdade de condições. A pressão gerada pelo ser absoluto sobre o movimento único é o que chamo de ética, segundo a definição de Aristóteles. Agir ou não de acordo com a pressão? Se sim, sou ético, deixei-me dominar; se não, sou não-ético, sou livre. Nietzsche era antiético, um pensador livre, Zaratustra.

Alerto também que não bebo nada que contenha álcool, não fumo, nem mesmo maconha ou crack, não cheiro cocaína ou heroína, não tomo LSD ou qualquer outro tipo de droga. Tudo o que escrevo é resultado da minha consciência, meu pensamento, minhas leituras, meus estudos, reflexões e meditações. Este não é um trabalho surrealista, apesar de apreciar o movimento artístico de André Breton.

Escrevo o que penso da maneira mais clara e simples possível, direta, pois sei do que estou falando, não preciso ficar com nhenhêném, dando voltas, preocupado com número de páginas, usando palavras difíceis, que são sinais dos quais se servem aqueles que não entendem do que falam, expressam-se a apalpadelas, possibilitando variadas interpretações de seus textos, leituras nas entrelinhas, mostrando sempre suas dúvidas. Essa minha maneira de falar e escrever foi chamada pelo ilustre professor Aloysio Nunes Pereira, da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco da USP, de “método do choque” e que prefiro chamar de método “Trump”. Por isso é fácil entender o que pretendo dizer: eu só tenho um problema na vida — manter-me vivo.

Isso se deve ao fato de que sou formado de átomos, sou movimento, sujeito à Lei da Inércia, só vou parar se uma força de atrito atuar em sentido contrário. Identifiquei essa força como sendo o que chamo de “ser humano absoluto” e que acabará por me matar se eu não a detiver, o que me parece impossível, apesar de não ser uma força natural, mas inventada pelos homens, pelo simples fato de que demorei muito tempo para me livrar dela e meu corpo já sofreu seus nefastos efeitos. Agora eu não tenho compromisso com ninguém, com nenhuma religião ou filosofia, não pertencço a nenhuma “escola”, linha ideológica, não frequento nenhum tipo de *Salon des Lumières*, não sou obrigado a qualquer tipo de “sociabilidade”, misericórdia ou cortesia com qualquer um que seja, não apoio nenhum movimento ou partido político, enfim eu sou um “espírito livre”.

Não concordando absolutamente como fizeram a interpretação da Bíblia, origem de toda a desgraça humana, não preciso ficar citando estes intérpretes. Estas pessoas que leram a Bíblia e não a entenderam ou, se entenderam, ocultaram (Nietzsche entendeu e escondeu, ao falar de Paulo: “a chamar de Deus a sua própria vontade Torá, isso é “arquijudaico”, no anticristo) não me interessam, pois se estivessem certos o mundo não estaria em tal situação, a vida não estaria às portas da extinção. Só ocasionalmente falarei deles, a maioria das vezes para apontar enganos ou omissões.

E, finalmente, alerto que este é um trabalho de filosofia, o que não deve ser novidade, pois como diz o mafioso “ser humano absoluto”, de filósofo, médico e louco, todo homem tem um pouco. O tema aqui é a relação entre o ser real — o existente, o ente, que chamo de ser natural e que só pode ser explicado cientificamente — e sua relação com o ser humano ideal, que é o ser inventado pelos homens, as explicações que o homem dá ao próprio homem, por isso chamado “ser humano absoluto”. Como ele está contido no ser absoluto e há uma coincidência entre ser absoluto e pensamento, para acabar com as divergências entre Hegel e Schelling, era ele quem determinava e orientava todo o meu agir e pensar, seja científica ou filosoficamente. O único ser real de que posso me ocupar — como ser individual, como relativo, como ente — por razões já apontadas, sou eu mesmo e a minha relação com o ser absoluto.

Trata-se da velha questão filosófica: ser real e ser ideal, realismo e idealismo. O fato de tratar de Deus, religião e Bíblia não o descaracteriza, pois considero Moisés como o maior filósofo de todos os tempos, como mostrado por Jesus de Nazareth, que, além de filósofo, foi um grande curandeiro. E para que não haja dúvida: a existência ou não existência de Deus não tem nada a ver com este trabalho. O que pretendo demonstrar é que Moisés, no Sinai, para reforçar seus argumentos, confundiu o divino do

ser humano com um Deus extra-humano ao afirmar que alguém havia escrito as duas Tábuas da Lei, dando origem, graças a Aarão, a uma civilização doentia e decadente e que levará inexoravelmente à extinção da vida na Terra.

CAPÍTULO 1

Apresentação

1.1 A grande vitória humana

O fim da vida na Terra parece estar próximo e não há nada que eu possa fazer para impedi-lo. As provas da extinção são definitivas e estão por toda parte: grandes mudanças climáticas, com aumento da temperatura ocasionando furacões, incêndios, tempestades de areia, inundações, secas, derretimento irreversível das calotas polares, mudanças comportamentais em todas as espécies de animais, especialmente na raça humana.

Alguns cientistas afirmam que a extinção é um processo natural. Outros, que ela se dará pela ação humana. Todos concordam com o fim, a diferença está no meio. Mas quando se olha para a grande quantidade de animais que já foram extintos da face da Terra e a quase extinção dos rinocerontes africanos, porque alguns homens acreditam que seus cornos têm poderes afrodisíacos, ou mesmo a dos elefantes, que são mortos pelos homens para que suas presas se transformem em bolas de bilhar, ou a extinção de insetos e abelhas porque os homens utilizam agrotóxicos na agricultura, fica difícil falar em causas naturais.

Quando o governo francês autoriza que nojentos velhos franceses se munam de carabinas para matar pequenos pássaros, patos e alces na estação da caça, quando os retardados brasileiros cortam árvores para vendê-las ou incendiam a floresta para apropriarem-se de terras públicas para expandir a

pecuária, com a negligência criminosa do governo, não se pode falar em causas naturais. Os homens agem no mundo como predadores da pior espécie, como plantas parasitas que sugam a seiva de suas hospedeiras: no fim ambas acabam morrendo.

Os buracos negros não são os maiores enigmas do Universo. Mais cedo ou mais tarde a ciência encontrará uma explicação para eles. O grande enigma do Universo, para o qual talvez nunca haja uma explicação, chama-se vida e, principalmente, a vida humana em sua duplicidade ente e ser. Agora que todas as esperanças de salvação da vida na Terra parecem estar perdidas, eu me sinto um tanto responsável, pois nunca fiz nada para preservá-la. Colaborei ativamente, com minha passiva alienação, para a destruição. A ameaça do fim, ao mesmo tempo que me despertou da letargia, trouxe-me uma terrível angústia pelo sentimento de culpa de permitir que este grande enigma seja extinto. Estou profundamente incomodado com a situação. Alguma coisa dentro de mim me diz que a vida tem que ser salva custe o que custar, pois é a única coisa que vale a pena em todo o Universo.

Eu não sei mesmo se poderia viver sem a Terra, se sou um fenômeno inerente, materialmente localizado, exclusivo dela. Como terráqueo, eu não gostaria que se realizasse aquela previsão sombria de Nietzsche:

“Em algum rincão do Universo cintilante que se derrama em um sem-número de sistemas solares, havia uma vez um astro em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da ‘história universal’: mas também foi somente um minuto. Passados poucos fôlegos da natureza, congelou-se o astro e os animais inteligentes tiveram de morrer” (*Sobre a Verdade e a Mentira no Sentido Extramoral*, p. 45, Os Pensadores, Ed. Abril, 1978).

Não, definitivamente não. Eu não quero acreditar, nem pensar, imaginar ou aceitar que a vida inteligente passe como se nunca tivesse existido, que o nada triunfe sobre o ser. Mas o que posso fazer para salvá-la e evitar esse nadificante triste fim? Nada, eu não posso fazer nada para salvar a vida na Terra. mas eu posso contribuir para salvar a vida. Como? Investigando por que ela acabou na Terra e alertar os futuros viajantes do espaço para que não cometam lá o mesmo erro que foi cometido aqui. Eu acredito na ciência e nos cientistas e tenho a esperança de que eles consigam salvar vidas enviando-as para outros planetas. Este trabalho, além de uma confissão do fracasso humano, de impotência, é também, espero sinceramente, uma contribuição para a salvação de todas as formas de vida que existem na Terra.

1.2 A torre de babel e os idiotas gloriosos

Os homens sempre tentaram construir torres para atingir o céu. O Gênesis nos conta que os descendentes de Noé, vindos do oriente, se puseram a construir uma cidade com uma alta torre de tijolos para ser um marco distintivo de sua cidade, como a torre Eiffel em Paris, o Big Ben em Londres ou o Cristo Redentor no Rio de Janeiro. Deus não permitiu e embaralhou suas línguas para que não se entendessem e os dispersou Terra afora. Essa seria a origem das diversas línguas faladas pelos homens. Os historiadores nos contam que outras tentativas foram feitas, sempre em forma de zigurates, citando como exemplo a torre Etemenanki na Babilônia, dedicada ao Deus Marduque da Mesopotâmia, construída por Nabopalar por volta de 610 a.C. e que tinha 91 metros de altura. Muitas cidades modernas têm construído altos edifícios, torres, chamados arranha-céus e, na maioria das vezes, sem necessidade prática, mas como simples marco diferenciador ou, talvez inconscientemente, para desafiar os céus.

Atualmente cinco países têm torres com a finalidade precípua de atingir o céu: os Estados Unidos têm três torres em Cabo Canaveral, na Flórida; uma em Houston, Texas, a Wallops Flight Facility; uma em Vandenberg, em Santa Mônica, na Califórnia; uma privada em Corn Ranch, em Van Horn, Texas; e uma pertencente a uma empresa pública, a Kodiak Launch Complex. A Rússia tem uma torre em Baikonur, no Cazaquistão, e uma no cosmódromo de Vostótchni. A China tem declaradamente quatro torres: Jiuquan, Xinchag, Wenchang e Taiyun. A França tem uma torre em Kourou, na Guiana. O Brasil tem duas torres: Barreira do Inferno, no Rio Grande do Norte, e Alcântara, no Maranhão.

Os homens sempre se comunicaram entre eles, seja pessoalmente ou à distância, através de vários meios que evoluíram de acordo com o avanço da tecnologia: pombos, imprensa, correio, telégrafo, rádio, televisão e a internet, o meio de comunicação mais rápido já alcançado. Aproveitando-se do aparecimento desse novo meio, algumas poucas empresas privadas obtiveram grande sucesso ao promover reuniões de internautas, verdadeiras cidades na acepção grega do termo. O sucesso foi tão grande que logo se tornaram multinacionais, reagrupando os descendentes de Noé por todo o mundo, sem preocupação com as implicações éticas. A sua única finalidade é o lucro. Construíram novas torres na Terra e no céu, originando novas torres de Babel, inteligentemente separadas por línguas, por países, mas também contornando a dispersão linguística com traduções instantâneas. A cidade e sua torre, que Deus havia dispersado, reapareceu com novo nome: mídia ou rede social. Não bastassem as torres na Terra, colocaram satélites em volta dela, já nos céus, para comunicação e exploração do Universo.

O que nunca faltou neste mundo foram idiotas gloriosos. Na Grécia antiga eram chamados sofistas. Hoje não há mais diferença, se é que havia entre os gregos: são sofistas-filósofos e filósofos-sofistas. Os idiotas gloriosos, produtores e reprodutores da decadência cultural anunciada por

Nietzsche, navegam com grande desenvoltura no “ser humano absoluto”, na cultura niilista, na máscara, na banalidade, esbanjando “saber” a mãos cheias, e, graças a esses modernos meios de comunicação — as redes sociais, modernas torres de Babel — se tornaram mestres dogmáticos populares. Nada se cria, tudo se copia. São uma espécie de Barbie, só mudam de roupa.

As fábulas gregas são copiadas e atualizadas, mas com roupagens cada vez mais pobres e ridículas. São os plagiadores dos plagiadores. Imersos no “ser humano absoluto” desde criança, não lhes é difícil navegar nele. Basta ler alguns livros ou ir à escola que qualquer pessoa, mesmo semianalfabeta, estará habilitada a falar e a se mover com absoluta convicção e desenvoltura em seu seio. Qualquer idiota pode se tornar um “blogueiro” famoso, um “youtuber” ou um “influencer” e logo arregimentar milhares de “seguidores”. Nas mídias sociais, qualquer pessoa pode externar seu “ser humano absoluto”, inventar histórias, contar fábulas e até se eleger presidente de qualquer país.

A moderna Torre de Babel divulga tanto disparate, tanta confusão, que ninguém mais sabe o que é certo ou que é errado, tudo é válido para se destacar, mesmo matar e se matar, explodir e se explodir. Os construtores das torres, para camuflar o apoderamento dos perfis volitivos e psicológicos dos usuários, atribuem toda a confusão que causam a forças exteriores: porte de arma, cocaína, imigração e até mesmo a religião ou a falta dela. Como aglutinadoras, elas se tornaram o ponto de encontro e exploração de toda a banalidade humana, da exteriorização da negatividade existencial e de toda vulgaridade e burrice que o ser humano é capaz de incarnar.

Na Torre de Babel, a verdade se tornou politicamente incorreta, a comunicação eletrônica eliminou o *face to face*, cara a cara, o olho no olho. A mentira, *fake news*, é a grande vencedora. A verdade depende da força

dos grandes interesses, sejam estatais ou empresariais. Impressionantemente as grandes burrices da Torre passaram para as mídias tradicionais, TV e jornais, que tentam a salvação se igualando absurdamente aos seus baixos e medíocres padrões para não se tornarem obsoletas. É chocantemente impressionante ler jornais e revistas, ouvir rádio e ver e ouvir televisão e perceber que a inutilidade, a mesmice e a falta de inteligência está se generalizando rapidamente em todas as esferas sociais. A democratização dos meios de comunicação com a ascensão das massas à internet não significa nada, nenhum avanço, não traz nada de novo. Karl Marx não tinha razão, pois todas as classes sociais estão dominadas pelo mesmo “ser humano absoluto”, não há ruptura, só explicações, interpretações estapafúrdias da realidade: burrice não é privilégio de nenhuma classe social.

Todas as boas coisas que o avanço tecnológico pode nos dar — a internet ou a inteligência artificial, por exemplo — estão sendo desvirtuadas, como sempre, pela ignorância humana. Basta ver a chamada “deep web”, onde a maldade, a sujeira e o pior do ser humano aparece à luz do mundo. Apesar de todas as dificuldades pelas quais passam as sociedades reais, essa horrível civilização eletrônica está longe do fim, na verdade está só no começo. O reconhecimento facial usado pelas ditaduras para controlar seus cidadãos tende a se generalizar como instrumento de opressão.

Certamente o castigo pela exteriorização da negatividade humana não tardará e não será, desta vez, a dispersão linguística, e sim o total aniquilamento do pensar e da reflexão dos usuários, roubados ou doados inconscientemente para a inteligência artificial. Ela é a intermediária, o instrumento para determinar comportamentos e maneiras de pensar, de votar e de decidir. O homem se reafirma como marionete movida por cordões invisíveis, mas, é necessário que se diga, sempre manipulado por

outros homens, como sempre foi. Quando atingirmos o ápice, estamos quase chegando lá, o fim da vida na Terra será inevitável. A Torre de Babel é o sinal do fim dos tempos: procura o céu, vai acabar no inferno.

Os navegantes absolutistas tornaram-se repetitivos, insossos, sem imaginação, restando-lhes somente confundir as palavras, as definições e o significado dos conceitos, interpretando os grandes filósofos de maneira própria, atribuindo-lhes alhos por bugalhos, alegando ir além da obra, sempre com duvidosas palavras difíceis, a deixar sempre dúvida e possibilitar diversas interpretações por não saberem do que estão falando, desmentindo a afirmação de Kant de que existem dois tipos de filósofos: o que cria e o que divulga a criação.

Os dois exemplos mais típicos da confusão que geraram ocorrem em relação às palavras ética e justiça. Cada um usa as palavras no sentido que inventou, ou repetem por terem ouvido falar, chegando a um ponto em que somente duas ou três pessoas no mundo conhecem realmente seus significados. Uns dizem que ética é a ciência da moral, outros, talvez, que a moral é a ciência da ética. A ladainha “queremos uma sociedade mais justa” é repetida diariamente por ser politicamente correta, demonstra altruísmo, mas ninguém sabe realmente do que está falando. Há 2.400 anos, Sócrates já havia denunciado esta gente sem importância, matracas, camufladores da realidade, alienados, dissimuladores, navegadores mascarados, fora de foco.

Ninguém se salva, pois, se existem uns poucos que sabem a verdade, guardam-na para si, mentem, iludem, sempre prontos a tirar proveito material do que sabem. São os grandes vigaristas internacionais. E a maioria dos idiotas, o rebanho, segue o ritual desleixado do não pensar que cansa, quando muito apresentando variações interpretativas exóticas do “ser humano absoluto”, geralmente plágios camuflados, tentando se apresentar, e convencer, como inovadores donos da verdade. São uma espécie de ave

rara, papagaios em preto e branco, exibindo a triste e lamentável incapacidade cerebral humana de pensar e refletir, mas mostrando ignorância e má-fé suficientes para iludir e tirar proveito daqueles que são ainda menos dotados intelectualmente e, por isso, inocentes. Mas todos, todos, sem exceção, estão sob o domínio do “ser humano absoluto”, que começou a ser criado há cerca de três mil anos, quando Abraão escutou a voz de seu Deus e rompeu, ele sim, o “ser humano absoluto” que o dominava. Infelizmente esse “ser humano absoluto” foi, não intencionalmente, diga-se, duplicado por Moisés no Sinai com a introdução de um novo Deus, que prevaleceu e substituiu o Deus de Abraão, Isaac e Jacó para a maioria, exceto, talvez, para dois ou três judeus. O novo Deus se fortaleceu e dominou a maior parte do mundo quando Platão separou o corpo da alma e foi assumido pelos discípulos de Jesus de Nazareth, como bem viu Nietzsche.

A inteligência artificial, com alguns logaritmos, é o último e mais poderoso anestésico de dominação, controlada por poucos países, usada por alguns poucos para ganhar dinheiro e assumir a direção do “ser humano absoluto”. A estupidez humana é tão grande que não consegue enxergar que os cinco ditadores que têm direito de veto nas decisões da ONU — Estados Unidos, França, Inglaterra, China e Rússia — não querem mudar nada e não permitem que os outros países mudem. Eles têm armas nucleares, mas não querem que os outros as tenham. A corrida agora é pela busca dos robôs assassinos para matar e não morrer. A ONU é uma ditadura que defende a democracia, claro, para os outros e todos os idiotas, e são muitos, não enxergam nada, fazem de conta que são cegos. Essa vergonhosa ditadura garantidora dos privilégios dos donos do mundo, junto com o conjunto das mídias sociais que controlam, estão desestabilizando o mundo, são eles que vão acabar com a vida na Terra. Vamos esperar que esses salafrários não levem suas imundícies para o espaço.

Quero distância dessa gente, mas não vou fazer como Descartes e imaginar que existe um Deus enganador que me ilude, ou como o ermitão Zaratustra, que se retirou para as montanhas para refletir durante dez anos. Há mais de três mil anos, Abraão já superou essas fases, descobrindo Deus e saindo de sua terra para criar uma nação. Zaratustra tentou imitá-lo, pregando que “Deus está morto”: só arregimentou um defunto. A minha consciência é o meu Deus único. Certo, foi pensando, refletindo e mesmo estando envolvido pela depravação humana, que me liberei do falso “ser humano absoluto” inventado por esses vigaristas e que me foi inculcado desde criança.

Agora sou um espírito livre, só reconheço como válido o pensamento expresso por aqueles que não dividem o homem em três — corpo, alma e o indefinido —, isto é, os não platônicos e que não desprezam seu corpo e nem a vida na Terra. Meu caminho foi encurtado e, no final, só três pensadores restaram: Moisés, que viveu antes de Platão; Jesus de Nazareth, que combateu Platão; e Nietzsche, que desmascarou Platão. O homem é o Deus enganador. Foi ele que inventou um falso Deus como líder de um falso “ser humano absoluto”, que gerou um desprezível desamor pelo corpo, modernamente demonstrado pelas tatuagens, e pela vida na Terra. O fim está próximo e os homens ainda sonham com o Paraíso de Dante. Se os sinais da extinção estão por toda parte, o mesmo não posso dizer das causas.

CAPÍTULO 2

Introdução

A divulgação pela National Aeronautics and Space Administration-NASA da descoberta de um planeta gêmeo da Terra, quer dizer, capaz de abrigar vida humana, o Kepler 425b, ao lado de outros 1.500 exoplanetas já observados, todos capazes de nos suportar, é o resultado de alguns anos, mais ou menos 20, de pesquisa e de trabalho. A missão Kepler, do programa Discovery, especialmente desenvolvido com aquela finalidade, não elenca entre os objetivos previstos em seu regulamento sua razão de ser, isto é, os motivos pelos quais busca planetas habitáveis, ou melhor, planetas em “zonas habitáveis”. Embora em suas preliminares o termo seja citado, a impressão que dá seu regulamento é que a busca por planetas habitáveis é uma simples curiosidade científica, sem outras pretensões.

O Observatório Europeu do Sul-ESO anunciou, em 15 de dezembro de 2017, a descoberta do planeta Ross 128b, também com possibilidade de abrigar alguma forma de vida. Em seu regulamento, o ESO demonstra claramente a intenção de buscar vida fora da Terra, que poderia ser interpretada como, essa sim, uma curiosidade científica. A China, que entrou recentemente na corrida espacial com o início da construção de uma plataforma e colocou no solo de Marte um Rover para pesquisas, não esclarece os motivos pelos quais se lançou na empreitada: afirmação política, curiosidade científica ou exploração comercial? Será que, como os americanos, pretende enviar homens à Lua e a outros planetas? Nada posso afirmar sobre suas intenções por falta de informações confiáveis. A NASA

pretende lançar um novo telescópio, o James Webb, com a expectativa de que ele pesquise mundos distantes em busca de sinais de habitabilidade e vida a bilhões de anos-luz de distância e dar uma visão do Universo em seu início. (Renata Baptista, 08/09/2021, uol, de 09/09/2021).

Há muita diferença entre “buscar vida fora da Terra”, que pode ser um vírus, uma molécula, e “descobrir planetas em zonas habitáveis”, o que quer dizer habitáveis pelos seres humanos, que significa ter água e oxigênio. Diferença de objetivos, diferentes métodos e instrumentos de trabalho. Enquanto o Observatório Europeu do Sul trabalha com seus telescópios, esperando impacientemente pelo funcionamento do novo Extremely Large Telescope-ELT, a ser instalado no Chile, para desvendar todos os segredos do planeta Ross 128b, a NASA trabalha com satélites, muitos deles secretos, e com a sonda Kepler, que é um observatório espacial que viaja numa órbita exterior, numa trajetória de perseguição solar da Terra. A grande jornada humana rumo ao espaço está prevista para começar em 2021 com o Artemis Program, da NASA, baseado no tripé Exploration Ground Systems, Space Launch Systems e a nova cápsula Orion. A ideia é colocar uma estação espacial (Space Launch Systems) ao redor da Lua para abrigar astronautas e explorar o satélite, montando uma base de apoio para viagens a Marte e a outros planetas:

“With Artemis missions, NASA will land the first woman and first person of color on the Moon, using innovative technologies to explore more of the lunar surface than ever before. We will collaborate with commercial and international partners and establish the first long-term presence on the Moon. Then, we will use what we learn on and around the moon to take the next giant leap: sending the first astronauts to mars.” (site da NASA)

A espaçonave chinesa Tianwen-1 levou o Rover Zhurong que pousou em Marte para pesquisar o solo daquele planeta. As primeiras fotos feitas por ele foram divulgadas pela China National Space Administration em seu site, junto com a informação de que o Rover vai funcionar até setembro, talvez outubro de 2021. A China também está construindo a sua estação espacial. Vale lembrar que os americanos também têm Rover explorando a superfície e o subsolo marciano com as missões Curiosity Mars Rover e Perseverance Mars Rover.

A quase obsessão com que os cientistas americanos se lançaram nessa busca apressada e não na procura de uma solução para o vilão da extinção, talvez seja a prova mais contundente de que eles já não acreditam na salvação do nosso planeta e procuram uma maneira de salvar a vida humana. As causas de uma possível extinção da vida na Terra, que sempre foram pensadas como resultantes de algum acidente como o choque com asteroides, à imprudência humana com o crescimento da população e o esgotamento da capacidade da produção de alimentos — nem sempre relacionadas, Malthus talvez tivesse razão — ou até mesmo da destruição pelas armas nucleares devido à insanidade humana, deram lugar ao aquecimento global resultante da emissão de CO₂ liberado pela queima de combustíveis fósseis e do metano expelido pelos peidos e arrotos das vacas como a provável causa da extinção. Uma corrente de cientistas, principalmente americanos, porém, acredita que ela se dará por causas naturais, como aconteceu com a grande glaciação.

Nos Estados Unidos, talvez contando com maior número de adeptos, os cientistas, fazendo coro com colegas do mundo todo, apontam a ação humana como responsável pela extinção, mas dizem que ainda há tempo para salvar o planeta, bastando diminuir ou acabar com a emissão dos gases poluentes, no entanto, estranhamente, não falam em alguma forma de controle deles na natureza. Essa corrente, que a França — com o acordo de

Paris sobre o clima e recentemente com um *rappel à l'ordre* — tenta liderar, luta contra o aquecimento global, o vilão, que geralmente é atribuído ao sistema capitalista de produção, à desenfreada busca pelo lucro, à globalização. Na sua última reunião em Paris, o presidente da França alertou que eles estão perdendo a batalha devido ao não cumprimento do acordado. De fato, ninguém deve esperar, embora tenham assinado o acordo, que o governo brasileiro irá impedir o fim da floresta amazônica, que o governo chinês vá proibir o uso do carvão em suas usinas ou que o governo francês, o uso de diesel em seus automóveis.

Antagônicas quanto à causa, essas duas correntes de opiniões, todavia, concordam num ponto: o planeta Terra está ameaçado e a vida humana pode se tornar impossível. Ninguém ousa negar as evidências fáticas já apontadas. Enquanto a primeira toma medidas práticas, como autorizar a NASA a retomar as viagens tripuladas, a segunda tenta alertar os dirigentes mundiais para o fato de que estão perdendo a guerra. Qualquer que seja a causa, natural ou humana, mesmo uma interação entre as duas, com as ações humanas abrindo a Caixa de Pandora da natureza, libertando forças devastadoras, o fim parece estar próximo.

A tentativa de salvar a espécie humana colonizando o Universo levanta várias questões, já abordadas por escritores, ufólogos e místicos de toda espécie: eram os deuses astronautas? A vida humana veio do espaço para onde está retornando? Somos descendentes de destruidores de planetas? Todas essas questões têm importância óbvia, mas não me interessam aqui. Também não estou preocupado se encontraremos ou não um planeta habitável, pois não sou absolutamente partidário de que os homens colonizem algum outro planeta nas condições atuais: seria como espalhar lixo pelo Universo, que não merece esse desrespeito e essa afronta abominável, pois o pouco desenvolvimento cerebral que só permite ao homem imaginar outros seres vivos com a mesmas características

morfológicas, com as mesmas mazelas, os mesmos vícios e maldades, predispõe-no a desequilibrar todo o sistema universal.

Nada justifica a presença humana, em seu estágio cultural atual, na galáxia, como nunca foi justificada na Terra, a não ser religiosamente. A tentativa de povoar o Universo com a espécie humana, levanta também a questão de saber quem vai ser enviado ao novo planeta, quais serão os critérios utilizados na escolha dos salvadores da vida. Como são os americanos que estão na vanguarda e patrocinando a pesquisa, espera-se que eles irão enviar seus cidadãos, sua cultura e sua modo de vida, apesar de que a plataforma espacial atualmente em órbita tenha diversos patrocinadores. Logo a bandeira americana será fincada em Marte, como na Lua, e se poderá falar: Marte é um estado americano. Isso, claro, se a China não chegar antes.

A existência ou não de vida fora da Terra, seja ela qual for, com qualquer finalidade, também não será preocupação deste trabalho, que se dedicará exclusivamente ao estudo da vida dos terráqueos, sua relação com o fim da vida na Terra, a procura por supostos planetas habitáveis — programa desenvolvido pela NASA — e com o possível envio de seres humanos ao espaço, portadores da mesma cultura capaz de destruir o planeta Terra.

As altas somas gastas e o envolvimento político parecem confirmar que não se trata de curiosidade científica e sim de preparação para a extinção, o que tornaria inútil a busca por riqueza. A NASA foi autorizada a retomar suas viagens tripuladas rumo à Lua e a Marte com a finalidade, desta vez, de estabelecer bases permanentes tanto no satélite quanto no planeta. Por outro lado, a iniciativa privada, sempre em busca do lucro, também está desenvolvendo seus projetos, pretendendo viabilizar um sistema de transporte a partir da Terra, inicialmente rumo a Marte. Se a

extinção da vida na Terra é a preocupação fundamental dos cientistas, a dos empresários é o lucro, seja com um sistema de transporte, seja com a exploração de minérios. Eles obviamente não acreditam na extinção.

O que me preocupa é pensar que os homens vão levar para fora da Terra, para o Universo inteiro, a mesma cultura suicida, contaminando a imensidão do cosmos. A finalidade deste trabalho é alertar os futuros habitantes de outros planetas para o papel fundamental que eles exercerão, pois não se trata somente de preservar a vida, mas também de garantir que ela não se extinga no futuro, como está prestes a ocorrer na Terra. Eles não têm o direito de cometer lá os mesmos erros cometidos aqui. Enquanto os cientistas estão preparando toda a sua parafernália para a exploração do espaço, os astronautas, que certamente estão preparados física e mentalmente para a sua difícil missão, devem se preparar também filosoficamente, pois, ao que tudo indica por entrevistas que concedem, estão possuídos pelo mesmo “ser humano absoluto” que levou a humanidade a essa horrível situação. O fim parece estar próximo e não há mais nada que eu possa fazer a não ser alertar os viajantes espaciais para as suas imensas responsabilidades com relação à preservação da vida. Os cientistas e os astronautas precisam de tempo, que talvez não haja, até que estejam preparados para salvar alguns humanos.

Mas como ganhar tempo com as instâncias sociais, políticas, jurídicas e científicas atuais? Que ajuda podem esperar de uma Câmara dos Comuns britânica e de um Parlamento Europeu com seus vergonhosos e infantis comportamentos demonstrados na questão do Brexit? E o que dizer da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos que, como parte integrante da maior nação democrática do mundo, reúne-se às escondidas, portas fechadas, para impedir o seu presidente? O que esperar dos estúpidos brasileiros com seu idiota presidente que chama a esposa para falar em Deus? O que esperar do povo francês que, de um lado se recusa a tomar a

vacina que pode trazer a imunidade coletiva contra a covid-19 e, de outro, vive em manifestações exigindo que o governo preserve a vida deles? O que esperar da ridícula e inútil ONU, na qual cinco países têm o direito de vetar qualquer resolução que não interesse a eles ou a seus chantageados?

Esperar que esta estúpida gente faça alguma coisa para protelar o fim é o mesmo que esperar que o medíocre governo brasileiro faça alguma coisa em defesa da Amazônia ou que o presidente da França, com suas duas caras, tome alguma medida prática em atenção aos inocentes pedidos dos alienados cidadãos franceses — que saem em passeatas exigindo que o governo faça leis impedindo as sacolas de plástico de passearem nas ruas ou banharem-se nos rios e mares e que os *trottinettes*, em Marselha, sejam proibidos de jogarem-se no mar após terem sido usados. Esperar alguma atitude dessa gente idiota é o mesmo que esperar que o Santo Padre, com seu exército de pedófilos, siga as lições de Jesus de Nazareth e consiga salvar a humanidade. A falta de atitude das autoridades, dos cientistas e do povo me faz acreditar — o meu medo — que, apesar de descobrir planetas com possibilidades de abrigar vida, não haja tempo para a salvação, o que torna viável aquela sombria profecia de Nietzsche.

Não há nenhum outro lugar do mundo em que a Teoria da Predestinação de Calvino seja mais visível do que nos Estados Unidos, onde se percebe claramente, com raríssimas exceções, que os eleitos se reuniram no Partido Republicano e os condenados, no Democrático. Trump certamente é um eleito, assim como Nancy Pelosi é uma condenada. O que não sei, pelo seu comportamento, é se ela é uma viva-morta ou uma morta-viva fazendo votar na Câmara o impedimento do presidente, mesmo sabendo que ele não passaria no Senado, pelo simples prazer de satisfazer seu ego doentio. Estados Unidos onde um negro, Barack Obama, que foi presidente por oito anos e não fez nada pela sua raça, agora vem a público, com ar de doutor sabe tudo, defendê-los.

Ou como aquele outro, Fernando Henrique Cardoso, que foi presidente do Brasil por oito anos após ter subornado, através de um ministro, os parlamentares para que mudassem a Constituição para que pudesse se reeleger, obrigando o povo brasileiro a ter de aguentar dois ignorantes Lulas, duas marionetes estúpidas Dilmas e talvez até dois ignorantes e burros baixo-clero Bolsonaros e agora, demonstrando arrependimento e confessando seus pecados, como Jacó, aparece nos meios de comunicação, com ar professoral, vomitando suas porcas ideias e inúteis conselhos. Eu preciso citar o nome dessa gente toda para que eles saibam que nem todo mundo é burro e para que todos saibam quem foram os grandes responsáveis, claro que não foram os únicos, pela destruição da vida na Terra. Não há como ganhar tempo com esse tipo de gente.

Existem muitas pessoas interessadas em abandonar a Terra e mudar-se para outro planeta, especialmente a geração Marte da NASA. A essas pessoas, heroicos pioneiros no meu modo de ver, mesmo não sabendo por que pensam em abandonar família, bens e tudo o mais, mudando-se definitivamente para outro planeta sem perspectiva de retorno, dedico este trabalho, porque estão fazendo um grande esforço pela humanidade, conscientemente ou não: eles evitarão a extinção da vida — espero que não somente, mas especialmente — humana, se não repetirem em Marte o mesmo erro que foi cometido na Terra. Vou contar-lhes como a civilização humana chegou ao ponto de se autodestruir.

A primeira coisa que devem saber é que todo ser que nasce, nasce para viver e não para morrer. O silogismo aristotélico — “Todo homem é mortal, Sócrates é homem, logo Sócrates é mortal”, que sintetiza o dogma fundamental da filosofia grega, da qual eu era um infeliz herdeiro — de que “todo homem nasce para morrer” contrapõe-se à filosofia hebraica antiga, desde Abraão até o Sinai de Moisés, onde a meta era: “todo homem nasce para viver”. O que o hebreu antigo almejava era viver muitos anos na Terra,

numa época em que a média de vida era muito baixa. Dizer que uma pessoa tinha vivido 900 anos era afirmar seu prestígio com Deus e não porque o calendário era outro etc. Já bem mais tarde, o próprio Deus de Israel, quando Salomão pediu, em sonho, clarividência para distinguir o bem do mal, respondeu:

“Por teres pedido isso e não vida longa e nem teres pedido riquezas e nem a vida de teus inimigos, eu te darei o que pediste e o que não pediste: riqueza e fama [...] E se andares por meus caminhos eu te darei vida longa” (Reis, 3-10).

Mesmo o Senhor se espantou por Salomão não pedir vida longa, o que era comum ainda naquela época, pois não há nada que o homem faça que não tenha por finalidade manter a vida, evitar a morte.

A segunda, em decorrência, é que os dois senhores absolutos que eu, como homem, tenho, são a vida e a morte. Felicidade, alegria, bem-estar são apenas incentivos para a vida, assim como o prazer do sexo não significa que o sexo exista para o prazer. Os idiotas utilitaristas ingleses, plagiadores dos hedonistas gregos, deveriam ser condenados à lata de lixo. Como a filosofia grega da morte suplantou a filosofia israelita da vida? É o que vou mostrar com este trabalho.

O Deus que os homens adoram, o das tábuas quebradas, é um falso Deus que Moisés, inadvertidamente, criou no Sinai e foi apropriado por Aarão. Vendo o povo adorar as tábuas que ele disse que foram escritas por Deus, chamadas bezerro de ouro, percebeu seu erro, quebrou-as e voltou ao cume para escrever, ele mesmo, outras duas tábuas e, com sentimento de culpa, deixou a liderança do povo, retirou-se, ou foi retirado, para morrer — ou foi morto — nas montanhas. Este é o ponto alto deste trabalho, apontando onde foi cometido o grande erro da humanidade: a criação de uma religião contrária à de Abraão e que resultou, com a união de Platão e

Jesus de Nazareth, no plato-cristianismo, que conspurcou toda a civilização ocidental ao deturpar o “ser humano absoluto”, criando um homem fantoche, um infeliz puxa-saco que vai acabar com a vida na Terra.

Em algum ponto de sua obra, Nietzsche afirma que a decadência da civilização humana começou quando Platão separou o corpo da alma. Embora reconhecendo o acerto da sua crítica, Platão realmente operou a separação, eu vou mais longe afirmando que Platão também criou o Paraíso e a Trindade: se não criou Deus, pelo menos engravidou o diabo. Mas as criações de Platão seriam somente mais uma das tantas fantásticas e ridículas fábulas infantis gregas, não fosse a introdução, pelos cristãos, de um novo Deus, contrário ao Deus do Antigo Testamento que os gregos haviam adotado. A essa mudança, à qual Nietzsche dá o nome de decadência, eu chamo consumação do grande erro.

O aparecimento da alma e, principalmente, desmembrada do corpo gerou, com o helenismo, uma grande confusão na filosofia dos israelitas, porque muitos acreditaram nela. A Cabala, já na nossa era, é uma amostra real disso. A prova deste verdadeiro terremoto transparece na filosofia de Jesus de Nazareth, que é uma crítica contundente contra aquela influência, com ênfase maior na separação entre alma e corpo, explicitamente expressa no evangelho apócrifo de São Tomé. Muito mal-entendido pelos seus seguidores, inclusive quanto à ressurreição, suas ideias, como eles entenderam, encaixaram-se como uma luva na fábula platônica, introduzindo o Deus das almas, do Paraíso e da Santíssima Trindade. Não foi só Platão o responsável, foram também os cristãos e os israelitas cabalistas e rabínicos. A civilização nascida desta decadência — o niilismo, negação do mundo —, que se tornou mundial pelos romanos, pelos francos, pelos europeus, pelas Cruzadas e pela horrível colonização, dá sempre a impressão de estar chegando ao fim, pois quem nasceu decadente não pode ser outra coisa senão decadente. Mas, infelizmente, ela certamente não se

autoextinguirá e, como faz uma planta parasita, ela só morrerá com a morte do hospedeiro, a morte da vida humana.

Como os homens conseguiram criar aberração tão demoníaca, destruidora do planeta? Sim, o “ser humano absoluto” foi construído por homens de carne e osso há milhares de anos, precisamente a partir de Abraão — sem levar em consideração o chamado período mítico —, a machadadas, na ponta da espada, a ferro e a fogo, em apalpadelas, com incertezas, dúvidas. Nem sempre, mas na maioria das vezes, por incapazes, infelizes, ignorantes com cérebros em diferentes estágios de desenvolvimento. É bem verdade que a diferentes estágios de desenvolvimento cerebral correspondem diferentes pesos do “ser humano absoluto”. Hoje que seu peso se tornou insuportável, mesmo para o cérebro humano mais evoluído, fica cada vez mais difícil inculcá-lo na cabeça das crianças e dos adolescentes. Não suportando tal peso e cegos, os homens acomodam-se e o aceitam como ele se apresenta, sem discutir, e os poucos que discordam são chamados de loucos ou desajustados.

O método que decidi usar para investigar é o do choque conforme já mencionado. Como não posso pensar pelos outros e nem, graças a Deus, me pôr no lugar de ninguém, o único ente que posso e vou usar como modelo sou eu mesmo, isto é, vou imaginar que, quando eu falo em extinção da vida na Terra, eu sou o único que vai desaparecer. Quero saber como me foi imposta a máscara, o “ser humano absoluto”, que me tornou um “Terracida”, uma bomba-relógio capaz de destruir um planeta, que me fazia enxergar a realidade como os outros queriam que eu visse. Eu acredito que foi por usar essa máscara que estou condenado à extinção, embora já me tenha dela livrado.

Eu estou convencido de que, mesmo do ponto de vista científico, o “ser humano absoluto” foi completamente desvirtuado pela religião, pois,

infelizmente, os cientistas também estão contaminados pela ideia de que eles têm uma alma independente do cérebro, o que interfere de forma grotesca na elaboração dos conceitos científicos. Vou deixá-los de lado e dedicar-me à participação da religião na sua formação. Assim, não basta estudar a França e sua colônia intelectual, o Brasil, para explicar a minha máscara, agora consciente. Eu preciso ir mais longe para descobrir como se deu o grande erro que Nietzsche atribui a Platão e eu, a Moisés.

A melhor maneira de descobrir como cheguei a este estado de fantoche, a esta miserável e duvidosa situação, ao impasse que me faz perder o sono, a este desencontro irremediável com o meu ser individual talvez seja respondendo à primeira das três perguntas que Deus fez a Adão após a falta: “Onde estás?”. Os judeus dizem que essa pergunta, *ayeca*, pode também ser interpretada como se fosse “Como você chegou a esse ponto?”, *ayeca*. Afirmam também que Adão representa toda a humanidade, à qual seria a interpelação endereçada. Nietzsche respondeu, dizendo: “A culpa é de Platão”, seguindo o exemplo de Adão, que respondeu: “A culpa é da mulher que me deste”, e Eva culpa a serpente: “Ela me ofereceu e eu comi”.

Eu, não como o guardião da humanidade, mas como interpelado, pretendo responder por mim mesmo e tentar explicar como cheguei a esta situação. A simples pergunta já traz em si uma duplicidade: antes eu era um, agora sou outro. Alguma coisa mudou em mim para pior, aos olhos de Deus, mas como responder, se eu mesmo não sei como cheguei a esta situação e qual era a anterior? Para responder, tenho de fazer uma reflexão, investigar quais são essas duas situações. A atual, pelo visto, não é do agrado de Deus. Eu me tornei uma espécie de Janus, com duas faces, uma natural criada por Deus, e a outra, artificial ou cultural, estranha, criada pelos homens. Como se deu essa passagem, como cheguei a “isso”, como passei de ser um corpo para ter um corpo? Quando, como me dupliquei ou

tripliquei? Eu era um ser único, como Adão antes da queda, isto é, o sujeito natural antes de comer o fruto da árvore do conhecimento, agora sou ser que tem alma e tem corpo? Além de responder a mim mesmo, responderei a Deus, se é que também fui inquirido, como dizem os rabinos. Seguindo os exemplos citados, eu digo que a culpa principal foi de Moisés que criou, no Sinai, sem intenção e com arrependimento, o Deus que viria a se tornar o Deus dos cristãos.

CAPÍTULO 3

Vida e morte

A cada vez (todas) que penso na minha morte, sinto um grande vazio, uma deprimente angústia, um grande desespero, falta-me chão, entro em pânico, um horror. É um não aceitar o nada, um não existir, um não ser, um nada assustador, estonteante, tirador de fôlego, nauseoso. Como pode a visão do nada ser tão dramática? Por que não aceitar a morte? Por que sinto claramente dentro de mim que nasci para viver e não para morrer? Porque não consigo ver a morte como uma certeza, apesar de sinais da decadência em meu corpo? Mas como posso saber que vou morrer? É bem verdade que meus pais, irmãos e amigos morreram. Mas isso não prova nada, não é uma certeza absoluta, não pode ser transformado em um dogma: “todo homem é mortal”. Como contraprova, tenho Henoc, Elias e Jesus de Nazareth que não morreram. A certeza que posso tirar daqueles fatos é que os que morreram eram mortais. Quanto aos viventes, nada posso afirmar, só duvidar: será que todos vão morrer ou alguém será imortal?

Felizmente existem três remédios eficazes para aliviar esta grande aflição, esta síndrome do pânico: não pensar no fim, acreditar que existe algo além da vida, que o nada não existe ou aceitar a ideia conformista de que tudo vai acabar e pronto. Durante toda a minha vida, tenho usado dois remédios indistintamente quando o pensamento me vem à mente, principalmente antes de dormir. Não perco o sono e durmo tranquilamente, reconfortado pelo meu anjo da guarda. O primeiro não exige muito esforço, só esquecimento; o segundo, que tem um princípio absoluto, dualista, eu

sou dois, mortal e imortal, corpo e alma, exige fé e obediência cega, preço muito alto a ser pago pelo reconfortante alívio. Como não me sinto portador de nenhuma alma e duvido que seja mortal, o terceiro remédio, e que poderia resolver o problema, não me tem serventia alguma. Paliativos, esses medicamentos apenas atacam os efeitos e não a causa do problema, que continua desafiador, retornando a cada noite, impedindo a chegada do sono. Como resolvê-lo? O primeiro passo, penso, é isolá-lo. Qual é o real problema? Ter medo da morte? Não. Essa seria a consequência. O problema deve vir de algo externo, pois não teria sentido, face à minha certeza absoluta, que fosse interno. Alguma coisa está se contrapondo à minha força interna, pondo em dúvida minha imortalidade. Que coisa terrível será? A hipótese mais verossímil é a seguinte: alguma coisa na civilização judeu-greco-romana-cristã, usos e costumes, cujo dogma fundamental é justamente “todo homem é mortal”, na qual fui educado, está em contradição com a minha firme convicção, apesar de pregar a imortalidade através da alma. Eu e o mundo concordamos com o conteúdo, não com a forma. O dogma que me divide em dois e que não consigo aceitar — por ser irracional e ilógico e por isso mesmo gerou um campo de estudo específico, a religião, na qual não pode ser discutido — é certamente a base da máscara que me envolvia e dominava, deturpando a finalidade da minha vida, que é viver. Era tudo uma questão aritmética: imortalidade integral ou parcial.

Essa civilização, tão bem descrita em sua evolução histórica por Enrique Dussel em “A ética da libertação”, traz em seu núcleo um erro grosseiro originário, a exteriorização do Deus de Israel, uma constatação fática, a inevitabilidade da morte e uma solução infantil, mas convincente, de Platão, a separação corpo e alma que foi assumida pelas religiões, ajustando-se sob medida às expectativas dos fiéis, dando-lhes esperança de imortalidade. Solucionando, explicando, tornou-se dogmática e irracional, adentrando o campo ascético da fé. Nietzsche aponta Platão, culpando-o pelo que considera como a decadência da civilização humana, sem levar em

consideração o fato de que ele estava tentando dar uma resposta ao problema da morte humana. Esses três erros envenenaram toda a evolução da civilização humana.

O “ser humano absoluto” gerado pela civilização judeu-greco-romana-cristã era a fonte das minhas dificuldades existenciais. Ele é tão pesado e poderoso que, mesmo para me descrever como ente, não tenho outra opção, sou obrigado a valer-me dele, o que talvez não seja demérito algum, pois mesmo o Deus dos hebreus, quando respondeu a Moisés, fez o mesmo: “Eu sou o que sou”, “Eu sou o Deus dos seus pais”. Assim faz qualquer artista, escultor, pintor, músico etc. que tem de valer-se de meios culturais e materiais para expressar seu ser individual. Esta dificuldade operativa gerou muito mal-entendido, confundiu o indivíduo com o absoluto, e equivocadas interpretações, às vezes propositais, de leitores e escritores. O “ser humano absoluto” me dominou por muitos anos, envenenando-me lentamente, gota a gota, desde o nascimento, impedindo-me de compreender o meu ser individual, até que a leitura de Nietzsche me acordou do sono dogmático, como Hume fizera com Kant. O “ser humano absoluto” é o verdadeiro Leviatã, que usa todos os meios possíveis, imagináveis e abomináveis para impor-se. O aparelho estatal policial é apenas um deles, vítima também, como executor ético. A religião, como núcleo aglomerador e irradiador do absoluto, é o seu o tentáculo mais avassalador.

3.1 A procura de mim

Quem eu penso que sou? Chegar a uma conclusão de caráter especulativo com base científica exigiu muita pesquisa em diversos campos do conhecimento, filosofia, teologia, psicologia etc. Entre as ciências, a biologia, que muitos usam para definir o início da vida, tem uma grande

limitação, pois só começa suas análises a partir da primeira molécula saída da “sopa” primordial. Eu tive que me valer principalmente da química e da física, pois a intenção é ir além da molécula, aos átomos que a compõem, para aproximar-me daquilo que penso ser. Outras ciências, principalmente a nova neurobiologia com o estudo detalhado do cérebro, colaborou, mas — infelizmente, por falta de visão de alguns cientistas que se divertem infantilmente fazendo experiências para provar, através de eletrodos, como o cérebro humano consegue mover objetos externos —, poderia ter ajudado muito mais se tivesse objetivos menos ambiciosos e se concentrasse em provar a capacidade do cérebro em modificar órgãos internos, popularmente conhecidos como “milagres”, que é sua função e a razão pela qual existe.

A possibilidade de corresponder-me telepaticamente com alguém nos Estados Unidos, com ou sem eletrodos, seria uma etapa posterior, pois, creio, ninguém conseguirá mover nada exteriormente com ondas cerebrais, pensamento, enquanto não for capaz de mover tudo internamente. O desenvolvimento do cérebro é o único que devo levar em conta na avaliação da minha evolução. É certo que tenho a possibilidade de viver mais tempo que meus antepassados, com raríssimas exceções, mas isso se deve a avanços médicos, muletas que não precisaria usar, se eu, como cérebro, desempenhasse plenamente minhas funções. A lenta evolução, que só pode ser percebida no tempo, dá a impressão de que não há avanço ou mesmo que há regressão no domínio do corpo pelo cérebro. O que está retardando a caminhada é a crença equivocada na existência da alma, vigente na cultura, arraigada na tradição, usos e costumes, na máscara. Eu só atingirei a perfeição quando for senhor do ente, senhor absoluto de mim, quando não houver nada inconsciente, conhecimento gnosiológico do mundo real, onisciente, dominação material, superação de toda ética, racionalidade absoluta, o super-homem nietzschneano, quando Hobbes, Rousseau e Nietzsche concordarem. Mais cérebro, menos Estado.

Qualquer especulação ou conhecimento que não colabore para o desenvolvimento do cérebro na preservação da vida permanece dentro da esfera da artificialidade, uma das faces de Janus, causa da perdição de Adão. Freud, na psicologia, não pode ser levado em consideração, pois é flagrante o seu dualismo corpo-psiquê (as vezes chamada eufemisticamente de alma). Não sinto alguma afinidade entre o “eu” de seus trabalhos e o meu eu natural. Sendo utilitarista, esqueceu-se o mais importante: a vida. Mesmo na sua teoria do pai primordial, não percebe que o motivo pelo qual os filhos fazem acordo é a preservação da vida, não prevista pelo pai por não acreditar que pudesse ser morto. Toda religião nasce da preocupação com a morte. Estou absolutamente convicto que prazer e dor estão relacionados a ganho ou perda de átomos, apenas um artifício da natureza para a manutenção da vida, assim como o prazer sexual possibilita a procriação, não sendo fim em si. Sem prazer sexual, não haveria tanta gente no mundo. Sem erotismo, não desejaria viver ou procriar-me. Por que viver “num mar lágrimas”? O que me leva a citá-lo foram duas afirmações que fez, a primeira delas em *Au-delà du principe de plaisir*, sobre a relação entre *le pulsionnel e la contrainte à la repetition*:

“Mais de quelle manière le pulsionnel est-il en corrélation avec la contrainte à la répétition? Ici s’impose obligatoirement à nous l’idée que nous sommes sur la piste d’un caractère général des pulsions et peut-être même de toute vie organique, caractère qui n’a pas jusqu’à présent été clairement reconnu — ou de moins pas expressément souligné. Ainsi une pulsion serait une poussée inhérente à l’organique doué de vie en vue de la réinstauration d’un état antérieur que cet être doué de vie a dû abandonner sous l’influence des perturbatrices externes, elle serait une sorte d’élasticité organique ou, si l’on veut, la manifestation de l’inertie dans la vie organique.”

Voilà. Dá a impressão que o senhor Freud entendeu que a manifestação da inércia na vida orgânica, embora alerte para o caráter especulativo de suas afirmações (e o que não é, na psicologia?), se deve ao fato de que sou formado de átomos e submetido à sua lei por ser um movimento uniformemente acelerado. Vem a grande decepção, logo a seguir, quando ele recorre à biologia para explicar o comportamento conservador da pulsão de vida. A Lei da Inércia não pode ser explicada pela biologia. Ademais, a sua pulsão conservadora ou de vida é reacionária, pois a matéria viva tenta voltar à não vida, isto é, a vida procurando a morte (Platão) em contradição com a lei. A matéria viva procura manter-se sempre viva, sempre em movimento, jamais voltar a um estágio anterior.

Pulsão de morte, dirigida contra objetos ou pessoas, é de legítima defesa contra forças de atritos externas, já que não há morte por causas internas. A relação interna/externa é sempre uma questão de troca de átomos: aquisição ou perda. A estabilidade dá sentimento de prazer, felicidade, enquanto a falta ou o excesso é desprazer, dor, infelicidade. Por isso, suas ideias não são claras e distintas, ele parece andar a apalpadelas, dando a impressão de que não sabe do que está falando, enfim, falta radicalidade. Que sinto prazer e desprazer é uma coisa verificada: o problema é saber por que algumas coisas me dão prazer e outras desprazer. Considerar vida e morte como opostos, como fez Platão, nunca é um bom caminho para o sucesso. A tarefa específica da psicologia é a ética, isto é, a *assemblage* da máscara ao sujeito, detalhando a pressão exercida por usos e costumes (Aristóteles) sobre o aparato psíquico, seus desajustes no acasalamento das faces.

Quem não conhece o sujeito, bom sujeito não é, não pode perceber que é um corpo atômico, gerador de campo magnético e pulsional, células cardíacas e neuronais, por exemplo. De qualquer forma, Freud contribui de forma expressiva para este estudo ao assinalar a existência da pulsão,

embora sem mostrar exatamente sua origem e finalidade. A falta deste conhecimento foi uma das causas do desajustamento entre mim e a máscara que fui forçado a usar, que me foi ajustada a ferro e fogo, causando-me problemas comportamentais no grande baile dos mascarados. A segunda afirmação de Freud, e a mais importante para este trabalho por mostrar-me uma direção a seguir, encontra-se no seu livro *L'homme Moïse et la religion monothéiste*, em que diz:

“Aucun autre peuple de l’antiquité n’a autant fait pour nier la mort, ne s’est aussi pointilleusement soucie à l’avance de rendre possible une existence dans l’au-delà, conformément à quoi le dieu des morts Osiris, le maître qui règne sur cet autre monde, fut le plus populaire et le plus incontesté de tous les dieux. Tandis que la religion juive antique a complètement renoncé à immortalité. Nulle part et jamais n’y est évoquée la possibilité d’une continuation de l’existence après la mort.” (p. 93)

Esta afirmação mostra duas coisas muito importantes para a meta que me propus. Em primeiro, como os egípcios embalsamavam seus mortos e os enterravam com todos os seus pertences ou, no mínimo, com uma moeda na mão para pagar o barqueiro encarregado da travessia, mostra que não acreditavam numa alma separada, era o próprio corpo que passava *au-delà* deste mundo. A segunda é sua afirmação de que os judeus antigos não acreditavam na vida após a morte. Mais importante ainda, pois se encontra, veremos mais tarde, no coração da problemática de Jesus de Nazareth. Os judeus de hoje acreditam na vida eterna? Em caso afirmativo, quando, como e o que operou esta mudança? E os egípcios de agora, o que pensam? Estou no âmago do meu problema, o foco de minha pesquisa.

O todo, o ser absoluto, é a cultura, a civilização humana, representada nos usos e costumes, aquela que me foi transmitida pelos meus pais e pela

sociedade onde nasci e estudei e que formaram meu lado artificial. Aquela muito bem exposta por Enrique Dussel em sua ética da libertação, mas não reducionista, atribuindo todo o mal da Terra ao sistema capitalista de produção. Vítimas havendo no mundo, e não há dúvidas sobre isso, pois eu mesmo sou uma delas, são vítimas do sistema cultural e não de parte dele, como querem Marx e os marxistas. A grande pergunta que devo fazer não é por que o sistema econômico gera vítimas e sim como a civilização gerou o sistema que gera vítimas, criando seres artificiais, trabalhadores e patrões. Como eu fui criado nessa cultura horrível, tenho de me servir dela para me comunicar, pois sem ela não daria um passo sequer e nem mesmo escreveria este ensaio. Mas alguma coisa deve estar desajustada nela, pelo menos em relação a mim, visto a grande decadência que observo, tornando cada dia mais insuportável a convivência com outras pessoas.

Hobbes, para quem o homem é o lobo do homem, acreditava que o Estado, Leviatã, como moderador, tem a função e o dever de obrigar o homem a usar a máscara ajustável a cada um para domar seus instintos selvagens, condição necessária para o convívio social; para Rousseau, o homem é bom por natureza, é a sociedade que o deforma, tornando-o um mau caráter; Nietzsche, concordando com Hobbes quanto ao aspecto belicoso do homem, discordava quanto à ação estatal, considerando-a nefasta ao homem. Não cabe a ninguém tolher seus impulsos de violência, sob qualquer pretexto, torná-lo dócil, arrebanhá-lo para a manada, papel que vem sendo desempenhado principalmente pelo cristianismo. A grande decadência começou, diz, quando Platão separou corpo e alma. Considera válida apenas a cultura grega pré-platônica regida por Dionísio, deus da vida. Infelizmente Nietzsche não se preocupou ou não expôs o que teria levado Platão a propor tal separação. Talvez ele tivesse o mesmo problema que eu tenho e a teoria das ideias e das almas foi o remédio ridículo que inventou para dormir tranquilamente. Platão foi impedido de queimar os livros dos atomistas de Abdera, mas é como se os tivesse queimado: não

encontrei, em tudo o que li até hoje, nada, nenhuma referência ao fato de que sou formado de átomos, sou movimento. Todos os autores que li têm alma e têm corpo, são todos platônicos, a civilização deles é platônica: por isso eu os considero idiotas, sem exceção.

CAPÍTULO 4

As duas faces de Janus

4.1 Quem sou eu

Bereshit era um movimento celular saído de dois outros, localizado, determinado, submerso, indiferenciado, cego, surdo e mudo, inauteridade absoluta, condição excludente de toda possibilidade. Mas era movimento, novo, alma, espírito, pulsão de conservação, inércia, vontade de potência, *a priori* do *a priori* de tempo e espaço, vida. A real grandeza não foi a traumática rejeição após nove meses, nem a dor do sopro entrando pela primeira vez em suas narinas e nem mesmo a separação definitiva que o tornaram autônomo. Colocado no berço, como Adão no paraíso, para ser guardado e protegido, foi a percepção da existência de outros movimentos que serpenteavam à sua volta, luz, som e deslocamentos, a sua grande vitória, o primeiro sinal da grande pulsão de vida independente, a diferenciação, a consciência.

Eu sou um óvulo, eu sou um espermatozoide, eu sou um óvulo fecundado, eu sou um ovo. Eu sou como o vento, eu sou um movimento, eu sou próton, eu sou carbono, eu sou hidrogênio, eu sou nêutron, eu sou quarks *up* e *down*, eu sou léptons, eu sou mésons, eu sou *spinon*, eu sou *orbitron*, eu sou glúons, eu sou nuvem de elétrons em movimento, eu sou neutrino, eu sou mesmo bóson, partícula de Deus. Eu sou tantos elementos, eu sou átomo, bilhões, trilhões, octilhões, eu sou íon, eu sou ânion eu sou

cátion, eu sou carência, eu sou excesso, eu sou ganho, eu sou perda, eu sou ligação, eu sou energia, eu sou oxigênio, eu sou água, eu sou molécula, eu sou ADN, eu sou ARN, eu sou gene, eu sou mitocôndria, eu sou nucleotídeo, eu sou cromossomo, eu sou adenina, eu sou citosina, eu sou guanina, eu sou tiamina, eu sou célula. Eu nasci de dois outros movimentos, como zigoto, divisão, no útero de um, como célula única, eu sou único. Nenhum outro, saído dos mesmos movimentos, das mesmas células, da mesma entranha, é igual a mim. Eu não sou um nem outro, nem meu clone seria igual a mim, sou movimento harmônico uniformemente acelerado e especializado, eu sou ossos, eu sou esqueleto, eu sou músculos, eu sou nervos, eu sou carne, eu sou pele, eu sou sangue, eu sou intestino, eu sou coração, eu sou fígado, eu sou rins, eu sou pulmões, eu sou estômago, eu sou pernas, eu sou pés, eu sou braços, eu sou mãos, eu sou cabeça, eu sou cérebro, eu sou olhos, eu sou boca, eu sou ouvidos, eu sou nariz, eu sou reprodutor, eu sou unhas, eu sou pelos, eu sou cabelos, eu sou todos os órgãos, eu sou sistema, eu sou um conjunto, eu sou um corpo, eu sou um corpo em movimento, eu sou sentimentos, eu sou atração, eu sou repulsa, eu sou instintos, eu sou impulsos, eu sou pulsão, eu sou razão, eu sou consciência, eu sou inércia, eu sou velocidade constante, eu sou o que sou, eu sou aquele que é, eu sou infinito, eu sou ser, eu sou um espírito, eu sou um pobre de espírito, eu sou um espírito livre, eu sou um bem aventurado, eu sou translúcido, eu sou Adão, eu sou Eva, eu sou fruto da Árvore da Vida, eu sou vida, eu sou Abel. Eu sou um ente. Eu sou real. Eu sou meu Deus. Eu sou um Zaratustra . Eu sou.

4.2 A minha máscara

Ayeka? Eu sou ética, eu sou usos e costumes, eu sou pessoa, prosopon, máscara feita de papel machê saída de águas límpidas e papel opaco, eu sou

rebanho, eu sou manada, eu sou o que fizeram de mim, eu sou cristão, eu sou judeu, eu sou árabe, eu sou tibetano, eu sou budista, eu sou como bilhões, eu sou homem, gramática masculina, eu tenho nome e sobrenome, eu tenho personalidade jurídica, eu sou sujeito de direitos, eu tenho pai e mãe, eu sou filho, eu tenho irmão, eu sou irmão, eu tenho cunhada, eu sou cunhado, eu tenho sobrinhos, eu sou tio, eu tenho tios, eu sou sobrinho, eu tenho casa, eu sou proprietário, eu recebo salários, eu sou assalariado, eu tenho empresa, eu sou empresário, eu sou advogado, eu tenho profissão, eu tenho braços, eu tenho pernas, eu tenho olhos, eu tenho orelhas, eu tenho cabeça, eu tenho cérebro, eu tenho boca, eu tenho corpo, eu tenho alma, eu tenho espírito, eu tenho sopro divino, eu tenho muitas coisas, eu sou dois, talvez três ou quatro, eu tenho *ça, moi, e surmoi*, eu tenho cultura, eu nasci no Oriente Médio com Tales e criei-me na periferia do sistema cultural ocidental plato-cristão, eu sou cultural. Eu tive avós portugueses, italianos e espanhóis, eu tenho prosopon, industrial fabricada na periferia com matéria prima da matriz, eu tenho ideias europeias, eu sou o direito romano, eu sou o código civil francês de Napoleão, eu sou o direito penal italiano de Cesare Lombroso, eu sou a constituição alemã de Walmar, eu sou socialista, eu sou comunista, eu sou fascista, eu sou capitalista, eu sou nazista, eu sou marxista, eu sou stalinista, eu sou leninista, eu sou cartesiano, eu sou kantista, eu sou hegeliano, eu sou voltarianista, eu sou freudiano, eu sou positivista, eu sou niilista, eu sou iluminista, eu sou inquisicionista, eu sou revolucionário francês, eu sou roussonista, eu sou tantos outros, eu sou as ideias da periferia, eu sou uma colônia intelectual francesa, eu sou a cultura europeia, eu sou sofrimento, eu sou angústia, eu sou ilusão, eu sou enganação, eu sou mentira, eu sou a falsa democracia, eu sou embusteiro, eu sou cunhador de falsa moeda, eu sou ditadura da ONU, eu tenho direito de veto, eu sou colonizador, eu sou os direitos humanos encobridor de massacres, eu sou arrancador da pele dos colonos, eu sou vendedor de negros como escravos, eu sou o defensor da dignidade do dinheiro

proveniente do trabalho honesto, eu sou destruidor de fábricas indianas, eu sou massacre de índios, eu sou roubo e destruição, eu sou europeu, eu sou a cultura humana, eu sou opaco, eu sou rico de espírito, eu sou desventurado, eu sou Adão, eu sou Eva, eu sou árvore do conhecimento, eu sou a serpente, eu sou Cain. Eu tenho um Deus. *Ayecá?* Eu sou aparência.

“Isto me causou o maior dos cansaços e continua ainda a me causar o maior dos cansaços: perceber que indizivelmente mais importa como as coisas se chamam, do que o que elas são. A reputação, nome e aparência, a validade, o peso e a medida usual de uma coisa — na origem, o mais das vezes, um erro e uma arbitrariedade, lançados sobre as coisas como uma roupa e inteiramente alheios à sua essência e mesmo a sua pele — pela crença que se tem neles e por seu crescimento progressivo de geração em geração pouco a pouco como que aderiram e se entrelaçaram à coisa e se tornaram seu próprio corpo: a aparência, desde o começo, acaba sempre por se tornar em essência e faz efeito como essência! Que parvo não haveria de ser quem pensasse que basta indicar essa origem e esse invólucro nebuloso da ilusão para aniquilar o mundo que vale como essencial, a assim chamada “efetividade”! Somente como criadores podemos aniquilar!” (Nietzsche, *A gaia ciência*, Livro II §58, “Os pensadores”, 1978, p.178).

CAPÍTULO 5

Os formatadores da minha máscara

5.1 O Brasil

Eu não me sinto na obrigação e não tenho conhecimento suficiente para analisar que tipo de cultura restou nas diversas ex-colônias políticas francesas. A que posso e devo analisar, sendo uma das suas vítimas, é a cultura nos países que não eram colônias políticas, exemplo do Brasil, que conseguiu repelir, graças à valentia dos soldados portugueses, todas as tentativas francesas de estabelecerem diversas colônias políticas no nordeste e no Rio de Janeiro. O Brasil livrou-se da colonização política, não da cultural, exemplificada na união das nobrezas dos Orleans e dos Bragança com o casamento entre François-Ferdinand-Phillipe d’Orléans, o príncipe de Joinville, filho do rei Luís Filipe d’Orléans, rei dos franceses e sucessor de Carlos X, com a princesa Francisca de Bragança, filha de D. Pedro. A dominação cultural francesa na formação da brasileira foi muito bem descrita na pesquisa “Relações entre Brasil e França no período de 1822 a 1889”, dos acadêmicos em relações internacionais das Faculdades Integradas de Curitiba, Carolina Camargo de Lacerda, Ricardo Salini Abrahão e Thais Aranão Bastos, a quem presto minhas homenagens e permito-me transcrever:

“A cultura francesa estava muito presente no Brasil e um reflexo disso foi o interesse espontâneo e até exagerado dos brasileiros

em estudar na França. Com a liberdade política do Brasil ocorreu um certo desenvolvimento nacional. Portanto era necessária a formação de elites que preparassem as grandes tarefas reclamadas por esse desenvolvimento nacional. A França foi a fonte principal que proporcionou instrução para professores, selecionou brasileiros para cumprir atividades de que a nação precisava e deparou-se com o movimento espontâneo dos estudantes brasileiros que procuravam frequentar as suas escolas. Porém o movimento de estudantes em direção à França foi excessivo e descontrolado, uma vez que sem capacidade financeira os mesmos iam para a França e encontravam-se sem recursos”. (<http://revista.unicuritiba.edu.br>)

A França não é inocente nisso, não posso deixar de salientar que centenas de franceses vieram morar no Rio de Janeiro, principalmente com a derrota de Napoleão em Waterloo, mas o Brasil se tornou uma colônia intelectual francesa por livre e espontânea vontade. Foram os brasileiros que foram a Paris copiar a cultura para implantá-la no seu país. Desde a descoberta, os filhos dos ricos sempre foram estudar na França. Foi a classe dominante brasileira, a começar pelo imperador, que, voluntariamente, submeteu o país à cultura francesa, ao contrário das colônias políticas que eram obrigadas a engolir a moral, a língua e a cultura espoliadora do colonizador. Foram os brasileiros que chamaram os franceses para organizar a Universidade de São Paulo. Foram os proclamadores da república Brasileira que plagiaram Auguste Comte.

Desgraçadamente a submissão é um processo contínuo, que começou quando Paris era conhecida como a Cidade Luz, talvez por seu iluminismo cultural e filosófico, e continua até hoje, apesar de Paris se ter transformado, pela degradação moral e cultural republicana, na Cidade Luz pela sua iluminação pública natalina. A França dos usos e costumes de

senhora de meio mundo acabou e os brasileiros continuaram desempenhando seu triste e servil papel de copiadores xerox por falta de visão crítica e falta de grandiosidade. A França de duas caras se tornou um exemplo a ser evitado, um lixo. Desgraçadamente tarde demais. As estruturas cerebrais dos brasileiros já estavam formatadas na submissão, suas instituições políticas, militares e culturais mal copiadas foram perdidamente contaminadas e acompanharam a decadência moral da matriz europeia.

O último grande exemplo da decadência brasileira se deu no campo daquilo que era o único domínio em que os pobres diabos conseguiam se impor: o futebol. De criador, de inovador, o Brasil se tornou, como em tudo, um copador de táticas e técnicas europeias. A individualidade criadora do jogador brasileiro, que sempre foi a grande alegria do futebol, foi condenada como uma prática vencedora inaceitável, uma impossibilidade lógica: colônia não tem nada de bom e não pode ensinar nada à matriz. A contratação de jogadores brasileiros pressupõe sempre que eles sejam “adaptados” ao futebol europeu, no qual, por falta de talento, é o físico, a correria que manda. Agora são os portugueses que estão vindo ao Brasil ensinar os brasileiros a jogar futebol.

O “ser humano absoluto” que predominava no Brasil colonial era o trazido pelos religiosos jesuítas que faziam parte das missões portuguesas de exploração. A tarefa deles era garantir que os colonizadores continuassem fiéis ao plato-cristianismo e transmitir a mesma fé aos colonizados, resolvida a questão de saber se os índios pertenciam ou não à espécie humana, legitimando o processo colonizador. Um acontecimento histórico, a vinda da família real para o Brasil fugindo de Napoleão e, em consequência, a acentuação da influência inglesa sobre Portugal fizeram com que o Brasil passasse da cultura portuguesa para a francesa, principalmente pela proibição do tráfico de escravos negros pelos ingleses.

Os portugueses eram exploradores, eles tinham só um ideal: ficarem ricos e voltarem para a sua pátria para desfrutar de sua riqueza. Eles e seus descendentes eram portugueses. A vinda da família real despertou a diferenciação entre o português nascido na matriz e o nascido na colônia, isto é, entre portugueses e brasileiros, o que culminou com a independência. Quando o primeiro imperador do Brasil declarou que o Brasil era sua terra de coração e a França a terra de sua cabeça, ele estava apenas confirmando o domínio cultural francês sobre o português.

O “ser humano absoluto” brasileiro, que sofreu uma grande transformação do ponto de vista político com a independência, não foi abalado do ponto de vista religioso graças ao catolicismo e a manutenção da monarquia. O entrelaçamento cultural entre França e Brasil, principalmente religioso através do platonismo-cristianismo, fazia com que o brasileiro participasse do mesmo “ser humano absoluto” francês, apesar da certeza da inferioridade cultural. Quando a França foi dominada pelo socialismo materialista de Marx e Engels, o Brasil naufragou junto. O “ser humano absoluto” dos franceses se deteriorou com o socialismo. A divinização das virtudes da pobreza como valor absoluto foi uma justificativa de grande ajuda para consolar os colonos e mantê-los submissos. Mesmo não sendo uma colônia política, o Brasil adotou o esquema e seguiu na mesma triste sina de sempre: ser apenas uma cópia das imundícies francesas.

Quando a França naufragou com o fim das colônias e se transformou na imunda pestilência que é hoje, graças ao socialismo e à república com suas duas morais, pública e privada, o Brasil, com o estigma da inferioridade que o acompanha desde a descoberta, afundou junto graças à burrice e falta de comprometimento das classes dirigentes, que não se interessam pela sorte do país e ainda têm o mesmo ideal dos primeiros exploradores: ficar rica, quase sempre roubando, e ir embora do país para gozar da sua riqueza. Só que agora Paris tem uma concorrente de peso:

Miami. Pelo menos até que os porcos democratas socialistas americanos não a transformem no mesmo grande lixão moral que é a capital da França.

Ao falar do Brasil, devo considerar três realidades distintas e opostas: Estado, país e nação. Com respeito ao país, não preciso falar nada, é uma maravilha da natureza. Não há ninguém na Terra que não reconheça as imensas possibilidades que oferece. Pero Vaz de Caminha estava certíssimo quando escreveu que “aqui em se plantando tudo dá”. Os exploradores portugueses introduziram no Brasil já em 1532, em São Vicente, a cana de açúcar, que se tornou uma grande fonte de riqueza até hoje. Em 1537, foi a vez do arroz, apesar de que algum tipo do produto já era colhido pelos índios. Em 1539, chegaram os primeiros escravos negros. Café, milho, feijão, enfim, tudo que aqui foi introduzido, vingou. No fim do século XIX e começo do século XX, foram os italianos. A soja foi introduzida no Brasil em 1882. Em 1908, os japoneses.

Com respeito à nação brasileira e seu espelho, o Estado, dá-se exatamente o contrário: dela nada de bom posso falar. Tudo que aqui chega não vinga, é desvirtuado, avacalhado. Começo por desmistificar uma lenda que a envolve, a de que o Brasil é o país do futuro (Estado e nação). O Brasil não é o país do futuro, ele não tem futuro, o Brasil não é nada, nunca será nada, o Brasil jogou fora o seu futuro. Na verdade, o Brasil é o passado, a ignorância e a podridão. Não há possibilidade alguma de que o Brasil se torne líder em qualquer domínio a não ser, claro, e já está a meio caminho, num grande BBB, isto é, um prostíbulo a céu aberto.

Como nação e Estado, o Brasil é um fracasso, um caso perdido, uma ofensa à humanidade. Nunca, em momento algum da história universal, juntou-se num mesmo país, exceto talvez na Argentina, tanta gente ruim, tanta nulidade, tanto descalabro, tanta porcaria em todos os níveis da sociedade, nas instituições, nos poderes Judiciário, Legislativo e Executivo.

Os poucos que são humanos já se mudaram para o exterior e, entre os que ficaram, a maioria é de retardados mentais que fumam crack ou maconha e a minoria, além de retardados, são os ladrões que cheiram cocaína. O Brasil é um mau exemplo para o Universo. Se acabasse, como Estado e nação, não precisaria ser reinventado, pois não faz falta nenhuma, seria um benefício para a humanidade, pois daria lugar para outro tipo de gente. Destruindo a Amazônia, a Mata Atlântica e o país, vão abreviar o fim da vida na Terra. O Estado e a nação brasileiros desmentem o mito que inventaram de que Deus é brasileiro e mostra sua verdadeira face sórdida: o diabo é brasileiro.

Existem duas matrizes para formatação das máscaras dos homens, que são formadas pelos dois tipos de “seres humanos absolutos” criados, um pelo catolicismo e outro pelo calvinismo. As duas matrizes estão contidas no “ser humano absoluto”, quase indiferenciadas, cumprindo seu papel segundo o país em que o sujeito é educado. Não fosse a religião, todos os homens teriam a mesma máscara. De maneira geral, pode-se dizer que quem nasce e é criado nos Estados Unidos ou Inglaterra, sabe que tem de trabalhar, quer ser rico, não admite o socialismo, embora, claro, haja exceções, como em tudo. Quem nasce na França é educado no caminho das virtudes da pobreza, não quer trabalhar, só admite o socialismo.

Eu nasci e criei-me no Brasil, onde nada se cria, tudo se copia, tudo se falsifica, tudo se avacalha. A máscara que fui obrigado a usar era a francesa, com todas as deturpações que o Brasil adicionou à sua formatação. Para estudá-la e entendê-la, tive de estudar a Europa, principalmente a França, pois, apesar de ter sido descoberto por Portugal, o Brasil foi colonizado pela França. A ideologia francesa foi que moldou a cultura brasileira e, por consequência, a minha máscara. A república brasileira foi inspirada no positivismo de Auguste Comte, de onde saiu o lema Ordem e Progresso da sua bandeira.

A Universidade de São Paulo, o maior centro intelectual e científico do país, foi criado e desenvolvido pelos franceses, a maior parte dos estudantes que saem do Brasil para estudar Ciências Humanas se dirigem à Europa, principalmente para a França, continuando uma longa tradição iniciada desde que o Brasil era uma colônia portuguesa. O próprio imperador Pedro II dizia que o Brasil era o seu país de coração e a França, o de sua cabeça. Apesar de ter sido o melhor governante que o Brasil já teve até hoje, foi deposto pelas ideias francesas que amava: o positivismo de Auguste Comte, ideário dos republicanos tupiniquins. Em matéria de filosofia, sociologia, psicologia e política, o Brasil se tornou uma colônia intelectual francesa, como se tornou americana em termos de economia.

Não é à toa que os franceses adoram o Brasil. Não é só pelo sol, praias e carnaval. A ideologia é a mesma, eles são os donos da bola. A indolência dos brasileiros não vem dos índios e nem dos portugueses, que são trabalhadores, mas da ideologia dos decadentes descendentes do bravo povo franco. Assim, tudo que for lido sobre a França se aplica ao Brasil, mas de forma grotesca, claro. Por exemplo: Max Weber, em outro ensaio, afirma, erradamente, que o triunfo político das classes populares sobre os antigos senhores se apoiou no ódio. Certamente estava enxergando a Revolução Francesa e não o Brasil.

A chegada ao poder, no Brasil, da classe proletária demonstrou que aqui a única coisa que os motivou foi a inveja. Assaltaram bancos, sequestraram, roubaram, mataram, falaram contra todos, só eles saberiam conduzir o país. Foram presos, alguns torturados, mortos, outros exilados, suaram sangue. Foi uma grande luta. Tão logo chegaram ao poder, passaram a agir da mesma forma, pior talvez, que a antiga classe dirigente, locupletando-se com o dinheiro público, com a desculpa de tratar-se de um projeto de implantação da ditadura do proletariado, usando o próprio sistema corrupto, corroê-lo por dentro para matá-lo. Grandes sonhos e

grandes ilusões. Os pobres coitados não contaram com a reação da direita e das forças reacionárias. Voltaram para onde nunca deveriam ter saído: a cadeia. A única contribuição que deixaram para a humanidade foi o avacalhamento do socialismo, confirmando o antigo ditado de que o Brasil estraga tudo o que aqui chega. Deixaram o país em situação pré-falimentar, em crise política e econômica, talvez pior do que a da Grécia e que levará muitos anos para ser vencida, exigindo medidas de ajuste duras como aquelas determinadas pela Troica, principalmente com uma série de privatizações. Mas a ideologia socialista francesa ainda vigente no Brasil, apesar da derrocada, torna impossível privatizar a Petrobrás, o Banco de Brasil e Caixa Econômica Federal, como a França não conseguiria privatizar a SNCF, por exemplo.

Os socialistas, originais franceses e simulacros brasileiros, são uma prova irrefutável da decadência da humanidade, pela falta de desenvolvimento cerebral e com desrespeito à inteligência dos cidadãos e aos seus valores éticos. A falta de visão e a incapacidade de dirigir um país capitalista torna a própria ideologia socialista contraditória, em termos. Assim como os dirigentes franceses ladram todo dia sobre o aumento do *pouvoir d'achat* do povo francês, sem se preocupar em dar-lhes trabalho, os imitadores brasileiros querem resolver o problema da distribuição de renda dando dinheiro para os pobres, imitando o sistema francês, não percebendo que estão propiciando aumento do consumo, reforçando a base de sustentação do sistema capitalista de produção, que só pode se desenvolver na sociedade de consumo.

A chegada ao poder, no Brasil, de um militar aposentado do exército trazendo em sua cabeça um deturpado “ser humano absoluto” evangélico pentecostal, que é uma forma de roubalheira divinizada, legalizada e organizada em bandos, declarando sem pudor algum que é um bastardo imitador do presidente dos Estados Unidos para camuflar sua inspiração

hitleriana, foi apenas uma revolta dos retardados contra a roubalheira dos católicos socialistas da Teologia da Libertação. A ideologia desse nazista é igual à da esquerda alijada do poder: o “ser humano absoluto” que o máscara é o mesmo, mesmas ideias erradas, com o agravante de ter optado pelo segundo pior tipo de religião inventada pelos homens, o pentecostalismo, que só não é pior do que o seu filho bastardo, o neopentecostalíssimo, ambas vergonhosas deturpações do plato-cristianismo, onde todos os excessos são permitidos principalmente de ordem financeira. Falam em nome de Jesus Cristo para extorquir seus retardados seguidores. O dia de falar todas as línguas transformou-se no eterno dia de todos os excessos.

Apesar de os militares aposentados, pelo menos um deles claramente retardado mental, terem aproveitado-se da eleição do ignorante e vulgar presidente para tomar o poder ocupando diversos cargos na administração pública, cumprindo a promessa de que só o fariam se fosse através das urnas, nada mudou, não vai mudar nada, ou, se mudar, será para pior, porque eles são incompetentes para qualquer tipo de tarefa que não seja burocrática, pois não foram forjados no campo de batalha, mas no bom comportamento e no tempo de serviço e não conseguem entender que o problema é o *status quo*, o “ser humano absoluto” religioso que os formatou e os mantém atrelados a um dogma fundamental militar brasileiro: soldado não pensa só obedece.

Quando um soldado, da ativa ou aposentado, chega ao posto máximo da nação e não tem mais a quem obedecer na hierarquia militar, geralmente usa a Constituição como um superior a quem deve obediência. Quando não tem apreço por ela e sem capacidade para pensar por ele mesmo, procura alguém para obedecer, geralmente um presidente estrangeiro, no caso do atual, o dos Estados Unidos, por ver nele uma encarnação do seu supremo ser ideal, Hitler. O farsante pentecostalista-hitlerista, tendo sido forjado na

disciplina militar de obediência ao superior, supera seu complexo de inferioridade invocando o princípio constitucional da supremacia do presidente sobre as Forças Armadas para, invertendo as posições, controlar com mão de ferro, à lá Hitler, seus generais da ativa e da reserva através da humilhação pública para impor suas alucinações e não perder o controle do governo.

Um humilhado general da ativa, pouco inteligente, não percebe que o preceito constitucional se refere às Forças Armadas e não a casos individuais e se deixa dominar por um subordinado aposentado como se fosse seu *pet* de estimação. O retardado general não sabe, ou esqueceu, que ordens absurdas não se cumprem e mostra toda a sua burrice papagueando que “quem pode manda, quem tem juízo obedece”, que é a única coisa que os militares sabem fazer. Como não tem capacidade para dirigir o país, o fracassado presidente escolhe pessoas submissas que aceitam fazê-lo sem questionar seus princípios nazistas, enquanto ele, para se distrair e passar o tempo, finge acreditar em teorias americanas conspiratórias surgidas no âmbito da mais baixa, sórdida e repugnante forma de internet ou “gurus” brasileiros enquadrados por enganosas ideologias alienígenas, não tendo vergonha de mostrar a sua pobreza mental e a falta de capacidade de apresentar novas ideias que possam fazer do Brasil um centro irradiador de uma nova visão do mundo.

Se o atual presidente dos Estados Unidos deixar o cargo, ele vai ter de escolher um novo líder para submeter-se, possivelmente o presidente da Rússia, ou talvez da Turquia, ambos idiotas como ele, mas que são os que mais se aproximam ideologicamente de seu grande êmulo Hitler. Portar bandeiras de Israel em manifestações e falar em transferir a embaixada do Brasil de Telavive para Jerusalém não são apenas formas de demonstrar que ele não cometerá o mesmo erro de Hitler, mas também, e principalmente, uma forma de disfarçar e camuflar seus grandes sonhos ditatoriais. O

farsante, ao bater no peito e dizer que é brasileiro e nacionalista, mostra apenas que o Brasil já era sem nunca ter sido. Grande país, pequena nação circense presidida por um palhaço retardado mental sem graça, um pobre coitado hitleriano transloucado. O Hitler brasileiro é como o vampiro brasileiro do Chico Anísio: "tchou" (cusparada).

A pandemia da covid-19 trouxe para a luz do dia sua inata imbecilidade, desequilibrando totalmente o pobre diabo retardado, pois ele não tinha, e não tem, projeto algum para o país e optou, por ser medíocre, ignorante e burro, pela pior saída: negá-la, como sempre fazem os idiotas, e concentrou-se num único projeto, a sua reeleição. Tentar negar a realidade é uma antiga estupidez religiosa dos enganadores plato-cristãos levada ao extremo pelos pentecostais e neos que só estão preocupados com o dízimo dos fiéis. Não adiantou nada, como sempre acontece, e a pandemia, além de matar centenas de milhares de brasileiros por culpa dele, escancarou suas entranhas e mostrou que ele, para atingir seus objetivos hitleristas, se esconde atrás da mesma ideologia barata dos vigaristas socialistas, que são farinha do mesmo saco: o assistencialismo caritativo de Karl Marx e de um falso Jesus Cristo, que nada mais é do que uma porcária eleitoreira.

A única coisa que se esperava do governo do ignorante, burro e retardado presidente, que nada mais é do que um enrustido hitlerista falador de burrices para encobrir a tomada de poder pelos militares aposentados, era a diminuição da corrupção no nível federal, o que seria muito pouco para satisfazer as quiméricas esperanças do povo brasileiro, mas que logo foi descartada com a reforma da Previdência, que não incluiu os militares, o aumento do soldo dos oficiais superiores, para suborná-los e corrompê-los, e a desativação da Operação Lava Jato. Ademais ao nomear um general intendente, a pior espécie da carreira militar a que nenhum oficial honesto quer pertencer, para chefiar um ministério por onde passam bilhões de

dólares na compra de medicamentos e material médico, o farsante lunático pentecostalista subdesenvolvido estava facilitando a corrupção como forma de obter apoio no Congresso para evitar seu impedimento.

Toda essa farsa pode ter fim na próxima eleição presidencial: se não se reeleger, o Hitler brasileiro vai ter de entregar o poder — que ele fortaleceu com o controle total sobre os órgãos de segurança, tais como a Abin, Polícia Federal e a Procuradoria Geral da República — ao vencedor que, se for da esquerda, terá encurtado seus passos para tentar impor a ditadura do proletariado. Ele sabe disso e fará qualquer coisa para vencer, inclusive tentando mudar o sistema eleitoral eletrônico, que não pode ser fraudado, por cédulas de papel, por meio do qual ele poderá roubar para se reeleger. Para isso, já se lançou em campanha para desacreditar o voto eletrônico e comprar os eleitores distribuindo dinheiro a mãos cheias, mesma tática usada pelos idiotas socialistas. Se o tiro sair pela culatra e perder a eleição, entregará o fortalecido poder, pois não tem força suficiente para dar o golpe e instalar uma ditadura.

Uma coisa é certa: nenhum militar aposentado, tenha o posto que tiver, tem força para subverter a ordem constitucional. O general da ativa, tenha a força que tiver, quando se aposenta é como se tivesse morrido, está liquidado, é um cão que late, mas não morde. Militar aposentado é carta fora do baralho, é questão de pijama. No Brasil, só os generais da ativa podem instaurar uma ditadura. São eles que têm o comando da tropa, as armas nas mãos. O resto é fantasia, é ameaça inútil, é chantagem. O poder que os aposentados têm são os poderes inerentes aos cargos que ocupam, independentemente do fato de serem ex-militares. E o fato de terem os militares da ativa pressionado para que os que foram nomeados ministros se aposentem é uma indicação clara de que não vão apoiar seus ex-companheiros de armas em qualquer tipo de aventura. Se todo o peso do aparelho repressivo for entregue numa bandeja dourada aos malucos, força

que eles nunca tiveram quando estiveram no poder (se tivessem, não teria havido o mensalão, nem a Lava Jato e ninguém teria sido preso), serão os militares da ativa que decidirão o que fazer, sem consultar ninguém. Mas, devido à falta de união causada pela diferença salarial promovida pelo ignorante, é muito pouco provável uma intervenção. Por isso é que nas manifestações promovidas pelo maluco pentecostalista se veem faixas dizendo “ditadura com Bolsonaro”. Ele sabe que a humilhação a que está submetendo os oficiais será vingada, se houver uma intervenção, e ele será o primeiro a ser afastado e talvez mesmo preso. Nunca, nunca, jamais, apesar de o Brasil ser um país surrealista, um general da ativa se deixou comandar por um subordinado e ainda mais aposentado: nem com o suborno do aumento do soldo e nem com a obrigação constitucional. Isso nunca aconteceu nas Forças Armadas Brasileiras: é contra o regulamento, pior, é contra a dignidade do posto de general, como já vimos no golpe de 1964.

De qualquer forma, ditadura de esquerda ou de direita, o futuro do Brasil, mantidas as atuais condições, é negro. Ninguém pode fazê-lo se tornar algo certo com ideias erradas, sejam europeias ou americanas, direitistas ou esquerdistas. Como está tudo errado, tanto do ponto de vista físico cavalariês quanto do ponto de vista intelectual bundão, tudo vai dar errado, seja com a direita, o centro ou a esquerda no poder, e mesmo com a ditadura hitlerista camuflada com bandeiras de Israel ou escancarada com a força das armas. Se os generais soubessem resolver os problemas brasileiros, a ditadura de 1964 teria resolvido, porque ficaram mais de vinte anos no poder, eram da ativa e tinham o controle das tropas por jamais permitirem o aumento de seus soldos sem a correspondente contrapartida para seus inferiores hierárquicos.

Nenhum país do mundo consegue ser alguma coisa com um Poder Judiciário tão desonesto como o brasileiro. Não há país que resista a uma

horrível Suprema Corte que aceita até gravações obtidas de forma ilegal mesmo sem saber, talvez saibam, pelo menos um deles, quem ordenou a gravação e com que intuito, abrindo caminho para que outros desonestos, como o Procurador Geral da República (um capacho do idiota) e os tribunais regionais se utilizem da brecha para investigar seus desafetos. Suprema Corte que não tem nenhuma consideração pelo poder constituinte originário. Eu penso mesmo que os magistrados nem sabem o que é isso, pois jamais ouvi, em julgamentos, uma única referência sobre ele, que é o fundamento da nação. O Supremo Tribunal Federal brasileiro legalizando, coisa inédita em todo o mundo, a ação dos *hackers*, deu início à nacionalização da podridão carioca que eles representam em Brasília.

Não há país no mundo que resista a um Legislativo corrupto e incapaz como o brasileiro. Privados de nomear ministros e de ocupantes de cargos federais, eles inventaram as emendas parlamentares orçamentárias para obrigar o Executivo a destinar verbas, em segredo, para obras em suas “bases eleitorais”. Como eu bem sei, a única e mais fácil maneira de um político roubar e esconder o roubo é fazendo obras. É o famoso “rouba, mas faz” institucionalizado pelos congressistas federais. Liberar uma emenda parlamentar é melhor do que ter um ministério: roubo protegido. Considerando-se todas as verbas destinadas aos safados parlamentares, cerca de 25 bilhões de reais por ano, incluindo o chamado “orçamento secreto”, o dinheiro roubado da Petrobrás pelos socialistas mostra bem que eles são uns inúteis, não souberam nem roubar.

O fim da vida na Terra deveria começar pelo Brasil. Não há nada que mereça tanto ser extinto no Universo como a cidade do Rio de Janeiro, que se tornou a cidade mais suja, mais imunda, mais depravada e mais corrupta do mundo, tendo seus habitantes atingido o maior grau de degradação a que um ser humano pode chegar, superando mesmo os de Paris, Marselha, Brasília, Sodoma e Gomorra. Nem na Idade Média, quando os excrementos

eram jogados pela janela para o meio da rua, houve uma cidade tão nojenta como se tornou o Rio de Janeiro, embora os excrementos sejam jogados na Lagoa Rodrigo de Freitas, nos córregos e nos rios. A corrupção dominou todas as esferas da sociedade, principalmente dos poderes públicos. Nada presta, não escapa ninguém: os eleitos e os eleitores que os elegem. A cocaína, a maconha e o crack assumiram totalmente o controle da cidade. Os comportamentos são ditados segundo o grau de dopagem dos drogados. As injustiças da Justiça e a violência da polícia chegaram a um ponto tal que ninguém mais tem confiança nem nos juízes corruptos e nem nos policiais vendedores de drogas. A lei e a segurança não fazem mais parte da sociedade do Rio de Janeiro, que se tornou o exemplo máximo da podridão administrativa. Os poucos que não se conformam, não querem viver nesse ambiente e não encontram apoio nas corruptas autoridades recorrem, inocentemente, ao pior tipo de ser humano que existe na face da Terra: os pentecostais e neopentecostais evangelistas, que se escondem atrás de diversas denominações com o mesmo objetivo: roubar. O melhor negócio que existe hoje no Rio de Janeiro, depois da venda de droga física, não é uma refinaria de petróleo e nem um banco, é abrir uma igreja para vender, com a permissão dos traficantes e das milícias, a droga espiritual chamada salvação que é, injustamente, atribuída a Jesus de Nazareth.

Foi no meio dessa podridão humana, fazendo parte dela, não contra, mas participando das mesmas ideias translocadas e desumanas que o povo brasileiro escolheu e elegeu seu presidente, um pé de chinelo aposentado com soldo de capitão do Exército que havia, para participar como soldado do degradado ambiente, optado por abandonar a Igreja Católica e batizar-se no pentecostalismo para chafurdar no lixo infernal aproveitador da miséria humana e camuflar suas ideias hitleristas. Para livrar-se da podridão católica esquerdista e socialista, os eleitores brasileiros, optaram, sem ter outra escolha, por eleger a podridão pentecostal hitlerista aliada aos traficantes de drogas e milicianos. Como ele não é Lot e nem um dos dez

justos que a cidade deve ter, mas um representante do lixo humano, como parte integrante da sujeira, vai espalhando a podridão carioca por todo o país, que, a galope, vai se transformando em um Rio de Janeiro, não a natural cidade maravilhosa, mas a cidade que está sob o comando dos traficantes de drogas e das milícias que envolvem os drogados cariocas em sua teia, confortados pelos sacerdotes e pastores que já estão roubando em nome do Deus deles por todo o país. São eles que vão acelerar, inexoravelmente, o fim do Brasil, matar a galinha dos ovos de ouro. Do lixão que elegeu o idiota e burro presidente, saíram quatro ministros do Supremo Tribunal Federal, inclusive agora o seu presidente. Além disso, a podridão tem mais três magistrados, o boca de sapo, para quem são encaminhados todos os processos referentes à podridão, que está sempre de plantão para salvar os ladrões cariocas, livrando-os da cadeia, e dois capachos nomeados pelo estúpido presidente, um que desonra o presbiterianismo e outro que envergonha o povo nordestino.

Outra coisa que precisa ser desmistificada no Brasil são os militares do Exército como esperança de salvação da pátria, como guardiões da democracia. No ideário popular, existe a crença de que, a qualquer momento, os militares do Exército podem assumir o poder e resolver todos os problemas do país que os civis não resolvem. Tal crença, que sempre existiu, foi reforçada com o golpe de 1964, quando estiveram no controle do país, não porque tenham feito um bom trabalho, mas porque a censura impedia que todas as roubalheiras e mazelas fossem divulgadas, dando a impressão de que tudo era maravilhoso. Não, eles fizeram um serviço porco. Como não tinham competência para administrar, foram obrigados a valer-se de civis, como o “rouba, mas faz”, ou um outro que estava fazendo o bolo crescer para poder dividir e, no fim, comeu tudo sozinho. A intervenção foi um tremendo fracasso, foi uma grande oportunidade perdida de fazer do Brasil um grande país. Vinte e um anos jogados fora. Se o povo tem saudades da ditadura, é porque a violência, as injustiças e o

enriquecimento dos apadrinhados do regime não podiam ser divulgados. Eles não fizeram nada, não fizeram reforma política, tributária, administrativa, só fizeram porcaria. O sistema político continua podre hoje como sempre foi e será. Eles atrasaram a vida do país. E continuam atrasando: é só olhar para o Ministério da Saúde.

O que o povo tem de entender é que as Forças Armadas são constituídas de brasileiros saídos do meio dele, ou seja, os mesmos burros, ignorantes, trapaceiros, enganadores e corruptos, que se diferenciam por ler meia dúzia de livros sobre estratégia militar que nunca vai ser usada, afinal eles não são guerreiros, porque o Brasil não é um país guerreiro. Não, os militares do Exército brasileiro vivem acuados no Parque do Ibirapuera e na praça Mauá e seus quartéis são usados para que os presidentes passem seus dias de folgas, como o do Guarujá, onde o ladrão de nove dedos descansava, e o de Santa Catarina, onde o atual descansa e se prepara para falar e fazer imundícies. A falsa impressão que o povo tem de seus militares acirrou-lhes a soberba e faz com que se julguem mais inteligentes e mais homens que os outros. Pensam que são melhores que os cientistas, presidentes e primeiros-ministros do mundo todo, recusam-se a concordar com o confinamento para combater a pandemia da covid-19 e desaconselham o uso das vacinas e, pior ainda, recomendam, com burrice acima da média do povo brasileiro, o uso de remédios sem comprovação científica. Eles são o exemplo absoluto da negatividade do povo brasileiro. Esperar, em termos políticos, qualquer coisa boa dessa gente inútil que vive à custa da nação sem contrapartida é esperar por milagre, sonhar acordado.

Mais cedo ou mais tarde, talvez sob a direção do energúmeno, os militares do Exército vão ser reconhecidos por aquilo que são: brasileiros iguais aos outros, pobres coitados brasileiros como os outros, ignorantes como o povo brasileiro, maricas como o povo brasileiro. Está chegando a hora de descer do pedestal ou, melhor dizendo, cair do pedestal. O dia em

que o povo entender isso, vai se conscientizar de que o país depende só dele e de mais ninguém. A desilusão já deveria se fazer sentir quando foram derrotados nas duas guerras que travaram após 1964. A primeira, contra os bandidos no Rio de Janeiro, cujo comandante da derrota foi recompensado pelo fracasso com sua nomeação para Ministro da Defesa para cobrar dos generais da ativa lealdade ao subornador; a segunda, mais humilhante ainda, foi contra o desmatamento da Amazônia, que só piorou sob o comando do vice-presidente, também um general aposentado. Foram duas derrotas acachapantes, como não poderia deixar de ser: não se combate bandido com quem tem medo de bandido, principalmente quando o chefe dos bandidos faz parte do governo como ministro.

Mesmo com elogios do desvairado para esconder o fracasso, os oficiais superiores, subornados e dopados pelo aumento de seus soldos, recusam-se a lutar qualquer outra guerra, seja contra a covid-19 ou a transformação do Brasil na lata de lixo do Paraguai. E agora, fazendo-se de cegos, fingem não ver que aposentados bem remunerados, agindo sorrateiramente como se ainda fossem da ativa, envolvam-se, com a nomeação de alguns de seus oficiais, como participantes de toda essa podridão que vai fazer do Brasil uma grande lata de lixo, pior que a paraguaia, a do grande Rio de Janeiro. Os brasileiros se tornaram um povo nojento, asqueroso, ao invocar diariamente em vão, em todas as suas ações, a graça de Deus. No Brasil, o santo nome “Deus” é usado em vão a cada milésimo de segundo graças aos espertos penta e neopentecostais.

Eu reconheço que nem sempre foi assim. A decadência das forças armadas ocorreu junto, como não poderia deixar de ser, com a da sociedade civil. O ponto crucial, que marca o início da decadência, foi quando os praças, cabos e soldados, que sempre foram obrigados a portar farda sob pena de prisão ou detenção, foram autorizados a vestir-se civilmente com medo dos bandidos que os estavam atacando nas ruas. Daí em diante, todos

os militares de todos os níveis — federal, estaduais ou municipais — andam à paisana, pois têm medo de sair às ruas fardados. Ao mostrar medo dos bandidos, talvez por isso o falastrão chame o povo de maricas, as Forças Armadas e os policiais se desmoralizaram completamente e os bandidos, perdendo o medo e o respeito, apropriaram-se do Brasil.

O povo brasileiro precisa ouvir a verdade nua e crua: quem manda no Brasil são os bandidos e não os militares do Exército. Eles ou elegem seus representantes ou fornecem cocaína para os outros. Um bandido dentro da cadeia tem mais força do que qualquer autoridade. O estado de São Paulo já experimentou a força deles e foi obrigado a ajoelhar-se e fazer um acordo para não ser massacrado. O estado do Pará, idem. É preciso reconhecer a realidade brasileira e deixar de contar papo antes que eles decidam tomar o poder político, como tomaram nas cadeias brasileiras. Ao invés de fazer estúpidas e inúteis medidas provisórias sobre armas, o energúmeno poderia fazer uma medida provisória obrigando todos os funcionários públicos, civis e militares, concursados, eleitos ou comissionados e terceirizados, desde o presidente até o faxineiro, a fazerem exame antidoping uma vez por ano para saber quem está sob a dependência da cocaína e, por consequência, dos traficantes de drogas. Talvez parassem de falar besteiras, de usar da violência para esconder sua covardia e dependência química.

Ao invés de incentivar o povo a não respeitar o confinamento e sair às ruas sem máscara, os vigaristas poderiam incentivar os militares, oficiais, sargentos, cabos e soldados a saírem fardados às ruas exibindo a farda verde-oliva que eu já vesti e exibi com muita honra e orgulho e agora, se ainda existir, só é usada para fazer a faxina nos quartéis. Vamos, valentões, passem no centro do Rio de Janeiro fardados para recuperar sua credibilidade, para mostrar que são homens e machos e quem manda. E quando entrem nas favelas, portem suas armas. Militar que tem medo de vestir farda não é um maricas, é um cagão. Os valentes PMs que matam

crianças à bala no Rio de Janeiro são os mesmos que têm medo de sair fardados nos dias de folga.

O melhor exemplo da avacalhação das Forças Armadas Brasileiras é mostrado quando um navio da marinha de guerra aporta em Santos e os marinheiros desembarcam à paisana, autorizados pelo Art. 1.2.12 do Regulamento de Uniformes da Marinha do Brasil, com medo dos bandidos. O que eu não sei é se eles fazem continência à bandeira brasileira quando embarcam, o que sempre foi obrigatório. No meu tempo de soldado, só o militar coberto podia bater continência. Descoberto devia ficar em posição de sentido. Talvez tenham mudado o regulamento, pois eu vejo o presidente bater continência em solenidades, imitando o americano Trump, para mostrar falsamente ao povo que ele ainda é militar, sem que seja advertido pelos generais.

Eu penso que, se os bandidos se reunissem em manifestação na avenida Paulista e batessem fortemente os pés no chão, os cagões fugiriam para o Paraguai e o Brasil ficaria sem suas forças armadas. Ele, o contador de papo, para provar a grande coragem que diuturnamente alardeia ter, poderia fazer o mesmo: entrar numa favela, a da Maré por exemplo, sozinho e fardado (eu sei que é proibido militar aposentado usar farda), levando tantas armas quantas autoriza que o povo tenha em casa. Vamos, prove sua valentia, deixe de ser cagão. Bandido é um vírus, vírus é um bandido: quem não tem medo de um, não pode ter medo de outro. Afinal, um dia nós todos vamos ter de morrer. Chega de papo furado. Chega de fingir que é o dono da bola. Não faça como o governo italiano, que pensa que manda na Itália. Se depender dessa conversa fiada, desse pobre diabo doente mental e de seus camaradas idiotas, esta será a nova máscara dos brasileiros feita sob medida com matéria prima extraída do lixo pentecostal carioca: o mesmo “ser humano absoluto” de sempre, com a negação do

mundo onde a vida não vale um tostão, mas com um toque de *finesse* dos traficantes e das milícias cariocas: o seu extermínio à bala.

A desgraça do Brasil está mais próxima do que parece aos inocentes e alienados brasileiros. O Estado brasileiro está acabado, liquidado, falido graças à grande roubalheira de seus parlamentares e administradores. É muita roubalheira. Além dos deputados federais, senadores e ministros, juntou-se a eles uma nova gangue, a dos porcos pastores evangélicos. Os deputados, para se safarem, atribuem todo o mal ao Centrão que, na realidade, é composto de somente 152 deputados, não tendo força para decidir nada contra os outros 361.

Os senadores, que constitucionalmente são eleitos para representar os estados, inventaram, em seu regimento interno, um cargo de “líder do governo” para poder roubar, como se viu na CPI da covid-19, em que senadores agiram descaradamente e inconstitucionalmente em defesa do governo federal contra os próprios estados da União que deveriam defender. Deputados e senadores fizeram, com a anuência do Executivo federal, um orçamento secreto para poderem roubar legalmente: são corruptos e ladrões descarados. A grande novidade nesse mar de lama foi o aparecimento, lixo espalhado pelo idiota presidente, de um novo bando de ladrões, os pastores pentecostais, que até agora contentavam-se em roubar, nas igrejas, os pobres coitados fiéis.

A roubalheira atingiu até os protestantes tradicionais, os presbiterianos, que até agora tinham-se dedicado ao trabalho honesto para viver. Integrantes do bando que se elegeram para o congresso formaram uma famigerada quadrilha, a “bancada evangélica”, a exemplo da “bancada da bala”, enquadrados todos como ladrões do dinheiro público. O novo bando integrou-se à administração pública para roubar, sem qualquer cerimônia, graças a Deus e ao energúmeno e sua esposa. Contando as

Assembleias Legislativas, as Câmaras Municipais e os respectivos Executivos por todo o país, são milhares de ladrões exaurindo as finanças públicas. Não há, neste maldito mundo de Deus dos pastores, nada mais nojento e degradante do que as Câmaras Municipais de São Paulo e do Rio de Janeiro. A de São Paulo foi infiltrada por bandidos e ladrões representantes do PCC e a do Rio de Janeiro, formada por ladrões, estupradores e assassinos representantes das milícias e dos traficantes. Duas imundícies.

Com roubalheira institucionalizada, não há Estado que resista. O fim está próximo. Ele é facilmente presumível: a falência do Estado vai levar junto o país e a nação. Quando os militares brasileiros conseguirem levar ao fim suas porcas ideias de acabar com a Amazônia e seus rios voadores, o Brasil vai se tornar um grande deserto, principalmente nas regiões sul e sudeste. Não adianta nada os meios de comunicação ou os órgãos de fiscalização ficarem se lamuriando e divulgando diariamente, com um certo *amertume*, quantos e quantos mil quilômetros foram desmatados ou incendiados mensalmente. A extinção da Amazônia é inevitável devido à ideologia das Forças Armadas Brasileiras, que decidiram que a maneira mais fácil de acabar com a “cobiça internacional pela Amazônia” é acabando com a floresta: sobre o deserto não haverá cobiça, não precisarão ter que lutar para mantê-lo. Contraditoriamente, porém, apoiam a invasão da Ucrânia pela Rússia, disfarçada de um suposto “equilíbrio”, ou seja, a atitude dos três macacos. Os idiotas não percebem que, com essa atitude passiva, estão encorajando, implicitamente, a invasão do Brasil por forças estrangeiras. Logo, logo vão se arrepender amargamente, junto com os covardes da OTAN, por não terem enfrentado à bala o maluco Putin no início da explicitação de suas loucuras. A anexação da Criméia pelos russos de Putin tem o mesmo valor simbólico que a anexação da Áustria pelos nazistas de Hitler. Quem viver, verá. Salve-se quem puder se salvar.

Essa porcaria toda que é imposta ao povo brasileiro como máscara é que são as falsificações e distorções da periferia do “ser humano absoluto”, copiado da matriz intelectual francesa. O povo brasileiro é o mais calvinista do mundo. Tudo que o brasileiro faz ou pensa é “graças a Deus”: se defeca, se urina, se faz um gol, se defende um chute, se se safava de um acidente, se cospe, se chove, se faz sol, tudo é graças a Deus. Eles são marionetes movidas pelos cordões de um Deus que eles inventaram e que fica plainando sobre o Brasil movendo os cordões de 235 milhões de brasileiros. Por isso é que eles dizem que Deus é brasileiro. “Primeiramente quero agradecer a Deus e depois...” É o chavão, um mantra, para todas as respostas. Os mais humildes, por acreditarem sinceramente; e os astutos pastores e políticos, para se aproveitarem deles. Deus é mais falado no Brasil do que em todo o resto do mundo.

Essa é a grande e principal diferença entre brasileiros e franceses, como colonos e colonizadores: o povo francês só ocasionalmente fala em Deus. Coincidentemente, porém, os políticos franceses, como os brasileiros, aproveitadores, falam nele a cada minuto, chamando-o pelo nome de república. Mas, desgraçadamente, do ponto de vista dos eleitos calvinistas, posso afirmar com certeza que, no Brasil atual, não há nenhum eleito, só condenados à morte eterna. O futuro do Brasil é negro, seja com a eleição de um ignorante burro ou de um ignorante inteligente. Amém.

5.2 A França

A França, que já vivia uma grave crise com altas taxas de desemprego e baixo crescimento econômico, deve ter sua situação bastante agravada com a eclosão da pandemia covid-19, apesar das declarações otimistas, na televisão, do Ministro da Economia, um grande charlatão, de que a França

já se recuperou e voltou ao nível pré-crise, esquecendo-se de dizer que aquele nível era exatamente de alto desemprego e baixo crescimento, o que significa dizer que a França voltou à mesma porcaria de antes. Esse é um grande defeito dos políticos em geral e especialmente dos franceses: pensar que todo mundo é idiota como eles. A crise — que era atribuída por uns como resultado da adoção da moeda única; por outros, como resultado das medidas de austeridade adotadas pelo governo, pressionado pela União Europeia e os mais radicais à mundialização — passa a ter agora esse novo vilão. Sempre é cômodo, para quem quer se enganar, atribuir todas as desgraças que o afligem aos outros, a causas externas, embora a palavra mais usada na França seja responsabilidade. “Cada um deve assumir suas responsabilidades” é a frase mais em voga entre os políticos franceses. Eles conseguiram estuprar não só a língua, mas a inteligência de qualquer pessoa perspicaz ao afirmar descaradamente que “quem não assumir suas responsabilidades será responsabilizado”. Belo pleonasma aceito pelos filólogos, filósofos e todo o tipo de imbecil que deveria chamar a atenção dos vigaristas e ficam calados ouvindo a ladainha. Eles odeiam a palavra dever e a trocaram por responsabilidade para enganar os ex-cidadãos franceses, agora eleitores. As respostas apresentadas para as causas da crise seguem na mesma linha de fraude, de enganação, de má-fé e são típicas de quem quer ludibriar os que têm preguiça de pensar.

A decadência em que a França está metida, porém, é mais profunda do que os franceses pensam, ou se negam a pensar, ou não se interessam em pensar, ou não sabem pensar, e a deterioração cerebral de seus mal-intencionados dirigentes não permite que pensem. A característica fundamental do conhecimento que os franceses têm da história da França, da sua cultura, é a ignorância de seu passado ou, na verdade, conhecimento de história mal contada. Eles sempre souberam que a França é um país rico, terra da liberdade, da igualdade e da fraternidade, terra de acolhimento. Essas são verdades indiscutíveis, absolutas, fora de crítica. A impressão que

eu tenho é de que eles acreditam que Descartes esgotou todo o estoque da dúvida, eles não duvidam de nada, estão absolutamente certos quanto ao passado e presente gloriosos da França.

Essas certezas, essa ignorância, o comodismo e a indolência dos políticos só não levam a França ao fundo do poço por dois motivos: ela possui armas nucleares e, mais importante, tem direito de veto na ONU. O direito de veto na ONU é a base de toda a chantagem que faz com que ela ainda seja um país mais ou menos respeitado. Os países de sua área de influência na África e na Europa têm de se valer da França para se defenderem de qualquer ataque, caso mais específico da Alemanha, assim como a Coreia do Norte se submete à chantagem da China; a Síria, à chantagem da Rússia; e Israel, à dos Estados Unidos. Mas a França vai continuar no marasmo em que se encontra porque os homens públicos não reconhecem a decadência e não mudam radicalmente sua maneira de pensar e agir, estudando a real história da França para entenderem a gravidade do problema. Embora o mesmo destino esteja reservado a todos os países europeus, com raríssimas exceções, o que me interessa é a França, porque foram as ideias francesas que moldaram, à distância, minha máscara, o meu “ser humano absoluto”, com os vícios da cópia e das falsificações da periferia. A França, os franceses têm razão, é um país rico. Como ficou rico é uma outra história, nunca indagam, é como se tivesse direito a ser rico por natureza, apesar da história francesa ser pródiga em exemplos das dificuldades por que passou. Mas essas dificuldades pertencem a um tenebroso passado, atribuído ao Antigo Regime, em que o fausto dos reis e sua corte desbaratava toda a riqueza do país. Todos os valores positivos que a França tem são republicanos, pelo menos é o que dizem os políticos e os professores franceses, tentando sempre justificar a república e desqualificar o Antigo Regime. Chega a ser enfadonho e deprimente ouvi-los repetir incansavelmente, diuturnamente, essa ladainha.

A república, como forma de governo, é uma deturpação da democracia, um roubo do direito do cidadão de decidir, um governo que os imbecis aproveitadores inventaram para impor suas vontades à maioria dos cidadãos. república é uma afronta democrática, um lixo legalizado. República é um apêndice democrático, a impossibilidade de reunião de todos os cidadãos em assembleia . Ela não tem nenhum dos pretensos valores que os políticos franceses lhe atribuem e não deveria nunca ser elogiada, mas lamentada e chorada. Na França, foi a maneira com que a mesma burguesia — que havia liderado a Revolução de 1789, copiada dos Estados Unidos por meio de seus políticos desonestos — encontrou para se livrarem dos cidadãos que já haviam cumprido seu papel de bucha de canhão ao despojar a nobreza do poder. Ao elogiar a república como forma de governo, ao fazer dela uma religião positivista encabeçada por Clotilde de Vaux disfarçada de Mariana, a França cumpre seu deprimente papel de disseminadora de imundícies no mundo. Depois da miséria do platonismo e das equivocadas ilusões do socialismo marxista, ela completa sua porca missão para apressar o fim da vida na Terra espalhando a república como forma religiosa, sem inúteis padres, pastores ou rabinos, é verdade, mas, em compensação, com políticos e filósofos idiotas exercendo o triste papel de mentirosos contumazes.

A Rússia e a Alemanha comunistas eram repúblicas, a China é uma república. Existe mesmo a república bolivariana da Venezuela. E que dizer da república islâmica do Irã? O que tem de especial a república francesa que a diferencia das outras para ser tão comemorada, elogiada e adorada? Será a república platônica dos sábios? Ou por que nasceu num circo? Se há valores, são sociais, são os franceses que têm os valores. Qual ou quais as causas que teriam levado os políticos franceses a deturparem o sentido da palavra? Por que atribuir a uma entidade fantasma os valores da sociedade? Menosprezar os países monárquicos, como Inglaterra, Espanha, Suécia, Bélgica etc., que não teriam valor algum por supostamente não serem

repúblicas? Não, e é possível que os políticos não saibam, hoje todos os países europeus são repúblicas, segundo a definição do Petit Larousse:

“Regime politique dans lequel le pouvoir est partagé et ou la fonction de chef de l’état n’est pas héréditaire. 2 état, pays ayant cette fore de d’organisation. La republique Française.”

Embora países como Inglaterra, Espanha e Bélgica sejam simbolicamente chamadas de monarquias constitucionais, nas quais rainha e reis são funções hereditárias, eles são repúblicas porque quem exerce o poder de chefe de Estado é o primeiro-ministro representante do partido majoritariamente votado, cujos eleitos enquadram-se na definição proposta pelo dicionário. O nome correto para o sistema político desses países seria república parlamentar monárquica, para diferenciá-la da república parlamentar presidencialista. No caso em que o chefe do governo é o presidente e o parlamento é órgão de controle, caso dos Estados Unidos e do Brasil, temos a república presidencialista propriamente dita. A França é caso atípico, uma exceção em todo o mundo: ela é uma república mutante, parlamentar ou presidencialista dependendo da maioria no parlamento. Quando o presidente tem maioria no parlamento, ele indica o primeiro-ministro, que se torna um simples líder do ministério, pois o chefe do governo de fato é o presidente, é ele quem exerce o poder.

Nesse caso, a república é presidencialista. Quando o presidente não tem maioria no parlamento, o primeiro-ministro é indicado pelos deputados e temos a república parlamentarista: é a chamada coabitação entre presidencialismo e parlamentarismo. Toda vez que a França deve se representar no exterior, vão os dois representantes, quase sempre com ideias divergentes, mas é o primeiro-ministro, que só deve satisfação ao parlamento, quem toma as decisões.

O que mais parece assombrar os políticos franceses, e o que os faz exaltarem tanto a república a ponto de fazer dela uma religião, é o medo de que o povo decida voltar à monarquia, como fizeram os espanhóis, pelo descrédito a que estão submetidos. Para se manterem no poder, não hesitaram em roubar todos os valores da sociedade democrática e transferi-los fraudulentamente para a república. A grande e única vitória digna de comemoração da Revolução de 1789 foi a transformação dos franceses de “sujeitos” do rei em cidadãos livres, como individualidades democráticas, ativos ou passivos, porém cidadãos. Esse foi o seu grande sucesso e motivo do seu grande fracasso, pois gerou liberdade irresponsável com indisciplina e, logo, anarquia. Afastada a possibilidade de uma monarquia constitucional com a recusa de Luís XVI, a saída foi a república, que nunca havia sido cogitada, mas não havia alternativa a não ser uma volta à monarquia absoluta, o que era inadmissível. Durante um curto período, o povo francês deixou de ser sujeito e se tornou protagonista da história. Foi um belo minuto em que o sol iluminou a gloriosa França. Mas, parafraseando Nietzsche, foi só um minuto que passou tão rápido que nem deixou rastro por ter sido logo abafado pela escuridão invernal da república. Com ela o momentâneo cidadão voltou ao que sempre foi e estava habituado a ser: um sujeito, mas com novo amo, a república, e novo nome: eleitor. A diferença fundamental entre os dois sujeitos é que o do rei só tinha deveres e nenhum direito e o da república só tem um direito e nenhum dever, nem mesmo o de votar.

A primeira república, em 1792, acabou com a universalidade do cidadão e colocou-o em seu devido lugar: um eleitor que pensa ter direitos sem nenhum dever. Sujeito com o nome de eleitor, com direito a voto desde que não obrigatório. O importante para o sujeito da república é ser por ela amparado, que um assistente social venha, nas noites frias de inverno, trazer-lhe um prato de sopa quente, de preferência servindo-lhe na boca. Foi esta dependência que a república instituiu ao transformar o cidadão

democrático em sujeito-eleitor com a finalidade de se manter como forma de governo.

A monarquia via o seu sujeito como um homem dependente de Deus, ela não precisava se preocupar com ele. Todo o dinheiro que a França roubava das colônias era para sustentar a corte, construir castelos e igrejas. A Revolução via o homem como cidadão independente de Deus e do governo. Todo dinheiro obtido com a exploração foi usado para defender a França de ataques de estrangeiros que queriam restaurar a monarquia. A república vê o seu sujeito como um homem que depende totalmente dela para viver. Todo dinheiro obtido com os saques das colônias era para sustentar seus sujeitos transformados em pedintes, párias, mendigos, malandros, *gilets-jaunes*. Foi a república, quer dizer, as marionetes políticas que falam por ela, que fez dos franceses o que eles são hoje: uma cambada de socialistas inimigos do trabalho, chorões de bicos abertos sempre esperando por migalhas estatais, disfarçadas em *pouvoir d'achat*. E os chantagistas políticos franceses tornaram-se os santos da nova religião para quem os sujeitos devem orar se quiserem ver atendidas as suas súplicas. Endividando-se, a Deusa Mariana tem conseguido, bem ou mal, através do milagre da multiplicação dos pães e peixes, atender aos pedidos intermediados pelos seus asseclas. Mas, como já afirmei, a maldita conta sempre chega para ser paga. E o dia do pagamento está chegando, a não ser, para sorte da Mariana e seus santos, que outra conta chegue antes para ser paga por toda a humanidade: o fim da vida na Terra.

Ao ignorar o ideal revolucionário, fazer dos sujeitos do rei cidadãos, os políticos franceses, e todos os idiotas que ficam calados assistindo pacificamente à metamorfose, estão jogando na lata do lixo todos aqueles sonhos pelos quais muita gente lutou e morreu e que foi legado como conquista ao povo francês. Todos eles menosprezam a Revolução e, ao recuperam os valores da monarquia em nome da república, cometem um

roubo, mesmo quando ele tem a aparência de furto. Jogar fora o passado no que ele tem de mais belo e expressivo é sinal de decadência mental coletiva. Divinizar a república em detrimento da democracia é uma estupidez insana, é prova do fim dos tempos, sinal de que os franceses enlouqueceram.

O maior de todos os vigaristas, os presidentes da república, eu nem sei a partir de quando, são os principais divulgadores da grande farsa quando encerram suas tagarelices na televisão e vomitam: *vive la France, vive la republique*. A idiotice é repetida com a mesma ênfase por todos os energúmenos políticos-papagaios de todos os partidos, qualquer que seja a ideologia. Filósofos, intelectuais e todo tipo de pessoas que deveriam criticar este tipo de vigarice se calam, participando da mesma farsa. A palavra que os políticos vigaristas franceses mais temem e odeiam e a que menos pronunciam é a que foi a grande conquista da Revolução: democracia. É coisa rara ouvir um político francês falar em “princípios democráticos”. Eles martelam repetidamente, em uníssono, a deslavada mentira dos “princípios republicanos” para desprestigiar a Revolução e desvalorizar o seu principal legado: o cidadão, que os revolucionários ostentavam com muito orgulho. Eles repetem a mentira há tanto tempo que ela acabou se tornando verdade, confirmando a teoria de Goebbels. Não só se tornou verdade, como se objetivou na Mariana: o sujeito pode vê-la diariamente, ela é apalpável, existe de fato, é um ente que nasceu do ser, uma aberração. Da minha janela, eu posso ver os seus eleitores trepados nela em dias de manifestações.

Eles enganaram o eleitor durante tanto tempo que acabaram enganando a si próprios: cidadão, a única conquista da Revolução que valeu a pena, além, claro, da Marselhesa, não é mais um valor democrático e sim pretensamente republicano. Substituindo o conceito de democracia pelo da república, os políticos expropriaram, em consequência, os direitos políticos, sociais e econômicos do cidadão e os trocaram, desvestindo-os de seu pleno

significado, pelos de eleitor, um “sujeito” a ser ludibriado a cada eleição, que é o único direito que a república confere: votar.

A doença mortal e altamente contagiosa pegou em todos os políticos franceses, sejam da esquerda, do centro, da direita ou de qualquer outra direção. Todos cantam afinadamente, como aves sonoras ou “maria vai com as outras”, o seu amor pelos valores da república. Mas nenhum deles jamais fala quais são esses valores ou porque não sabem ou porque tais valores não existam, a não ser para um primeiro-ministro idiota (não, não foi Richelieu e nem Mazarin) que pensa que a maneira estropiada de se vestir de um jovem francês é “republicana”. Toda a cultura francesa está impregnada pelos ideais republicanos que, na verdade, são um só: o direito de eleger seus dirigentes. O único valor que poderia ser atribuído à república, além daquele, plagiado do princípio plato-cristão de misericórdia, o de que a França é uma terra de acolhimento, revelou-se falso, como tudo na república, quando imigrantes pobres, a bordo de precárias embarcações, tentaram desembarcar nos portos franceses do Mediterrâneo e foram impedidos, provando que o fato de a França dar asilo aos ricos bandidos que são expulsos ou fogem de seus países — e encontram até um hospital para recebê-los e tratá-los — não é um valor, mas uma sujeira política. Este cinismo certamente não era defendido pela Revolução e nem pelo cristianismo platônico. Claro que ainda existem cidadãos franceses, além dos eleitos. Eles estão espalhados pelo mundo todo. Só nos Estados Unidos, vivem quase um milhão deles.

Os políticos se reconhecem como vigaristas e sabem que o povo não tem a mínima confiança neles, fato, diga-se de passagem, não exclusivo da França. Além desta blasfêmia, fazer da república uma religião, existem outras causas da deterioração do crédito político, principalmente aquela inaugurada por Philippe d’Orleans quando regente: a separação entre a ética pública e a ética privada, lembrando a teoria jurídica inglesa dos dois

corpos do rei. Os políticos franceses pretendem manter suas vidas privadas separadas da vida pública, como se fosse possível um ladrão e drogado na vida privada ser honesto e não drogado na vida pública. Esse comportamento nefasto, certamente originado do desprezo cristão-platônico pelo corpo humano herdado da monarquia, tornou-se a característica distintiva entre a política anglo-americana, oriunda do puritanismo calvinista, e a francesa, ditada pelo catolicismo. O corpo deve se ocupar das coisas carnis enquanto a alma, das coisas públicas, da divina república. Essa distinção que os ingleses — e especificamente o primeiro-ministro Churchill — corrigiram no general Charles de Gaulle em Londres, fazendo com que ele se tornasse o maior francês dos tempos modernos pelo seu comportamento ético exemplar, não foi percebida pelos políticos franceses, nem mesmo pelos seus seguidores gaullistas, que continuaram defendendo a mesma duplicidade ética.

A gloriosa inglesa uniu a monarquia com a república: a francesa acabou com a monarquia, mas não com o rei, que apenas mudou seu nome para presidente, e nem com os nobres, que agora são os eleitos. A única diferença, outra vitória da revolução, é no pagamento de impostos: os privilegiados do Antigo Regime não pagavam e os da república devem pagar. Mas não há diferença alguma entre um rei que se entretém com seus *mignons* depois da batalha e um presidente que sai de moto para encontrar sua amante depois do expediente. Quem pode confiar em um homem que tem duas caras? Nenhum político — seja o presidente da República ou um de seus *marmousets*, deputados e senadores — é respeitado pelos eleitores da república. E a falta de respeito pela autoridade se estendeu para todas as esferas do poder público, inclusive, fato gravíssimo, aos funcionários da polícia e da *gendarmérie*, que eles, fracos e incompetentes, disfarçam sob o manto de proteção das liberdades individuais, mais uma deslavada mentira que faz com que a França mantenha sua hegemonia mundial na propagação de falsos ideais, hoje chamadas de *fake news*. Se eu tivesse que apontar uma

nação responsável pelo fim da vida na Terra, meus dez dedos seriam um só e apontariam para a França. Os políticos franceses sabem disso muito bem e inventaram um falso acordo de proteção ao clima para, como sempre, eximirem-se da culpa, apontando seus dedos e artelhos noutra direção, como fizeram com a deportação dos judeus.

A nação francesa tem seríssimos problemas de má consciência, não só a individual, a certeza da morte, mas a consciência histórico-cultural, a culpa da escandalosa Revolução de 1789, que pretendeu acabar com o “sujeito” e introduzir o cidadão, ambas introjetadas no seu inconsciente pelo plato-cristianismo e pela república. Os franceses, para livrarem-se da má consciência, atribuem todas as barbaridades cometidas pela Revolução aos imbecis que ordenaram a profanação de túmulos e igrejas e usaram, em profusão e covardemente, a guilhotina, o terror, como fizeram os alemães que transferiram toda a culpa por suas faltas na Segunda Guerra Mundial aos nazistas, como se não fossem alemães. Os franceses também atribuem a deportação de judeus ao governo de Vichy, não à França, apesar do reconhecimento presidencial. Nos três casos, as atrocidades não foram cometidas pelos alemães e nem pelos franceses, mas pelo terror, pelos nazistas e por Pétain.

A burguesia francesa, movida pela inveja — não ódio, como quer Max Weber —, atçou contra a nobreza a plebe faminta, esta sim raivosa porque tinha fome, destruindo tudo que representava a monarquia, a aristocracia e sua irmã gêmea, a religião. Atos como desencaixar corpos de reis em Saint Denis para aproveitar o chumbo dos ataúdes ou destruir igrejas e monumentos em atitudes protestantes deixou marcas irreparáveis no mais profundo da alma francesa. Mas todas essas depravações não são nada, comparadas com uma causa ainda maior de angústia e de desespero: o seu nojento passado colonialista.

A história da França, que os franceses mal conhecem, resume-se à monarquia e à república com a Revolução servindo de separação entre as duas. Claro, há Napoleão. Essas, os pequenos franceses aprendem na escola, as emissões de TV falam diuturnamente, programas de jogos perguntam, alguns respondem. Estátuas, exposições, museus, filmes, aventuras, livros, enfim toda a cultura francesa é grávida das duas histórias. Por toda parte, nome das ruas, praças, tudo enfim nos lembra deste passado. Versailles é o deslumbramento absoluto da cultura francesa. Mas a França tem uma história, um passado oculto e sujo, nojento, que a nação faz questão absoluta de não querer saber, de esconder: seu passado colonialista, de onde veio toda a riqueza francesa.

Foi matando, massacrando, fuzilando, esquartejando, roubando, extorquindo, vendendo negros que a França ficou rica. O povo jamais demonstrou qualquer interesse pelo colonialismo, atitude dos três macacos, preferindo fazer de conta que não existia, não sabia, não ouvia e não falava, mesmo no seu apogeu, apesar dos insistentes apelos dos meios de comunicação da época, representantes da burguesia colonialista, e pelas exposições patrocinadas pelo governo. A nação vivia a boa vida — financiada com a pele extorquida dos negros africanos, dos amarelos asiáticos e dos vermelhos americanos — sem se preocupar com a origem do dinheiro que pagava sua comida, como aqueles pequenos pássaros que ficam no ninho e, quando percebem que a mãe se aproxima, gritam e abrem o bico para serem alimentados. Usufruíam das benesses do colonialismo sem questioná-lo. Os franceses não sabem ou não querem saber que Marseille foi construída com o sangue argelino, Bordeaux com o dos nigerianos, Lyon com ambos, mas especialmente dos marroquinos. A burguesia francesa não sacrificou só os negros africanos, os vietnamitas, os laocianos e os americanos, como sacrificou seus próprios sujeitos, como foi o caso de Kourou na Guiana, dos Acadiens no Canadá e depois em Louisiane.

Eu amo Paris. Quando entro nesta maravilhosa cidade, sinto-me em casa, uma sensação de bem-estar me domina como se eu já tivesse vivido aqui noutra vida, resultado do feitio da minha máscara. O que me cativa não são as belezas naturais de Paris nem suas ruas sujas, não são os franceses que urinam e vomitam nas ruas, que sacodem roupas pelas janelas ou regam as plantas nos balcões e nem os estúpidos taxistas e garçons mal-educados e nem mesmo os ladrões e vigaristas — que se escondem atrás de apelidos como eletricitas, encanadores, chaveiros — que prestam serviços em domicílio em emergências e são exemplos do grande lixo humano em que se transformaram Paris e a França. Ao contrário do Rio de Janeiro, famoso pela beleza natural até os 500 metros a contar da arrebentação, o que me encanta aqui, além das ignorantes e estúpidas, porém lindas, esbeltas, elegantes e charmosas francesas, é a obra humana, suas ruas e vielas imundas cheias de história, monumentos grandiosos construídos pela engenhosidade humana, francos e franceses de outras épocas, já que os modernos franceses só conseguiram construir a horrível pirâmide do Louvre. Não poderia deixar de amar seus maravilhosos artistas, músicos, atores, cantores, pintores, compositores, escultores, arquitetos e artesãos, enfim todo esse sensacional conjunto de homens e mulheres que só a França foi e é capaz de gerar dentro dos parâmetros do “ser humano absoluto”. Não poderia também ignorar os cientistas franceses, em todos os ramos do conhecimento científico, e suas diversas descobertas importantes para toda a humanidade, com diversos prêmios Nobel. Infelizmente não posso dizer o mesmo dos políticos e intelectuais franceses, principalmente dos filósofos. Olhando de perto a produção de uns e outros, a impressão que tenho é que, na França, quem nasce inteligente se torna artista ou cientista e os menos dotados intelectualmente se tornam políticos, escritores, filósofos e todo tipo de intelectuais. Já os burros trabalham nos jornais televisivos ou são “blogueiros”. Nenhum eleito, nenhum espírito livre, nenhum Zaratustra,

nenhum Trump e nem mesmo nenhum Georges Brassens. Só condenados, só inúteis.

A história que Paris conta entranhada em suas ruas, e que me emociona, é a da França que nasceu junto com a expansão do platonismo na Gália romana, terra prometida aos francos. Sem essa simbiose, a França não existiria e nem a grande farsa teria se expandido. A história da nação francesa, do povo francês, é uma história triste, de lutas, fome, miséria, pestes, revoltas, sangria, uma carnificina. Para chegar ao que é hoje, a nação francesa enfrentou condições adversas internas, mas principalmente externas. Desde Clóvis, muito sofrimento, muita dor, angústia, desespero, muitas lágrimas derramadas, muitas mortes perpetradas, muitas cidades arrasadas, muita afronta aos direitos humanos. Originária principalmente dos francos, povo guerreiro, a França por diversas vezes esteve sujeita a não se firmar como Estado e nação devido a seus costumes, que obrigavam a uma incessante divisão interna do reino.

A nação francesa aparentemente aprendeu a ferro e fogo a controlar seus impulsos, vencer a barbárie, tornar-se “civilizada” (Nietzsche fala que foram “acordeirados”). Mas essa aparência de civilização é apenas uma superficialidade para ocultar o comportamento belicoso em relação aos outros povos. A França nunca deixou de ser um país guerreiro, pois as guerras são um de seus atributos mais característicos. Em seus mil e quinhentos anos de história, somente em pequenos intervalos deixou de estar em guerra. A última e atual é a guerra contra a covid-19, sem contar as intervenções patrocinadas pela ONU nas suas ex-colônias africanas. Todos os valores humanos pregados pelo catolicismo foram assimilados e paganizados pela nação francesa. Sem os francos com suas espadas, suas lutas ferrenhas, seu sangue e sua fé, a Igreja Católica não teria se desenvolvido, ocupado toda a Gália e se espalhado pelo mundo. Foi a espada de Charles Magne que, cortando cabeças, acasalou, uniu

indissolúvelmente os francos ao catolicismo. Quem não era cristão, não era franco, morria. Eles consideravam-se povo eleito para garantir a fé em Deus na nova Terra Prometida, a Gália. Essa união era sacramentada na figura do rei, representante de Deus na Terra. “A França é a filha Aînée da Igreja Católica”, no dizer do atual Papa Francisco I.

Foram os pobres, doentes, miseráveis, a ralé social que se reuniu para Expandir o plato-cristianismo, como afirma Nietzsche, mas eles foram conduzidos pelos sacerdotes que, além de pertencentes à nobreza, foram sempre apoiados pelas classes dominantes da época, a elite e os reis que se aproveitaram da religião e da ignorância para impor seu domínio sobre o povo. Por conveniência ou não, os nobres se converteram ao plato-cristianismo, promoveram a construção de igrejas e monastérios, tornaram-se santos. Todo castelo tinha uma capela em seu interior, mesmo Versailles de Luís XIV. O rei, como representante de Deus na Terra, reconhecido na sua sagração pela Igreja, era o cimento que mantinha a França unida, a partir da mística de Clóvis. Joana d’Arc sabia muito bem disso: foi a última guerreira a usar a espada para unir religião e Estado.

O surgimento da pretensa religião reformada, o protestantismo, causou um drama terrível na sociedade francesa. Foi uma grande e verdadeira revolução. Foram setenta anos de guerras até que os católicos aceitassem a ideia de que era possível ser francês e calvinista. O trauma mudou para sempre a nação francesa. Não admitindo a adoração de imagens humanas como divinas, colocou em xeque a divinização do rei. A desmistificação não tinha volta, mais cedo ou tarde levaria à sua dessacralização. A Revolução Francesa foi apenas o ápice dessa materialização, que começou no reinado de Luís XIII e seu ministro cardeal Richelieu, quando adotaram a razão de Estado de Maquiavel como fundamento da ação política. Como os protestantes haviam quebrado igrejas e tudo que representava imagens de Deus, objetos de adoração, os franceses dispuseram-se a matar o rei e a

rainha e a profanar os cadáveres conservados na Igreja de São Denis como se fossem objetos de culto. Foi uma revolução pagã, com valores platô-cristãos, os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade são os mesmos defendidos por Jesus Cristo. Ao acabar com as três classes sociais, com os sujeitos do rei, a Revolução teve o apoio do povo, manobrados pela burguesia invejosa e sedenta de poder.

A separação entre Estado e Igreja em grande parte da França, instituída pela lei de 1905, que pretendia tornar laica a administração francesa, e que os políticos franceses apregoam diuturnamente como um dos valores republicanos, logo tornou-se um desenfreado ateísmo, porque além da separação entre a Igreja Católica e o Estado como instituições, houve também a substituição da religião católica pela da república. O divórcio com o reconhecimento da liberdade de consciência instituídos pela lei, revogando o regime concordatário em vigor desde 1801, não significou, todavia, separação de nação e religião, como parecem pensar, por seus comportamentos, os políticos franceses. O abandono da religião católica gerou uma grande contradição, uma divergência profunda entre políticos, defensores do ateísmo republicano e o povo plato-cristão. Os políticos franceses, que se sentem na obrigação de esconder suas convicções religiosas pertencentes à sua face privada, transformaram o Estado laico em Estado ateu, mesmo sabendo das convicções religiosas que permanecem no mais profundo da alma francesa. Jamais um presidente da República ou um de seus *marmousets* será visto frequentando uma igreja, assistindo a uma missa ou falando em Deus, a não ser em épocas eleitorais, afinal a França vale bem uma, ou em alguma cerimônia fúnebre denunciando um reconhecimento dos valores plato-cristãos dos eleitores.

A separação deu ainda mais força à já citada maior invenção francesa de todos os tempos, iniciada pelo regente Phillipe d'Orleans, e a mais daninha para suas colônias e para toda humanidade. Essa aberração

separatista foi o que tornou o comportamento político profundamente desacreditado. Como o que conta é a consciência da nação, formou-se uma profunda estranheza entre ela e os políticos. A consciência francesa permaneceu plato-cristã, guardou todos os valores religiosos, embora os franceses não frequentem as igrejas. Ao transferir os valores democráticos à república, uma nova religião, os políticos e intelectuais, principalmente os socialistas e comunistas, ateus, proporcionaram o fortalecimento da direita radical que traz a religião para o centro do debate através Joana d'Arc, representante da união entre Estado e religião, despertando o lado franco-messiânico do eleitor que permaneceu no seu inconsciente. Os esquerdistas, antiliberais econômicos, mas ultraliberais éticos, levaram muito longe o desrespeito aos valores plato-cristãos do povo, apresentando-se como os portadores da boa nova, o materialismo filosófico de Marx e Engels.

Com a direita, a França volta a ser um Estado plato-cristão, quer dizer, assume seus valores, reconhece-se como tal e, principalmente, enfrenta o que ela considera hoje como o seu maior inimigo: o islamismo radical, que luta não contra outras religiões, mas contra a falta delas. Para se iludirem e enganar os seus sujeitos, os políticos franceses, que não se cansam de elogiar o Estado laico, fortaleceram ainda mais a nova religião com um novo deus, na verdade uma deusa, a república, imitando o positivismo de Comte e sua deusa da Religião da Humanidade, Clotilde de Vaux, mas que, mesmo com a construção de estátuas em sua homenagem com nome de Mariana, infelizmente para eles, não tem a mesma atração que o Deus plato-cristão, porque não garante a vida após a morte. Se Deus criou o homem para sua glória, como pregam os embusteiros, os políticos transformaram o cidadão revolucionário em sujeito-eleitor para a glória da república, que assumiu as funções que eram prestadas pela igreja: a assistência que ela desempenhava pedindo aos ricos e distribuindo aos pobres.

O que os políticos não elogiam, mas também escondem, ou não sabem, ou fazem questão de não tocar no assunto, é como ficou rica a França. Como ficaram ricos os países europeus, que valores embasaram a aquisição dessa riqueza. O seu passado colonialista e a exploração de negros, árabes, africanos, asiáticos e americanos que possibilitaram, à França e a toda a Europa, o enriquecimento também são valores republicanos? Foi a exploração das colônias que possibilitou ao povo francês viver a boa vida, as curas promovidas pela assistência social, as boas aposentadorias, os bons salários, o Estado previdência. Foi o couro dos colonos que enriqueceu a Europa. A exploração a que eram submetidos os colonos foi camuflada pelas elites dominantes em cada país com a fabricação de diversas ideologias tidas como valores universais, principalmente os plato-cristãos, que justificavam o massacre dos infelizes que se revoltavam. Quando se separou da Igreja Católica, o Estado assumiu a previdência, que passou de divina, do Sermão da Montanha, a estatal, republicana. O povo se habituou com essa boa vida sem questionar de onde vinha o dinheiro para o seu bem-estar, suas férias remuneradas, suas curas.

Acabaram as colônias, mas o povo continuou com os mesmos benefícios que tinha. Para adiar o desmame e sabendo do fim das colônias e das dificuldades do governo em manter seus privilégios, já saiu diversas vezes em passeata pelas ruas, com apoio dos parceiros sociais, exigindo que o governo substitua as colônias pelas grandes sociedades globais e seus acionistas para manter suas regalias. Infelizmente nenhum político teve, e não tem, a coragem de dizer a verdade: agora quem quiser ter boa vida tem de trabalhar, pois não podemos substituir as colônias pelas empresas multinacionais. Tirar a pele de acionista não é o mesmo que tirar a pele de negro africano. Também não podemos invadir a sede das multinacionais como invadimos o México em busca de prata para reforçar nosso caixa e nem mandar outro Napoleão invadir a Lombardia para roubar. Quem entendeu esses fatos por si mesmo, certamente com muita frustração e dor,

dedicou-se ao trabalho, mas foi obrigado a abandonar a França e morar em outro país onde o trabalho não é um castigo dado por Deus e sim, por ter origem divina, dá dignidade ao homem.

A Inglaterra, que chegou a ser um império onde o sol jamais se escondia, foi o país da Revolução Industrial graças a um mercado consumidor cativo para seus produtos. Os soldados da companhia das Índias Ocidentais e os de Sua Majestade impunham, pela força das armas, a obrigação de comprar da metrópole, chegando, na Índia, a quebrar todas as máquinas de tecelagem nativas para obrigá-los a importar o algodão fabricado pela matriz. A ideologia criada pela elite protestante inglesa, tão bem descrita por Max Weber em seu ensaio, dizia só aceitar como abençoado por Deus o dinheiro proveniente de trabalho honesto, abjurando a *auri sacra fames*, dinheiro de origem duvidosa. A afinidade eletiva entre capitalismo e protestantismo, o trabalho, certamente encontra-se na base do desenvolvimento da Revolução Industrial inglesa, porém, sozinha, não explica a ascensão do sistema econômico que perdura até hoje. Sem o dinheiro sujo e maldito dos exportadores ingleses, não obtido com trabalho honesto, que foi batizado, abençoado e carimbado como de origem legítima, não teria havido a Revolução Industrial na Inglaterra.

A França mantinha o mesmo sistema “exclusivo”, mas a ideologia da elite colonizadora tomou forma diferente da inglesa, por motivos históricos e religiosos e por medo dos ingleses. A estúpida Revolução Francesa de 1789, junto com o catolicismo, acentuou a diferenciação e levou a França por outros caminhos. A ideologia burguesa de que todos devem ser iguais perante a lei no pagamento de impostos transformou-se em igualdade absoluta. Na maneira de interpretar essa ideia de igualdade é que reside toda a diferença entre países católicos e calvinistas, principalmente, França e Inglaterra, líderes na propagação das ideologias através de suas colônias. O seu mais forte distanciamento está relacionado com a religião, pois embora

ambos estejam enquadrados no conceito geral de plato-cristianismo, a diferença entre catolicismo e calvinismo aparece claramente na importância que dão ao Antigo e ao Novo Testamento. Enquanto os católicos dedicam-se mais ao novo, protagonizado pelo Filho, os calvinistas demonstram uma preferência indisfarçável pelo velho, que é a revelação do Pai. Essas duas representações de Deus e Jesus — não estou dizendo aqui que Deus não seja também protagonista no Novo Testamento —, ou um foco maior em um ou outro, como Parangon, é que faz com que os dois plato-cristianismos se diferenciem. Qualquer um que ler a literatura sobre o Pai — *O peregrino*, de John Bunyan, por exemplo —, notará que ele é riquíssimo, seu trono é de ouro, ornado de diamantes e rubis, suas roupas e de seus ajudantes são confeccionadas com os mais ricos tecidos. As igrejas católicas da Europa, casas do Pai, são exemplos dessa riqueza, contrastando com a simplicidade das sinagogas e das igrejas protestantes. A ideia não é nova. Já no Antigo Testamento Deus é apresentado como merecedor de todas as riquezas conhecidas pelo homem. O Gênesis descreve o Paraíso, criado por Deus, como uma terra onde brotam ouro e ônix, pedras preciosas e muita riqueza. A arca feita pelos israelitas para guardar as Tábuas da Aliança, e que foram ditadas pelo próprio Deus arquiteto, reflete todo seu esplendor, ela é revestida de ouro puro. O templo de Jerusalém abrigava muito ouro, o que o tornou cobiçado pelos inimigos.

O Filho, no entanto, é pobre, não tem nem mesmo o que comer e oferecer a seus convidados, precisando fazer milagres para saciá-los. Os calvinistas e os israelitas adotaram o Pai; os católicos, o Filho. Os padres fazem voto de pobreza, os santos distribuem ou abandonam suas riquezas desde o cristianismo primitivo, o que nunca ocorreu e não ocorre, que eu lembre, com um só israelita ou um só protestante. Foram essas opostas noções de igualdade que moldaram o caráter dos povos francês e inglês, suas ideologias, transportadas para suas colônias. Todas, ou quase, as ex-colônias anglo-protestantes se tornaram ricas e todas as franco-católicas,

pobres. A exceção foi a Índia, colônia britânica, graças à opção pela pobreza de seu libertador, Ghandi.

Como a ideologia da pobreza é a base dos trabalhos de Karl Marx e de todos os socialistas antigos e modernos, os países protestantes que adotaram o Pai são imunes às suas ideias, como os israelitas, apesar de Marx, não tendo por isso expressivos partidos comunistas ou socialistas, enquanto os católicos do Filho aceitaram as ideias do autor de *O capital* e tornaram-se combatentes ferrenhos contra o sistema capitalista de produção, que é a causa da riqueza burguesa, detentora dos meios de produção, e da pobreza do trabalhador, detentora da força de trabalho, segundo eles. A ideia de igualdade política transformou-se em social e econômica. Os israelitas e calvinistas desejam ser ricos como o Pai, a pobreza é uma vergonha; os católicos, pobres como Filho, a riqueza é um pecado. Por isso entre protestantes e israelitas não há problemas de antissemitismo. Os franceses, divulgadores do socialismo e do comunismo, indignam-se com o *parachute doré* dos dirigentes empresariais e os dividendos dos acionistas das empresas capitalistas, mesmo, e principalmente, as do Estado, mas não se indignam com o fato de um coitado aposentado ou viúva ganhar 600 euros por mês. Os franceses não lutam para que o aposentado ganhe igual ao diretor e sim para que o diretor ganhe igual ao aposentado. A ideologia da pobreza faz do homem pobre um herói e do rico, um bandido. Na Revolução Francesa, a ideia de igualdade era relativa ao pagamento de impostos. A burguesia defendia o princípio de pagamento e não isenção: “Nós pagamos, vocês devem pagar”. Foi um grande triunfo: hoje todos pagam, até os pobres, e demais.

A decadência dos países europeus começou com o fim das colônias, mas a França ainda tenta manter sua hegemonia na África com o auxílio da porcaria da ONU, que a nomeou como gerente do continente, o que significa dar ao lobo o direito de cuidar das ovelhas. Hoje a ingerência se

faz através da cultura, da francofonia, de garantia da moeda e, inclusive, com as forças armadas, casos do Mali e da Centro África. Acabaram as colônias, permaneceu a mesma ideologia deslocada, os bons salários, as boas aposentadorias, as curas milagrosas e a indolência. A falência da França é irreversível, apesar de armas nucleares e direito de voto na ONU, porque o dogma fundamental da economia capitalista jamais deixará de existir e tem de ser obrigatoriamente obedecido: a maldita conta sempre chega para ser paga.

A tentativa de substituir as ex-colônias pelas empresas multinacionais não tem dado certo, como não deu certo a criação da Comunidade Europeia para exploração das nações menos desenvolvidas. A última grande falcatrua francesa é uma nova teoria, defendida por seus economistas-comunistas, disfarçados de “socialistas”, segundo a qual o mal do mundo é a existência dos bilionários, cuja fortuna equivaleria a 99% das riquezas mundiais. É só mais uma tentativa da França de substituir suas colônias perdidas por uma nova forma de financiar a manutenção da vagabundagem dos franceses que não gostam de trabalhar. Eles sabem que a sua teoria é uma falcatrua que não resolve nada, pois, se fosse verdadeira, bastaria confiscar as fortunas dos bilionários e distribuí-las para acabar com a pobreza, ou melhor, torná-los pobres também, satisfazendo a grande finalidade do socialismo-católico francês: igualdade na pobreza. Para justificar essa idiotice, os economistas socialistas franceses, especialmente Piketty, inventaram uma nova forma de medir a pobreza num país: a desigualdade social. Não se leva em conta quem está abaixo do nível de pobreza, quem realmente é pobre, mas mede-se a diferença entre ricos e pobres. Mais uma enganação francesa para justificar seus ideais socialistas de ataque aos ricos. A produtividade dos trabalhadores jamais é levada em conta por esses idiotas enganadores, que trabalham arduamente para esconder sua ojeriza pelo trabalho. Acabar com a pobreza é muito difícil. Acabar com a desigualdade social, muito fácil:

basta fazer o que fez a União Soviética durante cinquenta anos: todos igualmente pobres, exceto, claro, a *nomenklatura*.

Como o que está mal sempre pode piorar, os europeus e especialmente os franceses inventaram uma nova droga chamada EELV, misturando ecologia e socialismo, cuja pregação é mais uma imundície defendida inclusive pelo senhor Éric Piolle, *maire* de Grenoble e pré-candidato a presidente da República da França, que afirma, com a cara de pau que caracteriza todos os políticos franceses, que o aquecimento global é causado pela desigualdade social. Essa estúpida *fake news*, falada por políticos em caça de votos, acaba, pela repetição, fixando-se na cabeça daqueles que têm preguiça de pensar, ou seja, a maioria dos eleitores, e acaba se tornando mais uma falcatrua intelectual francesa.

O fundo do poço era previsível, as reformas são impossíveis devido à ideologia. Substituir as colônias pelos países pobres da Europa não deu certo, explorar as empresas multinacionais ou seus acionistas também não. Acabar com os bilionários também não vai dar certo, pois não é esse o problema. A solução é o que os ingleses calvinistas descobriram há centenas de anos: a única possibilidade de um país se tornar rico é através do trabalho do seu povo. O mesmo se aplica aos indivíduos: só se sai da miséria trabalhando. Quando 500 ou 600 milhões de chineses foram obrigados a trabalhar, seu país se tornou a maior economia do mundo. Quando você entra num supermercado na Flórida e encontra pessoas com 70 ou 80 anos trabalhando, o que para os franceses é uma forma de exploração capitalista, pode ter certeza de que o país é rico e os homens têm menos doenças nervosas, menos depressões, e de que o trabalho é uma benção de Deus, como afirmam os calvinistas, e não um castigo de Deus, como enxergam os católicos.

A colher de cal sobre a sepultura da França foi dada pelo socialista Leonel Jospin com as 35 horas e a distribuição da canhoto de 40 bilhões de euros que, ao invés de aliviar a dívida pública, aumentou a despesa da nação com as alocações familiares. As ideologias criadas, os falsos valores que escondiam a exploração colonial também permaneceram, ganharam dentes e hoje devoram seus inventores, e a invasão de imigrantes e refugiados, que se aproveitam delas, exigindo casa e comida, põe à mostra sua incompatibilidade com a realidade atual. Essa invasão significa uma prestação de contas com seu passado colonial, especialmente para a França, mas não é a causa de suas dificuldades financeiras. Claro que o mesmo se pode dizer da Inglaterra, da Holanda, de Portugal, da Espanha, da Itália e quase todos os países europeus, mas a França é um caso à parte por causa de sua demagógica ideologia. Quem conhece, quem lê, quem ouve as ideias defendidas diariamente nos meios de comunicação franceses e internacionais não tem dúvida alguma de que a França foi moldada, pela república assistencialista, para ser um país socialista. A ideologia francesa é socialista. Os franceses se julgam igualitários, libertários, fraternais, tidos como valores republicanos. Mas estas palavras têm significações diferentes e mesmo antagônicas, dependendo do ponto de vista, na França, na Inglaterra e, principalmente, nos Estados Unidos.

O significado da palavra igualdade foi universalizado para “todos são iguais perante a lei”, a igualdade se tornou um princípio democrático constando da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. A palavra continuou evoluindo e hoje, praticamente em todo mundo ocidental, principalmente na França e nos países satélites, a palavra tem o significado específico de igualdade social. O que é e quem determina o que é igualdade social? Tudo leva a crer que a diferença de significados na França e na Inglaterra foi imposta por um desvirtuamento da religião, levando a um casamento perfeito com as ideias socialistas e comunistas de Marx na França e menos nos outros países, onde nem existem importantes partidos

de cunho socialista. Freud afirmou que o judaísmo é a religião do Pai e o cristianismo religião do Filho. Esta é uma grande verdade, mas não com respeito ao calvinismo. Ao não aceitar símbolos, santos e adorações, o protestantismo, o calvinismo, diferencia-se do catolicismo, é uma volta à religião do Pai. A diferença prática entre religião de Pai e Filho é, acima de tudo, material. Os protestantes, como os israelitas, seguem a religião do Pai, que é rico, enquanto os católicos seguem a do Filho, que é pobre. A palavra igualdade para os protestantes e israelitas significa igualdade na riqueza, enquanto para os católicos é igualdade na pobreza. Basta ver o exemplo citado por Weber em seu ensaio com o pastor bradando: “Enriquei-vos, irmãos. Deus deseja que sejais ricos”.

Na França, a repulsa pela riqueza levou à criação do imposto de solidariedade sobre a fortuna, ISF, como maneira de agradar a opinião pública, mostrar disposição de onerar os ricos e uma contraditória maneira de aumentar a arrecadação de impostos. Todo o sistema educacional francês é moldado nas virtudes da pobreza, pois “é mais fácil um camelo passar no fundo de uma agulha do que um rico ir para o céu”. Além das ideias socialistas com partidos nelas inspirados (socialistas, comunistas e assemelhados, e até um partido anticapitalista), os franceses têm em comum o fato de serem católicos. A ideologia é socialista, o país capitalista. Ao tempo do império colonial, foi possível à França viver essa dicotomia, pois a relação que mantinha com as colônias era capitalista e nunca foi questionada: a matriz importava a matéria prima das colônias, fazia a transformação e exportava o produto. As colônias jamais produziram e exportaram qualquer produto com alguma complexidade tecnológica, pois nunca receberam investimentos nem a transferência de qualquer tipo de conhecimento: eram apenas fornecedoras de matérias primas e de alimentos. Até hoje essa relação de dependência é mantida. Em supermercados da França se encontram produtos alimentícios *in natura*

produzidos na África, principalmente nas ex-colônias, mas nenhum produto industrializado a não ser azeite de oliva.

Com fim do império colonial, a contradição se tornou um entrave ao desenvolvimento da França, impedindo que ela caminhe com suas próprias pernas. A exploração mundial não acabou com o fim das colônias, apenas mudou suas estratégias. Agora é exploração totalmente capitalista feita por empresas capitalistas, luta selvagem, entre elas estão algumas francesas. A dificuldade é que as empresas se tornaram multinacionais com a finalidade de desonerar-se do pagamento de impostos, procurando sempre a menor taxa ou mesmo isenção, só revertendo seus lucros através de dividendos aos seus países de origem. O povo francês, todavia, não participa dos lucros advindos dessa nova forma de expropriação. Enquanto grande parte dos americanos tem ação na bolsa de valores, recebendo dividendos de suas empresas multinacionais, os franceses odeiam os acionistas, para eles ladrões do dinheiro dos trabalhadores. Quando o partido socialista assume o poder, essa contradição se torna evidente. O sistema capitalista de produção não aceita ser dirigido por um “gerente” socialista, o fracasso é inevitável.

A França só se salvou na crise financeira de 2008 porque a direita estava no poder. Fosse o socialismo, com dificuldades de justificar os empréstimos, que eles chamam “doação”, de dinheiro a banqueiros, o fim teria chegado. Não há compatibilidade alguma entre socialismo e capitalismo, são excludentes. Uma certa concepção de que hoje o socialismo mudou para uma social-democracia é uma ideologia barata para enganar o povo, coisa de demagogo. O povo francês deveria decidir de uma vez por todas se quer um país capitalista, privatização, ou socialista, estatização de todos os meios de produção. Ou mudam o sistema de produção ou mudam de ideologia e passam a acreditar que a riqueza é coisa divina. Os padres franceses devem gritar: "Enriquecei-vos, franceses", como gritavam os pastores protestantes ingleses, mas acrescentar: “Acabou

o ISF, Deus deseja que sejais ricos”. A grande nação francesa, digna de seus ancestrais francos, só atingirá seu apogeu quando os franceses travarem uma grande batalha contra sua consciência, anjo do Senhor, reconhecerem seus erros e arrependem-se de seus pecados, como fez Jacó. Talvez nem precisem mudar de nome. E o presidente em suas elucubrações na televisão dirá: *vive la France, vive la democracie*. E a estátua Mariana passará a representar a democracia e não a república.

Ao lado da crise econômica, e ainda mais agravada por ela, existe também, e é o que mais me diz respeito como ex-usuário da máscara francesa com os desvios da periferia, a brutal crise moral que atinge a França e que ela exporta para o mundo todo, especialmente para os países considerados “em desenvolvimento”, isto é, que não estão no mesmo nível de degradação moral. A decadência moral da França começou após o fim da Segunda Guerra Mundial, mas não devido a ela. Foi o fim do período colonial que gerou as crises econômicas e morais na Europa, pior na França, que tinha mais colônias, e menos na Alemanha, que não dependia tanto delas, fato aliás gerador da Segunda Guerra Mundial, mas que só começou a ser realmente sentida após o período de reconstrução dos estragos causados pela guerra, com a execução do plano Marshal, período que na França ficou conhecido como os “Trinta Gloriosos”.

A União Europeia foi uma consequência da crise econômica e não a sua causa, como apregoam seus inimigos. Ela foi criada pela França, para se manter economicamente forte substituindo suas colônias pelos países europeus menos desenvolvidos, e pela Alemanha, na tentativa de se recuperar politicamente após o fracasso do nacional socialismo, inclusive abrindo mão de sua forte moeda para se mostrar humildemente igual a seus parceiros. A iniciativa franco-alemã, que começou com um tratado sobre o ferro e o aço, logo se expandiu para outras atividades e, com a adesão de mais países e liberalização das fronteiras, foi um grande sucesso. Mas com

a entrada em cena de um ator econômico não previsto, a China, a economia começou a se deteriorar devido à desindustrialização europeia, em especial a da França. A criação da moeda única, que visava, e conseguiu parcialmente, enfraquecer o poder do dólar americano, fortaleceu ainda mais o novo ator e consolidou o fracasso da França e da União Europeia.

A crise moral da França atinge proporções catastróficas mundiais pois o país é o maior divulgador e condicionador do “ser humano absoluto”, principalmente na periferia, pois a ela se deve tanto a expansão do maldito cristianismo católico, no plano moral, quanto de seu complemento, o estúpido e nefasto socialismo, no econômico, e agora a teoria da desigualdade social que, segundo o EELV-*Europe Ecologie le Verts*, é responsável pelo aquecimento global. Durante o período colonial, a França tinha, ao lado de dois sistemas de produção, duas morais: a doméstica e a de uso exclusivo nas colônias. Enquanto internamente os franceses se portavam segundo os chamados valores plato-cristãos de liberdade, igualdade e fraternidade, dando origem a uma *finesse* de *gentil hommes*, que era invejada e imitada no mundo todo como exemplo de civilidade, nas colônias o comportamento era bem outro. Todas as mazelas que o ser humano pode demonstrar sem o aparato moral eram admitidas. Toda a miséria que o homem podia imaginar e executar era válida. Há bem pouco tempo, soldados franceses servindo na África sob a bandeira da ONU estupraram diversas crianças negras, demonstrando que os comportamentos típicos do colonialismo ainda fazem parte da cultura francesa.

Todas as libertinas depravações que eram admitidas e cometidas nas colônias, foram introjetadas no inconsciente do povo francês como um direito natural de um povo superior, civilizado, sobre homens em estágio “infantil”, o que dura até hoje. A França metrópole tornou-se um paraíso de candura, uma ilha de bons costumes, boa educação e daquela *finesse* que até agora inspira a diplomacia mundial: falar a verdade com luvas de pelica.

Por isso Trump, que fala a verdade nua e crua, é uma ofensa inaceitável. O requinte e o charme da nobreza francesa se tornaram um encantador exemplo de civilização prontamente aceito e copiado em todo o mundo, dada a importância que tinha o seu império colonial. O duplo comportamento da sociedade francesa, glorificando os *slogans* da revolução de igualdade, liberdade e fraternidade, espalhou-se pelo mundo, dando aos franceses um ar de superioridade humana para encobrir seus comportamentos animais nas colônias. A França inventou-se como uma terra de acolhimento, o que ainda hoje perdura no seu ideário, mesmo que a chegada de milhares de imigrantes africanos mostre que esse acolhimento a que os franceses se referem somente é dado aos chefes de Estado ou altas personalidades que roubam seus países e vêm se refugiar na França, onde são solenemente acolhidos. Porém quando uma embarcação vinda da África superlotada com imigrantes pedindo acolhimento, principalmente de ex-colônias, ela é proibida de atracar e desembarcar os coitados nos portos franceses. Esse comportamento de duas caras, duas morais, sempre foi típico não só da França, mas de todos os países colonialistas. Por fora bela viola, por dentro pão bolorento, diz o ditado. Liberdade para os franceses, não para os colonos. Igualdade para os franceses, não para os colonos. Fraternidade para os franceses, não para os colonos. A França e os países europeus estigmatizaram de tal forma os negros africanos ao rebaixá-los à categoria de bens *tradables*, ao considerá-los como inferiores aos senhores brancos, que instalaram no mundo um racismo que envergonha qualquer ser humano. O racismo contra os negros não é devido à pele, como tentam os políticos e meios de comunicação imbuir na cabeça da população. Não, ninguém é racista pela cor da pele do outro. O racismo nasceu devido à visão que o branco tem do negro: um ser inferior, um escravo feito para servi-lo. O racismo contra os negros é fruto direto da colonização europeia, não da cor da pele dos africanos.

O fim do período colonial internalizou toda a podridão que os europeus exportavam para as colônias. Todos os comportamentos animalescos com o extravasamento dos instintos bestiais humanos, que eram executados e tolerados nas colônias, passaram a ser descarregados dentro do próprio continente europeu, onde os condenados passaram a cumprir suas penas. A França que era, ao lado da Inglaterra, o maior império colonial, foi a que mais sofreu o impacto da unificação das duas morais e foi se degradando gradativamente de acordo com a perda das colônias. O povo francês, um dos povos mais céticos do mundo, beirando à ignorância, exemplificado na simples recusa de tomar qualquer tipo de vacina, mesmo da gripe, vem servindo de exemplo maligno para suas ex-colônias, principalmente as africanas, por intermédio da francofonia. O socialismo materialista, ideário maior dos franceses, aceita todo tipo de concessão sob o rótulo de avanço social. Os jovens, esses mesmos que saem às ruas pedindo que os velhos preservem a natureza para eles, recusam-se a usar máscaras e manter as medidas de proteção contra a pandemia da covid-19, não dando a mínima se vão transmiti-las aos mais vulneráveis, principalmente os idosos, já que eles não estão, em geral, sujeitos a morrer por ela. A decadência moral da França, que infelizmente tem se expandido mundo afora pela força do falso prestígio francês de outrora, objetivou-se com a introdução, no Panteão dos Heróis da Pátria, de uma mulher que a vida toda lutou, e venceu, para que as mulheres tivessem o direito de matar seus próprios filhos ainda no ventre.

5.3 A expansão do calvinismo

A ideologia dos calvinistas foi levada para os Estados Unidos, onde frutificou e construiu uma grande nação. A maioria do povo americano sempre admirou os ricos, luta para se tornar rica, ao contrário dos franceses

que, liderados pelos socialistas e católicos, odeiam os ricos, desejam que todos sejam pobres. Igualdade na riqueza dos americanos, igualdade na pobreza dos franceses. Acontece que a opção pelos pobres, no sistema capitalista de produção, só é tolerada quando marginal. A afinidade eletiva entre socialismo e catolicismo, a pobreza, tornou o povo francês anticapitalista, gerando uma grande contradição que não permite que a França avance nas conquistas sociais: nação socialista e Estado capitalista. Claro que existem as exceções, como em tudo. Os franceses que são defensores do capitalismo e buscam a riqueza fogem da França ou, quando são ricos, enviam para o exterior seu dinheiro, ficando pobre em casa, para não serem odiados e perseguidos e pagar o ISF, e rico fora de casa, para serem admirados.

CAPÍTULO 6

Platão

Platão certamente teria grandes dificuldades para publicar seus *Diálogos* se ele fosse meu contemporâneo. Escritos há cerca de dois mil e quatrocentos anos, eles deveriam pertencer àquelas espécies de fósseis, como as múmias dos faraós ou de curiosidades científicas como a Pedra da Roseta e as pirâmides do Egito, estudadas por antropólogos, sociólogos e historiadores interessados no estudo comparativo dos costumes sociais. Didaticamente eles pertencem à história da filosofia e servem como uma espécie de biombo que divide a filosofia antiga, pré-socrática, da moderna, pós-socrática: para Nietzsche pré e pós-platônica.

Infelizmente e desgraçadamente, não é isso que ocorre: suas ideias, pelo menos a principal delas, a imortalidade da alma, continua atualíssima e é a espinha dorsal do “ser humano absoluto” de que me ocupo. Eu não me lembro de ter lido em nenhum de seus comentaristas, e foram muitos, uma única crítica verdadeira de suas infantis teorias sobre as almas. O que deveria ser lido apenas como uma simples curiosidade pela meia dúzia de gatos pingados, geralmente os que se dedicam ao estudo da filosofia, as ideias erradas neles contidas continuam atuais e fazem parte integrante do pensamento até dos homens mais simples e analfabetos. Basta perguntar a qualquer pessoa na rua o que é contrário à vida e logo obtemos a mesma resposta de Platão: a morte. A atualidade dos *Diálogos*, principalmente o Fédon e o Fedro, são afirmadas diariamente por todos os habitantes do planeta de forma impressionante. Como Platão consegue se manter atual

sem que ninguém leia Platão? Ele certamente não teve culpa alguma nisso e nem os seus poucos estudiosos.

A cena de Sócrates na prisão, prestes a se suicidar, rodeado de seus seguidores, e a daquele covarde brasileiro, rodeado de fanáticos seguidores, que afirma, mentindo, não ter medo de morrer porque um dia todos vão morrer, tem a mesma significação: a crença na vida após a morte, na imortalidade da alma. O ignorante e burro pentecostalista brasileiro compartilha a mesma crença do filósofo grego, mesmo sem ter lido os seus *Diálogos* e com o intervalo de milhares de anos que os separam. A ilusão é a mesma, a existência de outro mundo, e mostra aquilo que Nietzsche chamou de decadência da civilização europeia. Enquanto Sócrates tinha certeza, embora falsa, baseado na filosofia (para ele ciência), no saber, na razão humana, no pensar e na reflexão, o energúmeno não pensa, não raciocina, não acredita na filosofia e nem na ciência, só acredita no além baseado na fé, na religião, no Deus das tábuas quebradas, na mistificação do plato-cristianismo, pior, no pentecostalismo. É a religião que mantém vivo o pensamento de Platão, mostrando que a humanidade perdeu sua essência, seu Deus, o de Abraão, Isaac, Jacó e Moisés: o seu cérebro, a sua consciência.

Na hora da morte, Sócrates conversou com seus amigos na prisão antes de beber veneno. Ao diálogo, escrito por Platão, deu-se o nome de Fédon, nome de um dos presentes, ou da alma, o tema central. Embora eu tenha muita consideração e respeito pelas últimas palavras do suicida, não posso deixar de observar que o discurso se assemelha mais ao de um sofista do que ao de um filósofo, em virtude das inúmeras incorreções em que se apoia para estabelecer a imortalidade da alma. Primeiro, Sócrates partiu de uma premissa falsa, o que só poderia levá-lo a uma conclusão falsa:

“— Então, perguntou Sócrates, a vida também não tem seu contrário, como o sono e a vigília?

— Sem dúvida, disse Cebes.

— Qual o contrário da vida?

— A morte.

— E essas duas coisas não nascem, portanto, uma da outra pelo fato de serem contrárias e não existem entre elas duas gerações?

[...]

— Diga-me, agora, a combinação da vida e da morte. Não dissemos que a morte é o contrário da vida?

— Sim.”

Premissa falsa, conclusão falsa, como não poderia deixar de ser:

“[...] Não é necessário de modo absoluto, que a morte tenha seu contrário?

— Com efeito.

— E qual é seu contrário?

— Reviver.

— Reviver se há um retorno da morte à vida — disse Sócrates — é efetuar esse retorno. Por essa razão nos convenceremos que os vivos nascem dos mortos, como estes daqueles, prova inconteste

de que as almas dos mortos existem em algum lugar, de que tornam à vida. (72a)”

Foi a partir desse engano de Sócrates que Platão tornou a alma imortal com poderes sobre o corpo para justificar a escravidão na Grécia:

“Quando a alma e o corpo estão juntos, a natureza ordena a um deles que obedeça e seja escravo e à outra que exerça o domínio e mande.” (80a)

Antes que Platão inventasse a teoria da imortalidade da alma, os gregos já separavam corpo e alma e acreditavam que a alma era uma espécie de vapor (talvez pela visão do fogo fátuo), como fala Cebes:

“Sócrates, tudo que acabas de dizer me parece muito certo. Há apenas uma coisa que parecerá inacreditável aos homens: o que disseste da alma. Porque os homens imaginam que quando a alma é separada do corpo não esteja em nenhum lugar, ou que, no mesmo dia em que o homem morre, é destruída e perece, e que desde o momento desta separação escapa do corpo e se desvanece como um vapor que se dissolve e não existe em nenhuma parte. Razão pela qual, se subsiste sozinha, recolhida em si mesma e liberta de todos os males de que nos falaste, seria uma grande e formosa esperança, Sócrates, de que tudo que nos dissestes fosse verdadeiro. Mas que a alma viva depois da morte do homem, que atua e pensa, é o que precisa de explicação e provas sólidas.”(70b)

Sócrates confirma:

“Que? Uma falta de tal natureza apenas abandonaria o corpo e se dissolveria como os homens creem? Como crê a maioria dos

homens?” (81^a)

Nietzsche atribui a Anaxagore de Clazomènes (500 a.C. 428/7 a.C.) a separação corpo e alma pela primeira vez na filosofia grega:

“Aqui aparece pela primeira vez na filosofia a brutal oposição entre a alma e a matéria; oposição entre uma força que conhece, que se dá fins, mas também que quer, que se move, etc. E uma substância inerte.”(*Les philosophes prépatoniciens*, p. 160)

Platão, o biombo, separou e encobriu o sol cultural que brilhava sobre a Grécia antiga e foi a base mambembe sobre a qual foi construída, pela Igreja Católica Apostólica Romana, a obscura civilização humana ocidental. Alicerçada em ideias erradas. A filosofia de Platão não teria futuro algum, não fosse o suporte dado pela divindade criada pela religião. No diálogo Fédon, partindo de uma premissa falsa e certezas ocas, Platão chegou a conclusões falsas. Completando o pensamento de Nietzsche, eu diria que o início da decadência da humanidade não foi a simples separação de corpo e alma feita por Platão e sim a separação entre corpo mortal e alma imortal, pois a separação já havia sido afirmada por Moisés no Gênesis: árvores da vida e do conhecimento têm o mesmo significado: o real e o ideal.

Platão, a bem da verdade, tentou resolver o único real problema que aflige o homem: a morte, que Moisés havia afirmado como sendo inerente ao conhecimento. Sócrates aceitou beber veneno por acreditar na imortalidade da alma, na vida após a morte, como confessa no Fédon. São tantos os conceitos abordados nele, alma, amor, céu, retórica, dialética, reencarnação, reminiscência, um prato cheio onde cada um pode se servir à vontade para as suas elucubrações. Até os judeus, que nunca acreditaram em alma separada do corpo, beberam a água maldita e passaram a acreditar na imortalidade, exceto, claro, os saduceus. O discurso de amor pelos

adolescentes foi transformado em amor abstrato, passando de principal a secundário. O meio, conhecer a alma para conhecer o sujeito, começou com uma falsidade: a alma no lugar do cérebro. Foi dessa insanidade infantil que nasceu a cultura ocidental, definiu o ser absoluto e impôs o “ser humano absoluto”. Todas as interpretações fizeram do pecado da pedofilia e do homossexualismo coisas sem importância, “da época”, autorizando padres e bispos da religião institucional a seguirem o mesmo caminho, especializando-se na arte da depravação de crianças e adolescentes que perdura até hoje. As palavras de Jesus de Nazareth, em parábolas enigmáticas, foram acopladas, de má-fé, nessa interpretação propositadamente equivocada, que se apoiou somente sobre o que lhe interessava. Foi assim que Santo Agostinho, o principal unificador de Jesus e Platão, consolidou a Igreja Católica Apostólica Romana como uma falsa intermediadora entre Jesus e os fabulosos e falsos mundos criados pelo filósofo grego.

Como espero ter demonstrado, não foi a separação corpo e alma a causa da decadência da civilização humana. Foi a separação entre corpo mortal e alma imortal: pode-se falar que houve decadência da civilização humana, mas não se pode falar o mesmo da civilização ocidental porque ela já nasceu decadente por ter sido alicerçada sobre duas bases falsas: a morte como oposto da vida e a imortalidade da alma. Aristóteles, outro filósofo grego, completou a desgraça, afirmando que todos os homens são mortais. Nova e pior falsa premissa, pois eu não tenho certeza absoluta de que todos os homens são mortais. A única certeza absoluta que posso ter é que todos os homens que morreram eram mortais: Sócrates era homem, Sócrates morreu, logo Sócrates era um homem mortal.

CAPÍTULO 7

O judaísmo

O veneno dopante foi inventado por Sócrates: Platão escreveu a fórmula e a divulgou para toda a humanidade. O único mérito dos *Diálogos* é o de terem sido conservados, senão eu jamais saberia quem foi o responsável pela ruína da civilização humana e pela extinção da vida na Terra. A grande vítima do veneno não foi somente Sócrates, foi também o judaísmo do Deus de Aarão e dos sacerdotes e rabinos que transformaram a Torá de Moisés na Torá oral, a do Deus das tábuas quebradas. A Torá de Abraão, Isaac, Jacó e Moisés, forte como rocha, continua firme, inquebrantável, inexpugnável, porém conhecida e seguida por poucos, os saduceus modernos. A Torá oral se tornou a Torá de Platão porque tem um Deus falso que procura se manter impedindo a livre consulta:

“Os primeiros capítulos da Gêneses narram os primórdios da criação. Por serem muito profundos é difícil compreender todo o seu conteúdo sem um conhecimento prévio dos ensinamentos da Torá conforme foram revelados no Talmud e na Cabala” (Torá, p. 1)

Ele esqueceu de dizer que é preciso também estudar Platão pois a teoria da reminiscência faz parte do judaísmo:

“Os rabinos dizem que a criança estuda toda a Torá antes de nascer. Se ele não a tiver apreendido como ele poderá a

reconhecer mais tarde? A afirmação nos remete à teoria da reminiscência de Platão”. (p. 298)

Outra prova:

“A alma deseja a existência terrestre? Ela deve ser arrancada do ‘grande todo’ divino para sofrer a encarnação e as vicissitudes da vida na Terra. [...] Mas se a alma soubesse o que a espera aqui embaixo, aceitaria a separação de Deus? Rabbi Béré’hia pensa sem dúvida que não”. (p. 291)

As duas citações vêm do livro *À Bible ouverte la Genèse ou le livre de l’homme*, de autoria de Josy Eisemberg e Armand Abecassis, que apresentam um programa com o mesmo nome na televisão francesa aos domingos.

Os rabinos plagiaram também a ideia da parelha alada para inventar os dois *penchants* humanos:

“O cocheiro que nos governa rege uma parelha na qual um dos cavalos é belo e bom, de boa raça, enquanto o outro é de má raça e de natureza contrária. Assim conduzir nosso carro é ofício difícil e perigoso” (*Fedro*, p. 230,)

Não há possibilidade alguma de se encontrar, nos quatro primeiros livros da Torá, alusão a almas desgarradas ou sobreviventes ao corpo, mesmo misturando as letras e os números. O Deus de Abraão fez um acordo com o povo hebreu: “Vocês fazem de mim, vosso Deus único, e eu vos darei terras onde corre leite e mel e multiplicarei vossa descendência se vocês obedecerem às minhas leis”. Só. O Deus de Abraão nunca prometeu vida eterna a ninguém, somente vida longa na Terra. Após cumprir a promessa de dar terra aos judeus, o Deus de Moisés ficou sem serventia e se

despediu do povo israelita quando ele ia atravessar o Jordão. O Deus que prosseguiu foi o de Aarão que, na verdade, já era cultuado e se fortaleceu, mais tarde, alimentado pelas teorias de Platão. O quinto livro já foi escrito sob a influência maligna daquelas teorias, o que pode ser constatado pelo significado da palavra alma. Enquanto nos quatro primeiros, a palavra aparece quase sempre significando uma pessoa, no Deuterônomo já se nota uma diferenciação entre “coração e alma”, o que indica influência do platonismo. Ademais ele contém uma grande inverdade, para justificar o Deus de Aarão, a afirmação de que foi Deus quem escreveu as Tábuas dos Mandamentos: na verdade as que Deus “escreveu” foram quebradas e descartadas por Moisés, como se pode ler no Êxodo. No mundo do Deus de Abraão, não há nada mais platônico do que a Cabala. Os místicos judeus, quase mágicos, sabem não só os caminhos que as almas devem tomar para chegar a Deus, mas até as orações que elas precisam para apoiá-las em caso de dificuldades para ultrapassarem os véus (portas) postos em seus caminhos. E o pior de tudo é que foram os cristãos que ensinaram os judeus a ler a Torá:

“O Zohar é o primeiro livro no qual a teoria dos quatro modos de interpretar as Escrituras, originalmente desenvolvida pelos exegetas cristãos foi adotada por um autor judeu”. (Gershom Scholem, *Les grands courants de la mystique juive*, p. 308).

O resultado de todo esse descalabro foi que os judeus, que nunca tinham acreditado em vida após a morte, foram convertidos ao cristianismo.

CAPÍTULO 8

Ética

Num determinado momento da minha vida, já formado como bacharel em direito e filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, eu cheguei à lamentável conclusão de que não poderia dar mais um passo sequer sem saber exatamente o significado das palavras justiça, ética e moral. Para pesquisar, resolvi matricular-me no curso de mestrado em ciências da religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, também de São Paulo, com a responsabilidade de pesquisar o tema “Conceito de ética no livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo* de Max Weber”. A minha classe era composta por vinte alunos, a grande maioria deles, senão todos, pastores de diversas congregações protestantes, sendo eu o único oriundo do catolicismo. Pensei: aqui estou no lugar certo para solucionar o meu problema. Comecei, além de assistir às aulas e ler todos os livros que tratam do assunto, a indagar alunos e professores sobre o significado daquelas palavras e logo tive uma grande decepção, pois havia uma enorme confusão sobre elas, principalmente quanto à ética. Todos conheciam a palavra, no sentido de que já a tinham ouvido, falado, lido ou escrito. Quanto ao significado, não era diferente: todos sabiam, mas cada um com seu próprio conceito: dezenove perguntas, dezenove definições diferentes. A mais estapafúrdia resposta que ouvi foi a de um iminente filósofo, professor e conferencista: “Compre meu livro e você saberá o que é ética”. Logo entendi que era uma pergunta embaraçosa e fiquei com a impressão de que ele não sabia o significado da palavra. Comprei seu livro e confirmei

minha suspeita. Então deduzi: todos sabem o que é ética, mas ninguém sabe o que é ética.

Eu estou contando essa história porque percebi que mesmo com palavras que fazem parte do cotidiano dos pastores, da Bíblia, como justiça e a expressão “Glória de Deus”, acontecia a mesma confusão. Eu compreendi que, como tinha acontecido comigo, é possível a qualquer pessoa estudar a vida toda e se formar em qualquer especialidade sem saber nada, bastando seguir a manada, falando preferencialmente palavras difíceis, como fazem os filósofos, mesmo sem saber o que significam: mostrar erudição afugenta os críticos e os curiosos.

A ética é uma das palavras mais usadas no mundo. Então por que escrever um capítulo sobre ética se todos sabem o que é ética? O problema é que se eu ampliar a pergunta a quinhentas pessoas, certamente obterei quinhentas respostas diferentes. Cada um tem seu próprio conceito de ética. Por que tal dificuldade e mesmo confusão? E não são só as pessoas de senso comum, digo, aquelas que não têm nenhuma obrigação de saber o seu significado, mas até aquelas que deveriam, por dever de ofício, como os filósofos, por exemplo, saber o conceito exato de palavra tão importante, não estão de acordo quanto à sua definição. É verdade que o sentido das palavras evolui com o tempo, mas a evolução só acontece porque as pessoas começam, por não saberem o seu significado exato, a empregá-las com sentido diferente. Mas removendo-se todas as camadas de sujeira humana alienante acumuladas em cima da descrição de um fato, a verdade, no sentido original do convencional, deve aparecer como uma luz brilhante, disposta a iluminar e impor-se sobre a evolução.

O que aconteceu com a palavra ética, todavia, não foi evolução, foi confusão mesmo, fruto de uma ignorância contaminante. Todos gostam de pronunciar-la pelo estatuto cultural que proporciona, independentemente de

sua significação. A palavra foi inventada pelos gregos, talvez por Aristóteles, para designar um fato, ou não teria sido inventada. Quem nos descreve o seu significado é o próprio, principalmente na *Ética a Nicômaco*. Então o que eu tenho que descobrir é qual foi o fato que os gregos, ou Aristóteles, convencionaram chamar ética. Eis a minha tarefa: estabelecer a verdade original, a saber, o convencionado relacionado a um fato. Não cabe aqui um relato completo da pesquisa exaustiva que realizei, pois seria um tanto enfadonho para o leitor ler tanta burrice. Mas certamente a maior parte das vezes o seu mau uso se deve à ignorância do sentido original. Como tudo que ocorre no mundo, as pessoas passam a usar as palavras sem pensar, são simples repetidores, como os papagaios e as araras, e a palavra ética que tem um grande poder ilustrativo cultural certamente é a campeã nesse empilhamento de besteiras humanas.

A primeira coisa a fazer para definir ética é decidir se tem o mesmo sentido da palavra moral. Etimologicamente, ética é uma palavra inventada pelos gregos, como citado, e moral é sua tradução para o latim, através dos romanos. Mas há aqueles que as usam com sentidos diferentes. A partir daí, começou uma confusão generalizada a ponto de Soares, filósofo mexicano, afirmar que “ética” é a ciência da moral, o que significa dizer que só pode ter um comportamento ético quem é cientista. Este é só um exemplo, mas acredito que, se pesquisar mais, encontrarei quem afirme o contrário, que a moral é a ciência da ética.

Ética não são os “usos e costumes”, pois Aristóteles nos diz, na *Ética a Nicômaco*, que ela vem deles. Ética não tem nada a ver com valores, como afirma aquele idiota que me fez comprar seu livro. Ética é um sintoma, uma pressão interna que o sujeito sofre no relacionamento com os usos e costumes e códigos de conduta. Uma atitude ética é uma submissão do sujeito a esses objetos. Quando o objeto é uma lei, além de ser ética, a atitude do sujeito também pode ser dita justa: homem justo é aquele que age

de acordo com a lei. A valorização das condutas se dá nessa fase da relação, mas é externa a ela. Para compreender como funciona a relação, é preciso conhecer profundamente o sujeito, já que o objeto é de fácil entendimento. A psiquiatria, a psicologia e o judiciário têm se ocupado em estudar essa relação geral, mas este último exclusivamente do ponto de vista da justiça, da adequação das condutas às leis, mas, muitas vezes, tendo que recorrer às outras duas. O grande problema que os profissionais dessas áreas têm mostrado, para bem desempenharem suas tarefas, é uma falta generalizada de conhecimento do sujeito, que é sempre analisado do ponto de vista da biologia, como faz Freud, por exemplo.

Estranhamente Hegel, em sua obra *La vie de Jesus*, não se refere a nenhum dos milagres feitos pelo nazareno, que foi o que o notabilizou em suas peregrinações, mostrando o que um cérebro desenvolvido pode fazer, motivo pelo qual Calvino afirmou que Jesus só falava aos eleitos, que, do meu ponto de vista, são os que fazem melhor uso de suas possibilidades cerebrais. Hegel, entretanto, preferiu ater-se ao sentido ético de suas palestras anunciando o reino de Deus, um mundo em que os homens, em uníssono, agirão com justiça, quer dizer, de acordo com as leis da Bíblia, principalmente o Sermão da Montanha. Infelizmente nem as pregações de Jesus e nem o sublinhamento de Hegel surtiram efeito algum, porque os homens ainda estavam e estão num estágio cerebral muito elementar e, pior, a maior parte deles está regredindo no seu uso, como fica evidente pelos seus comportamentos no dias de hoje, e os eleitos do Senhor, infelizmente, a cada dia são mais hostilizados e execrados pelos defensores da fé cristã por não se igualarem aos menos capazes.

A minha grande preocupação com a palavra ética vem do fato de ela ser a mais importante, como Hegel mostra em seu trabalho, para entender Jesus de Nazareth. Max Weber, em outro trabalho, também citando o Sermão da Montanha, fala em éticas da convicção e da responsabilidade.

Hegel, no seu livro, fala em coração de pedra e coração de carne, no mesmo sentido. As críticas de Jesus aos fariseus e rabinos, doutores na lei, era justamente sobre ética e justiça. Ele os censurava, afirmando que eles eram éticos, mas não justos, por colocarem os costumes acima da lei, seguirem a ética da responsabilidade, do coração de pedra. Eles conheciam a lei, ensinavam-na, agiam de acordo com ela, mas não a tinham entranhado em seus corações de carne, não a praticavam por convicção, como mestre de suas vidas e, portanto, não eram justos. Quem não sabe o que é ética e justiça não pode entender Jesus. E como poucos sabem o que é ética e justiça, poucos entendem Jesus.

CAPÍTULO 9

Jesus de Nazareth

Foi num confuso ambiente cultural grego-helênico-romano-judaico da Palestina que nasceu (por volta do ano 6 a.C.) Jesus, chamado nazareno. Os historiadores dizem que ele falava aramaico e lia hebraico e não há indícios de que ele falasse a língua geral, que era o grego. Entre a morte de Platão (348/347 a.C.) e o seu nascimento passaram-se 340 anos, tempo suficiente para que a cultura helênica, devido à força de seus filósofos, dominasse totalmente a cultura local e sua influência se estendesse até Roma, a capital do império, com as devidas adaptações e deturpações, como sempre acontece quando a cultura dos vencidos se impõe à dos vencedores.

O platonismo dominou quase totalmente o judaísmo com a teoria das ideias e sobretudo a imortalidade das almas, causando uma grave divisão no pensamento religioso dos israelitas, dando origem a quatro “partidos filosóficos”: saduceus, fariseus, essênios e um quarto chamado “revolucionário”, possivelmente os zelotes. Dos quatro, o único que não aceitava a imortalidade da alma, a vida após a morte e a ressurreição era o dos saduceus que, por isso, embora fosse a classe dominante politicamente, popularmente era minoritária. (Anthony Saldarini, *Fariseus, escribas e saduceus na sociedade palestinese*, ed. Paulinas, São Paulo). A teoria de platão é irresistível por fazer do homem um ser imortal, igualando-o aos deuses gregos, que é tudo que ele mais deseja e que foi certamente o motivo da popularidade dos fariseus. A grande mudança que o platonismo impôs ao

mundo foi um novo modo de pensar o homem, o “ser humano absoluto”, que se popularizou com tanta força e vigor que fez dele um divisor de águas entre antes e após Platão. No antes, o homem “era” uma alma que se extinguia com a morte do corpo. No após, o homem passou de “ser” para “ter” uma alma, agora imortal. Esse novo “ser humano absoluto” se impôs de uma forma tão avassaladora que persiste até hoje graças ao cristianismo. Aparentemente o pensamento de Jesus também está dominado por esse homem platônico, como ele parece mostrar em diversas passagens dos evangelhos, por exemplo em Marcos,12, 29:

“Jesus respondeu: o mais importante é: Escuta Israel, o Senhor nosso Deus é um só; Amarás o Senhor teu Deus com todo o coração, toda a alma, com toda a mente, com todas as tuas forças. Não há mandamento maior que esse”.

Maria, a mãe de Jesus, também assim se expressa em Lucas 1,46: “Maria disse: Minha alma proclama a grandeza do Senhor [...]”

O pensamento de Jesus era muito difícil de ser entendido naquele ambiente dominado pelo platonismo, porque ele pregava justamente o contrário das ideias erradas já solidificadas. Ele não aceitava a imortalidade da alma separada do corpo, mas na imortalidade do homem integral. Jesus não acreditava na morte, ele pregava a vida e, para provar isso, ele “despertou” Lázaro, desmentindo a ressurreição no último dia. Para provar sua tese, ele não morreu, mas para os discípulos ele ressuscitou. Quem poderia acreditar que o homem é imortal? Quem acreditaria hoje? Toda a sua filosofia é um manual de ativação da justiça e da ética para a preservação da vida física, da imortalidade para quem assumir integralmente a ética da convicção, do coração de carne, para quem tem fé em si mesmo, contestando Platão e Aristóteles ao mesmo tempo. Como para bom entendedor meia palavra basta, ele deu a entender que Elias e

João Batista eram a mesma pessoa, que só morreu por causa externa, assassinado. Ele tentava desmentir a filosofia grega da morte e de seus seguidores judeus, fariseus e rabinos. A sua filosofia era dirigida principalmente a todos os descendentes de Abraão, as ovelhas perdidas que haviam se dispersado pela Palestina e formado diversas nações, como aquelas que Deus ordenou aos israelitas que respeitassem quando entraram na Terra Prometida, como está escrito no Deuteronômio. O caso mais exemplar: os samaritanos, de quem se aproximou intimamente. Esse era o significado da palavra nação para ele quando falava em todos os povos do mundo. Reunir mesmo os israelitas que trabalhavam para os romanos como publicanos. Ele usou a linguagem que era corrente na época para pregar sua oposição a Platão e a toda a filosofia grega. E, mesmo assim, os evangelistas, em diversas ocasiões, mostram que os discípulos não entendiam o seu pensamento, principalmente quando ele falava em parábolas. Ouvindo suas palavras, os discípulos entendiam, por serem homens simples, de acordo com ideário da época, a tradição, o “ser humano absoluto” platônico. Jesus falava Moisés, eles ouviam Platão. Jesus queria devolver a alma ao corpo, como ele explica muito claramente no evangelho de São Tomé, logion 22:

“Jesus viu criancinhas que estavam sendo amamentadas. Disse aos seus discípulos: essas criancinhas que estão sendo amamentadas são semelhantes àqueles que entrarão no Reino. Disseram-lhe: Poderemos então, como crianças, entrar no Reino? Jesus disse-lhes: quando fizerdes de dois um e quando fizerdes o interno tal qual o externo e o externo tal qual o interno, e o de cima tal qual o de baixo, e quando tornardes o homem e a mulher em um só, de tal forma que o homem não seja homem e a mulher não seja mulher, quando dispuserdes olhos no lugar de olhos e a mão no lugar da mão, e o pé o lugar do pé, uma imagem no lugar de uma imagem, aí, então, entrareis no Reino”.

Jesus apenas estava confirmando a velha tradição do judaísmo de Moisés, dos quatro primeiros livros do Pentateuco, onde o homem “é” uma “alma”. Quem quiser entender que entenda: os discípulos não entendiam, porque ele falava em subir aos céus. Aquilo soava tão estranho como soa hoje. Quem acredita na imortalidade do corpo?

Jesus, pregando a existência de outro mundo, foi entendido como se estivesse concordando com Platão. Pelo menos, foi o que os discípulos entenderam. Paulo, que não conheceu Jesus, divulgou o que ouviu falar, uma filosofia já deturpada, com o nome de cristianismo, mistura de Jesus e Platão. A expansão da doutrina deve-se a ele e aos apóstolos, mas cujo sucesso só foi possível porque o ambiente em que viviam, seja na Palestina ou em Roma, era propício, onde a filosofia grega já era conhecida após um longo processo que se iniciou quando os gregos introduziram, no judaísmo, suas raízes transformadoras a partir de Alexandria com a diáspora do ano de 363 a.C., apesar da tentativa desesperada dos sacerdotes judeus de concordarem com a tradução da Torá, pelos setenta, para a língua grega, justamente com a intenção de dar, aos judeus exilados, uma leitura alternativa à filosofia grega, principalmente a de Platão. Inútil. Os principais defensores da Torá oral logo se adaptaram à teoria das ideias e das almas imortais.

Jesus não aceitou a separação corpo e alma e, para demonstrar, “ressuscitou” com ambas: “Não me toques, não estou pronto ainda” ou “Sou eu mesmo, pode me tocar”. Além de gerar o cristianismo, a teoria de Platão gerou também, desvirtuando o judaísmo, o cabalismo e uma série interminável de teorias exotéricas com suas previsões sobre o caminho das almas rumo a Deus. Outros filósofos judeus, como Philon de Alexandria, tentaram uma reconciliação entre filosofia pagã e o judaísmo, porém elas são excludentes, não há possibilidade alguma de aproximação a não ser

com a Torá oral, que é uma simbiose entre as duas filosofias. O platonismo dominou o judaísmo. Os evangelistas, idem.

CAPÍTULO 10

Religião

A palavra religião vem do latim *religione*, segundo o Aurélio, *religio*, no Petit Larousse, ligação entre duas coisas, entre o homem e o sagrado, modernamente toda crença em forças sobrenaturais. No caso específico do catolicismo, religião significa ligação do homem a Deus, à salvação, à imortalidade da alma, motivos pelos quais os homens aceitam pacificamente seus dogmas, ou seja, por temerem a morte: o homem quer viver eternamente. A sobrevivência é garantida, pois a alma é imortal e pode se dar em três esferas: paraíso, purgatório e inferno. A salvação é a garantia do paraíso, evitando o inferno, coisa de almas queimando no fogo eterno, ou o purgatório, lugar para onde vão almas recuperáveis. A religião é quem estabelece as regras para a salvação, baseadas nas interpretações que faz das escrituras, no catolicismo com a sua intermediação, no protestantismo com as suas orientações.

Embora eu não concorde com as ideias de Ludwig Feuerbach, expressas no seu livro *A essência do cristianismo*, porque ele é um utilitarista platônico vulgar, vou transcrever uma de suas opiniões sobre a religião:

“A religião é o relacionamento do homem com a sua própria essência — aí está a sua verdade e redenção moral — mas como a sua própria essência não como sendo sua, mas de um outro ser diverso dele, até mesmo oposto — aí está a sua inverdade, a sua

limitação, a sua contradição com a razão e a moral, aí está a fonte desgraçada do fanatismo religioso, aí está o princípio supremo, metafísico, dos sangrentos sacrifícios humanos; em síntese, aí está a base de todas as crueldades, de todas as cenas horripilantes na tragédia da história da religião” (p. 239)

Bonito blá, blá, não? Ele deve estar falando dele mesmo, como fez Descartes com seu Cógito. Eu nasci com um Deus dentro de minha cabeça, tenho certeza, mas eu fui educado para acreditar que existe um ente externo chamado Deus que pode tudo, sabe tudo, fez tudo, criou-me e vai me manter vivo seja no céu ou no inferno, dependendo do que eu faça da minha vida na Terra. Eu não transferi minha essência, ela foi transferida por alguém, certamente um homem, assassinada pelo Deus inventado. O aniquilamento do meu Deus interior foi o primeiro passo para colocar dentro de mim um representante do Deus externo, a alma, um cabresto, base de uma máscara para me dominar e sem a qual não era possível fazer-me acreditar que sou igual a outros, que minha vida não depende de mim mesmo, que a vontade de viver eternamente, que faz parte da minha natureza, vontade de potência de Nietzsche, depende de uma ética imaginada por um bando de idiotas “iluminados”.

Deuses são assassinos inventados pelos homens e inculcados na cabeça das crianças para matar seus instintos humanos e fazer delas marionetes movidas por cordões, fáceis de manipular. Deus é um ente cultural como outro qualquer. Eu não podia transferir minha consciência para um Deus fora de mim porque ela já estava morta, foi dizimada pela alma inventada por Platão. Quando eu creio num Deus externo, não estou criando um Deus particular, mas particularizando um Deus universal, já possuidor de uma essência que me foi roubada e transformada num Deus público. Abraão, a origem de Deus único, foi o primeiro homem que entendeu que seu cérebro, sua essência, era seu Deus. Nada de transferência. Isaac e Jacó seguiram seu

pai e avô. Há mais de três mil anos, os patriarcas hebreus já haviam entendido o que o senhor Feuerbach não conseguiu entender: que o Deus que está dentro de mim está, estava anestesiado, dopado. Só poucos privilegiados sabem disso.

Os patriarcas sabiam que seu Deus era seu cérebro, mas só Moisés fez dele um Deus público para libertar os hebreus da escravidão. Ele sabia o que o povo desejava: possuir terra própria e vida longa na Terra. E criou um Deus, transferindo-lhe a consciência do povo para atender todos esses interesses, que eram também os seus. O texto de Feuerbach é um manual que devia chamar-se “como criar um Deus”.

O problema da humanidade começou no Sinai graças a um erro estratégico de Moisés, que objetivou esse Deus num Deus de pedra e propiciou que Aarão, seu irmão, aproveitasse a oportunidade e assumisse a liderança e o controle do povo e do “Deus” objetivado. Foi assim que um Deus particular, que se tornou um Deus público temporário, tornou-se o Deus de todos ou da maioria dos homens na Terra. Os hebreus seguiram Moisés mesmo sem acreditar em seu Deus, povo de dura cerviz, pelo simples fato de que esse Deus lhes prometia benefícios. A religião dos patriarcas hebreus que os libertou do Egito seguiu intacta até o Sinai. Foi ali que os problemas da humanidade começaram, como mostrarei mais à frente.

O povo hebreu exigia que Moisés fosse o intermediário na sua ligação a Deus. Num episódio lamentável em que morreram mais de três mil homens, houve uma mudança de intermediário, que passou de Moisés para Aarão, seu irmão, e a tribo dos levitas, que se tornaram os guardiões e sacerdotes do Deus objetivado. O problema então não está em Deus e nem na religião, mas na intermediação. Se Moisés foi assassinado, como afirma Freud, não nos interessa aqui: o fato real foi a troca de intermediação que

teve, como consequência, a troca de senhores: de escravos egípcios, os hebreus se tornaram escravos levitas.

10.1 O cristianismo católico

Jesus foi, como Moisés, intermediário entre o homem e Deus, seu pai: “Ninguém vai ao pai sem mim”. (Jo 14,6). Ele não autorizou os apóstolos a substituí-lo (Eu estarei convosco). A eles foi atribuída a missão de divulgar a boa nova, o reino de Deus. Eles a cumpriram integralmente, pregando o que eles haviam entendido, como pode ser verificado nos Atos dos Apóstolos. A Igreja Católica, que também não teve permissão para substituí-lo, criou mais uma rede de intermediários menores, os santos, o papa, os bispos, arcebispos e padres para servir de ponte entre os fiéis, Jesus Cristo e Deus. Foram os intermediários que adaptaram o Deus dos cristãos ao platonismo: as almas que, segundo Jesus, nunca se separam do corpo, agora ficam vagando não sei onde e só voltam à Terra no último dia para serem julgadas.

O plato-cristianismo, religião fundada na Palestina, que rapidamente se expandiu até Roma, capital do império, era uma comunidade de pessoas que acreditavam e divulgavam os ensinamentos de Jesus. É nessa significação grega que a palavra igreja era entendida, pois Paulo, apesar de ser um judeu-romano, escreveu em grego, língua “oficial” dos romanos na Palestina. As palavras de Jesus de Nazareth, embora faladas em aramaico, eram entendidas no contexto helenístico em que os apóstolos viviam. Paulo, que não conheceu Jesus, divulgou o que ele ouviu falar da simbiose feita entre as palavras do mestre e os três mundos inventados por Platão, a morada de Deus, a dos homens vivos e a dos mortos. Ele multiplicou o número de adeptos da igreja que, encorpada, foi institucionalizada com o

nome de Igreja Católica Apostólica Romana. Com a enfraquecimento do império romano do Ocidente, os francos que invadiram a Gália assumiram a nova religião e a disseminaram por todo o território. Foram seus descendentes que a divulgaram para o mundo todo através a colonização. Essa religião foi o ator principal na construção do conceito de homem, o “ser humano absoluto”, que visava tornar os homens dependentes dela, dos seus líderes ou sacerdotes que tinham, e ainda têm, a exclusiva competência para a interpretação das divinas palavras, oficializar as cerimônias, conceder absolvições e perdoar as transgressões. Nada de vida após a morte sem intermediação do sacerdote e sem as boas obras. O homem se tornou um mendicante, um nada perante Deus:

“O ofício de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou transmitida foi confiado unicamente ao Magistério vivo da Igreja, cuja autoridade se exerce em nome de Jesus Cristo, isto é, foi confiado aos bispos em comunhão com o sucessor de Pedro, o bispo de Roma [...] Os fiéis, lembrando-se da palavra de Cristo a seus apóstolos: ‘Quem vos ouve a mim ouve’ (Lc 10,16), recebem com docilidade os ensinamentos e as diretrizes que seus Pastores lhes dão sob diferentes formas. (*Catecismo da Igreja Católica*, p. 85, 1992).

A Igreja, como instituição que daí resultou, tem seu fundamento na ressurreição:

“Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia é também a nossa fé. (1cor 15,14)” (*Catecismo da Igreja Católica*, p. 187, 1992).

A ressurreição, que ela entende como sendo a vida nascendo da morte, é a mais importante confissão de que o cristianismo é um platonismo:

“Jesus desceu às profundezas da terra. Aquele que desceu é também aquele que subiu’ (Ef 4.9-10). O Símbolo dos Apóstolos confessa em um mesmo artigo de fé a descida de Cristo aos Infernos e sua Ressurreição dos mortos no terceiro dia, porque em sua Páscoa é do fundo da morte que ele fez jorrar a vida.” (Catecismo da Igreja Católica, p. 180, ed. Loyola)

Os evangelistas justificam a natureza e a imortalidade de corpo e alma de Jesus de Nazareth baseados em Platão:

“[...] Um ser imortal é a combinação de uma alma e de um corpo que se unem para toda a eternidade. Mas isso depende de Deus” (*Fedro*, p. 230)

A ideia errada de que a morte é a origem da vida é de Platão, como já citado, apesar de que a Igreja Católica, se por um lado diz não concordar com a separação, por outro celebra missa para encomendar as almas dos cristãos. É ridículo como pessoas adultas, velhas, podem acreditar nessa falsa premissa de Platão. Mais ridículo ainda é pregar e acreditar que Jesus ressuscitado foi aos infernos, reino de Satanás, levar a boa nova aos mortos:

“A Escritura denomina a Morada dos Mortos, para a qual Cristo morto desceu, de os Infernos, o Sheol ou o Hades visto que os que lá se encontram estão privados da visão de Deus.” (*Catecismo da Igreja Católica*, p. 181, 1992)

O Hades, reino do Deus mitológico grego do mesmo nome, vem dos mistérios eleusinos da cidade de Elêusis, que Platão adotou, cometendo o mesmo grande erro que consiste em afirmar, baseado no fato de que a vida vegetal é gerada a partir do reino subterrâneo do Hades, que a morte gera a vida. O problema é que uma semente só pode germinar se estiver viva: se morta, vira esterco. Se “Cristo descesse morto”, conforme prega a Igreja,

ele não ressuscitaria, apodreceria como todos os outros homens. Platão cometeu a falta e a Igreja Católica, plagiando, aceitou a mentira deslavada. Eu acredito que mesmo as procissões católicas e marchas protestantes são cópias dos mesmos mistérios eleusinos. Será que Jesus estava errado ao afirmar que Deus é o Deus dos vivos e não dos mortos: “Deixe que os mortos enterrem seus mortos”?

Nada que nasce falso pode ser verdadeiro. Falso é falso. A única maneira de fazer da falsidade uma verdade é fazer de conta que a razão foi desativada. Foi desse artifício que os sacerdotes se aproveitaram, colocando a razão humana em suspense, dando a esse vácuo o nome de fé, palavra derivada do latim *fides* e, portanto, bem racional, para impor a sua dominação sobre a humanidade, fazendo com que o ouro dos tolos se passasse por verdadeiro. Felizmente para eles e infelizmente para a humanidade, a enganação, uma droga, o fundamento da religião, tornou-se a base da cultura humana e do “ser humano absoluto”, que persistem até hoje. As críticas de Jesus de Nazareth aos fariseus e escribas mostra que as ideias de Platão já estavam disseminadas na Palestina e eram aceitas pacificamente pela sociedade da época: os fariseus interpretavam a Torá por meio de Platão, defendendo a imortalidade das almas, motivo pelo qual se tornaram populares. Foi neste contexto que as pregações de Jesus, em parábolas, eram entendidas pelos seus discípulos. O “outro mundo” ao qual dizia pertencer era o das almas de Platão. Ninguém, nem mesmo seus discípulos, poderia ter pensado em ressurreição do corpo. Por isso é que não acreditaram nas mulheres e se assustaram quando o viram ressuscitado. Quem acreditaria nos dias de hoje? A homens ainda estão vivendo na Palestina de Platão.

10.2 O protestantismo

O conceito de “ser humano absoluto”, inventado por Platão e aceito pelo judaísmo da Torá oral, foi fortalecido e universalizado pelo cristianismo e vigorou sem contestação até a eclosão da Reforma Protestante de Lutero no século XVI. O protestantismo acatou a ideia geral de que o homem é um ser decaído por ter desobedecido a seu criador, mas fez uma nova interpretação do fato bíblico da sua expulsão do Paraíso: “Com o suor da tua fronte comerás o pão, até que voltes à terra, porque dela te tiraram: pois és pó e ao pó voltarás” (Gen 3,19). O que era entendido como castigo foi transformado em “missão”. Ao dar uma nova interpretação ao texto bíblico, tornando o trabalho uma missão divina, o protestantismo estava apenas reconhecendo as grandes e notáveis mudanças que estavam ocorrendo na sociedade da época e foi a mais importante contribuição que ele deu para o conceito de “ser humano absoluto” e a mais notável diferença entre as duas religiões cristãs: o catolicismo continua até hoje, por seus dogmas, a mesma religião fossilizada, fundada pelos romanos nas catacumbas, e o protestantismo, uma religião inspirada no seu tempo, nos fatos da vida real, nas mudanças sociais.

A Igreja Católica quer que os homens se ajustem às escrituras e o protestantismo, que as escrituras se ajustem aos homens. A mudança na interpretação da Bíblia não foi feita por nenhum gênio “iluminado”, nenhum “profeta”, mas pela observação de fatos que estavam ocorrendo em virtude da grande revolução provocada pela descoberta de novas terras, do início do período colonial. O cristão largado no mundo não precisava mais de um sacerdote para lhe interpretar a palavra de Deus: a livre consulta acabou com a maligna intermediação da igreja na vida do homem.

A grande mudança protestante, que fez dela um grande inimigo da Igreja, todavia, foi a nova interpretação na teoria da salvação, que passou de salvação pelas obras para a salvação pela fé, *solo fide*. A mudança causou um grande prejuízo financeiro para a Igreja Católica: fim da venda de

indulgências, das doações para construção de igrejas e conventos, fim das contribuições para a intermediação de pobres e ricos, fim dos testamentos legando bens ou parte deles para a Igreja como compra da salvação. Isso explica o sucesso do protestantismo entre as classes endinheiradas e o furor com que foi recebido pela Igreja Católica, levando a perseguições e guerras. A mudança na interpretação da salvação marcou definitivamente a diferença fundamental entre as duas religiões salvíficas: o catolicismo é uma religião intermediadora, assistencialista, material e espiritual, e o protestantismo é uma religião orientadora moral, ética, o que explica Hegel. Eu preciso deixar claro que, quando analiso o papel histórico do protestantismo, estou sempre me referindo aos luteranos, aos batistas, aos metodistas, aos presbiterianos e aos anglicanos. O calvinismo, como doutrina, desempenhou um papel tão importante na confecção do “ser humano absoluto” e conseqüentemente na história da humanidade que merece um capítulo exclusivo.

Embora, em seus cultos, padres e pastores igualem-se, vociferando grandes inverdades bíblicas, mentiras deslavadas, bobagens e besteiras, ou por serem ambos mal-intencionados e de má-fé, ou por serem “maria vai com as outras”, repetindo as sandices que sempre ouviram, quer dizer “falam” por “falar”, não entendem nada do que falam, e podem ser chamados por um nome comum de charlatões, existe uma grande diferença entre os dois cultos, que não está no conteúdo dos vômitos que ambos despejam sobre os incautos, inocentes e enganados ouvintes, mas que está na composição da plateia. Na missa, os fiéis sentam-se passivamente para receber a palavra de Deus, digerida e vomitada pela Igreja Católica, enquanto no culto protestante as mesmas, ou parecidas, mentiras são acompanhadas pelos coitados de Bíblia na mão. A livre consulta, embora ninguém entenda nada, pelo menos obriga o pastor a citar verso e versículo quando lê a palavra de Deus, que geralmente é acompanhada e lida conjuntamente pelos fiéis. A interpretação que o pastor dá ao texto pode ser

contestada pelo fiel, embora isso dificilmente ocorra, pois o argumento da autoridade pesa muito sobre o entendimento dos leitores e existe, nas sociedades, uma opinião errônea de que todo padre e pastor “estudou” a vida inteira e que ele é um homem entendido no assunto, um homem culto, um doutor, principalmente quando se trata do padre. A livre consulta gerou uma grande diferença entre católicos e protestantes: todos, ou quase, protestantes leem a Bíblia; católicos, todos, ou quase, não. Os protestantes sempre sentiram necessidade de se alfabetizarem para ler a palavra de Deus, os católicos não.

Judaísmo, catolicismo, protestantismo e mesmo o calvinismo igualam-se também na idiotice com que interpretam as escrituras, especialmente o Gênesis e, pior ainda, o Êxodos. Como uns se apoiam nos outros, repetindo as mesmas besteiras sem pensar, formou-se uma cadeia sucessiva de erros, para não dizer má-fé. Como exemplo dessas bizarras interpretações, cito a passagem do Gênesis onde Moisés afirma:

“Et Yahvé Deus pegou o homem e o colocou dentro do jardim do Éden para o cultivar e guardar”.

Embora eu acredite que só o *Premier récit de la création*, na edição francesa da Bíblia de Jerusalém, seja de autoria de Moisés, sendo o *Seconde récit de la création - le paradis*, da mesma edição, uma “explicação” tardia do primeiro, vou mostrar algumas interpretações.

O rabino David Pinto (*La Genese*, p. 76) interpreta assim:

“O dia que D. criou o homem, ele o colocou no jardim do Éden a fim que ele o cultive e cuide (Bereshit 2.15), mas esse trabalho e esses cuidados não o ocupavam senão algumas horas por dia”. (ver Sinhedrin 38b).

Na página 110 ele volta ao assunto:

“D. colocou o homem no jardim do Éden ‘para o cultivar e guardar’. De quais trabalhos e segurança se trata? D. deseja que ele capine o jardim, cuide da roseira celeste, a fim de submeter o mundo inteiro à soberania de D.”

Eu me atrevi a citar o rabino David Pinto, que na contracapa do seu livro é descrito como “um dos maiores sábios e erudito do nosso tempo, sobre o primeiro livro da Torá”, para mostrar como tem sido mal interpretada essa passagem muito importante do Gênesis. O rabino interpretou o pronome masculino “lo” como se referindo ao paraíso. Segundo seu entendimento, a frase ficaria assim: “Deus colocou o homem no jardim do Éden para cultivar o jardim e guardar o jardim”. Esse não é um entendimento exclusivo do rabino, mas pode também ser lido em diversos outros autores, Calvino por exemplo, que mostrarei mais adiante. O Catecismo da Igreja Católica vai no mesmo sentido:

“O sinal da familiaridade com Deus é o fato de Deus o colocar no jardim. Lá vive ‘para cultivá-lo e guardá-lo’ (Gen 2,15): o trabalho não é uma penalidade, mas sim a colaboração do homem e da mulher com Deus no aperfeiçoamento da criação visível” (p. 108)

Na realidade, o pronome masculino “lo” se refere a Adão e não ao jardim. A frase correta seria: “Deus colocou o homem (Adão) no jardim do Éden para cultivar o homem (Adão) e guardar o homem (Adão)”. Porque Deus teria de cultivar (educar) o homem (Adão) e proteger o homem (Adão)? Como nenhum homem nasce adulto e sendo o Deus das tábuas quebradas sapiente, como afirmam seus seguidores (e que parece ser o caso também do rabino), e por motivo de economia, ele jamais faria um boneco de barro de tamanho adulto e sim uma criança. A educação do homem

(Adão) já começou quando Deus fez “bonequinhos” de barro como cópia de todos os animais e levou para Adão dar nomes.

“Yahvé Deus disse: não é bom que o homem esteja só. É necessário que eu lhe dê uma ajuda útil. E do pó da terra modelou todas as bestas selvagens e todos os pássaros de céu e os levou ao homem para ver como ele os chamaria: cada um deveria ter o nome que o homem lhe desse”. (Gen 1,19).

Não é bom que o homem esteja sozinho, isto é, não tenha um objeto externo para pensar. Obrigar Adão a relacionar as figuras com os animais reais é iniciá-lo na subjetividade, na metafísica, no ser. Conhecer objetos exteriores, todavia, não foi o suficiente para despertar a consciência de si de Adão. Isso só vai ocorrer com a criação da mulher, que não é exatamente um “igual” a ele, mas um contraponto do mesmo gênero.

“O homem deu nomes a todas as bestas selvagens, aos pássaros do céu, mas para o homem ele não encontrou nada que lhe correspondesse”. (Gen 1,20).

A modelagem de brinquedo a representar animais que foi feita para Adão brincar dando nomes é uma prova que ele era criança, que não tinha nada para fazer, nada de cuidar de jardim nenhum, “estava sozinho, sem ter o que fazer” e isso não era bom. A mulher não foi criada para distrair Adão nem para lhe fazer companhia, mas para que ele se identificasse e tivesse consciência de si, o que só pode acontecer no relacionamento com o outro. O fato de Deus educar Adão é uma prova também de que Nietzsche não tinha razão ao afirmar, no *Anticristo*, que Deus é inimigo da ciência, pelo menos não o Deus de Abraão. Moisés dividiu o conhecimento em dois, que persiste até hoje: a Árvore da Vida é o conhecimento sensível do ente enquanto ente, Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal é o conhecimento subjetivo, metafísico, científico. A consciência de si aparece

no nível da *Árvore da Vida*, enquanto o conhecimento que traz consigo é um grande inconveniente: a consciência da própria morte, que aparece no nível da *Árvore do Conhecimento*. Esse foi o alerta de Deus: se você conhecer, vai morrer, isto é, vai saber que vai morrer. Maduro, Adão deixa a vida contemplativa e entra na vida ativa, que os católicos vão repudiar, entrando para conventos, e os protestantes, unificar através da ascese intramundana. Se não for assim, a serpente terá razão:

“Nada! Vocês não morrerão. Mas Deus sabe que o dia que vocês comerem, seus olhos se abrirão e vocês serão como os Deuses, que conhecem o bem e o mal”. (Gen 3,5)

Exatamente. O bem e o mal são a vida e a morte. Não existe outro mal no mundo senão a morte. E isso os gregos jamais foram capazes de entender: o bem absoluto que buscavam é a vida, nada mais que a vida.

Em ensaio famoso, que serviu de base para minha dissertação de mestrado, Max Weber apresenta a tese de que o trabalho é a “afinidade eletiva” entre a ética protestante e o espírito do capitalismo moderno. Tanto capitalismo, a busca pela riqueza, *auri sacra fames*, quanto o trabalho para subsistência, sempre existiram, mas em determinado momento da história, na Inglaterra, surgiu a racionalização do trabalho com a finalidade de aumentar a produtividade e consequente aumento do lucro. O protestantismo, ao pregar o trabalho honesto como uma missão divina, como vocação, uma chamada de Deus, única forma válida de obtenção da riqueza, estava se distanciando do catolicismo, que via o trabalho como um castigo dado por Deus a Adão quando da sua expulsão do jardim do Éden. A tese de Weber deixa entender que a opção pelo trabalho feita pelos dois são fatos independentes um do outro, única forma de haver afinidade eletiva entre duas coisas. A maravilhosa narrativa mostra, com impressionante abundância de detalhes, a origem e a história das duas opções, ocorrendo

paralelamente na Europa e principalmente na Inglaterra, porém sem levar em conta com a mesma riqueza de detalhes as grandes mudanças estruturais pelas quais o mundo passava devido ao descobrimento de novas terras, “novos mundos”.

Como Hegel disse da filosofia, a religião também só levanta voo ao cair da noite. Mudaram as condições fáticas, a religião protestante acompanhou a mudança com grande sucesso, ao contrário do catolicismo, cujo único desejo, negando a realidade, sempre foi o de voltar aos tempos das comunidades primitivas, apesar do impeditivo “quem não trabalha não come”. Não foi o protestantismo que possibilitou o surgimento do capitalismo, que teria ocorrido mesmo sem ele, mas, ao reconhecer condições fáticas inevitáveis, foi um incentivo e uma acomodação da religião ao sistema. Ao só aceitar a posse da riqueza oriunda do trabalho honesto, desde que seu uso seja controlado, como auxiliar do homem e não seu mestre, rejeitando todo dinheiro de aventureiros e de origem duvidosa, o protestantismo deu um novo significado ao trabalho humano, que passou de um castigo dado a Adão por sua desobediência a uma dádiva divina, um chamamento para a glória de Deus.

No ensaio, Max Weber não deixa claro o que aconteceu com o antigo capital dos amantes da *auri sacra fames*, se se evaporou, sumiu, desapareceu ou se foi jogado no rio simplesmente porque os protestantes não o reconheciam como de origem divina. O dinheiro que teria impulsionado o sistema viria unicamente do trabalho honesto. São raros os casos de obtenção da riqueza a partir do trabalho honesto, mesmo nos dias de hoje, quando a informática tem realmente propiciado essa possibilidade. Não, o capital inicial que propiciou o desenvolvimento do capitalismo foi o mesmo dos aventureiros, principalmente, mas não unicamente, ingleses, muitos, mas não só, acionistas da Companhia Britânica das Índias Ocidentais fundada em 1600.

A expressão “capitalismo moderno”, usada por Max Weber, dá a entender que existiu outro tipo de capitalismo, que pode ser chamado de antigo, mas, na realidade, não há essa divisão, capitalismo é capitalismo. O que Weber chama de moderno, caracterizado pelo investimento industrial, pela nova contabilidade etc., foi apenas uma mudança na alocação de recursos em busca do lucro. O aumento do consumo ou por simples incremento da população local ou dos consumidores das terras descobertas foi o responsável pela mudança. O sistema capitalista de produção só pode se desenvolver em sociedades de consumo.

Ao mostrar a afinidade eletiva entre a religião protestante e o capitalismo, ele deixa claro, a contrário senso, que ela não existe entre catolicismo e capitalismo. Tudo leva a crer que a ética da religião católica, quanto ao trabalho, inversa da protestante, deva ter alguma afinidade eletiva com o sistema comunista de produção, inverso ao capitalismo. E a realidade nos mostra que, nos países de maioria protestante, praticamente não existe, ou não tem expressão, partidos socialistas e comunistas. Casos principais são os Estados Unidos, apesar de hoje ter quase maioria católica, e Inglaterra. Foi observando a Revolução Industrial inglesa que Karl Marx escreveu seus escritos famosos. As suas ideias, entretanto, não se desenvolveram ali, não deram origem a movimentos de contestação do regime capitalista de produção nem à revolução do proletariado, como na Rússia. O marxismo se tornou um fenômeno católico, isto é, só pode se desenvolver em países de maioria católica. Protestantismo e capitalismo buscariam a riqueza, catolicismo e socialismo a pobreza. A Teologia da Libertação da América Latina, não há dúvida, apoia-se nisso, demonstrando afinidade com o comunismo.

O verdadeiro espírito do capitalismo é a busca da riqueza a qualquer preço, exploração da mais valia ou não. Dinheiro não tem nome, é dinheiro. A teoria protestante, citada por Weber, de só aceitar riqueza proveniente do

trabalho honesto é apenas um artifício daqueles criados pelo espírito humano no campo religioso, e do qual o homem acaba ficando escravo. (Kantorovich, p. 19). Não basta maldizer o capital aventureiro, pois não há como separá-lo do legítimo. A Companhia da Índias Orientais e a exploração das colônias foi o que possibilitou o investimento sem o qual o sistema capitalista de produção não poderia ter se desenvolvido. Sem seu império colonial, dificilmente teria acontecido a Revolução Industrial inglesa ou pelo menos teria caminhado lentamente.

As igrejas protestantes foram obrigadas, na Inglaterra, a desempenhar um papel muito importante para a sociedade com uma nova forma de agir no enfrentamento da miséria: a instalação de “casas de trabalho”. A Igreja Católica, como instituição, sempre desempenhara (e desempenha até hoje) o papel de intermediária pedindo doação aos ricos, dando esmolas aos pobres. Os nobres faziam doações, construía m igrejas e conventos pensando em sua própria salvação e desesperavam-se ao pensar no fim da pobreza. Além de acabar com a ideia de salvação pelas obras ou esmolas e inverter a forma de encarar o trabalho, a igualdade, a riqueza e a salvação, o protestantismo acrescentou qualidades positivas ao conceito de “ser humano absoluto”: o homem é um ser ativo e altivo, trabalhador, a iniciativa individual é exacerbada e valorizada. O protestantismo divinizou o trabalho que o catolicismo demonizara.

A divinização do valor do trabalho foi, sem dúvida, a grande contribuição do protestantismo para justificar a descoberta inglesa de que só o trabalho pode enriquecer um homem ou uma nação e o consequente papel desempenhado pelas igrejas protestantes na sociedade da época:

“A assistência aos pobres continuava de acordo a legislação elisabetana. Em 1723, entretanto, uma nova lei encorajou as paróquias a se agruparem para estabelecer oficinas onde os pobres

foram postos a trabalhar. Perto de duas mil ‘casas de trabalho’ existiam, perto de 1778. Elas serão sistematizadas ainda mais no século seguinte.” (*Histoire d’Angleterre*, p. 131)

A descoberta inglesa foi o marco distintivo entre a Inglaterra e o resto do mundo, principalmente a França, que logo vai dirigir-se ao fisiocratismo de Quesnay, antepondo-se ao mercantilismo inglês. Ao estabelecer que a salvação depende da fé em Deus e não das obras, o protestantismo exacerbou o individualismo, pois o crente não depende de ninguém para se salvar. Ao diferenciar-se completamente do catolicismo, pôs em evidência o papel inútil desempenhado pela Igreja Católica como intermediária da salvação. Protestantismo e catolicismo tornaram-se inimigos.

A divisão do cristianismo foi um duro golpe, deixou cicatrizes profundas, mas não o matou, nem mudou seu centro de gravidade. Foi a mais importante e difícil provação por que passou desde sua nascença em Platão e Jesus de Nazareth, provocou guerras e execuções, mas resistiu bravamente ao duro golpe, porque o protestantismo, além de manter os mesmos quatro evangelhos canônicos, as mesmas crenças, o mesmo falso Deus das pedras quebradas e o mesmo fundamento platônico, também reforçou o lado negativo do conceito de “ser humano absoluto” elaborado por Platão e pela Igreja Católica.

Uma outra diferença marcante entre católicos e protestantes é que os primeiros se dedicam mais ao Novo Testamento, protagonizado pelo Filho, como se o Antigo não existisse, enquanto os segundos demonstram uma preferência indisfarçável pelo Antigo, que é a revelação do Pai, afinidade eletiva com o judaísmo. Essas duas representações de Deus e Jesus — não estou dizendo aqui que Deus não seja também protagonista no Novo Testamento e sim que um foco maior em um ou outro —, como Parangon, faz toda a diferença entre os dois “cristianismos”. Deus é opulentamente

rico, Jesus miseravelmente pobre. No paraíso, Jerusalém celeste, tudo é feito de ouro, prata, rubis e diamantes. Basta ler a descrição que dele faz *O peregrino*, de John Bunyan, citado por Max Weber como o livro de maior sucesso durante a Revolução Industrial inglesa. A terra cristã é um vale de lágrimas, nada presta, o peregrino busca o paraíso em corpo e alma, abandona sua família, desmentindo a ressurreição, pedra angular do catolicismo.

Na recente canonização de Santa Teresa de Calcutá, o papa, ao fazer distribuir comida aos pobres de Roma, lembrou que o lugar deles não é fora, mas dentro da Igreja. Insistentemente alertou seus companheiros sobre a opção pelos pobres, como fizera a nova santa. O papa, vale lembrar, pela primeira vez na história é oriundo da América Latina, onde se originou a Teologia da Libertação — de origem marxista, que assume integralmente esta opção, divinizando a classe trabalhadora, única capaz de transformar a sociedade, pregando a estatização dos meios de produção e a eliminação da classe empresarial como única maneira de abolir as diferenças sociais. Mas existe, na mesma América, a tradicional opção pelos pobres de origem não marxista, pregada pela Igreja Católica, seguida inclusive pelo atual Papa Francisco I, que se diferencia daquela na forma como analisa a questão. Para a Teologia da Libertação marxista, a riqueza é uma vergonha, enquanto para a Igreja não marxista a pobreza é que é a vergonha. Uma prega a abolição da riqueza a outra, a abolição da pobreza. São essas duas visões que diferenciam, de maneira geral, catolicismo e marxismo no tratamento da exclusão social. A afinidade eletiva entre protestantismo e capitalismo, a riqueza pelo trabalho, induz à ética da riqueza; a afinidade eletiva entre catolicismo e socialismo, opção pela pobreza, induz à ética da pobreza: todos devem ser ricos para serem iguais entre si e ao Pai ou todos devem ser pobres para serem iguais entre si e ao Filho.

10.3 O calvinismo

Estranhamente, Nietzsche, na sua obra *O Anticristo*, a mais contundente contra o cristianismo, não fala no calvinismo, na predestinação e nem no protestantismo inglês, referindo-se vagamente ao protestantismo luterano, englobando tudo sob o conceito genérico de cristianismo. Ele conhecia muito bem as ideias inglesas, como dá a entender em várias de suas obras, inclusive no próprio livro acima citado (p. 69). O que o teria levado a não comentar as ideias religiosas de Calvino? O calvinismo e a dupla predestinação negam a igualdade entre todos os homens, justamente a maior crítica que ele faz ao cristianismo:

“O veneno da doutrina dos ‘direitos iguais para todos’ foi disseminado fundamentalmente pelo cristianismo; o cristianismo travou guerra mortal, desde os mais secretos cantos dos instintos ruins, a todo sentimento de reverência e distância entre os homens, ou seja, ao pressuposto de toda elevação, todo crescimento da cultura — com o ressentimento das massas, forjou sua principal arma contra nós, contra tudo o que há de nobre, alegre, magnânimo na Terra, contra nossa felicidade na Terra. A ‘imortalidade’ concedida a todo Pedro e Paulo foi, até agora, o maior, o mais maligno atentado à humanidade nobre — e não subestimemos a fatalidade que do cristianismo se insinuou para a política” (Nietzsche, *O Anticristo*).

A aristocracia dos eleitos de Calvino lembra mesmo a aristocracia política vigente na época, outra crítica de Nietzsche:

“O aristocratismo da atitude foi minado, nos mais subterrâneos alicerces, pela mentira da igualdade de almas, e, se a fé na ‘prerrogativa da maioria’ faz revoluções e fará revoluções, é o

cristianismo, não se duvide, são os juízos de valor cristãos, que toda revolução apenas traduz em sangue e em crimes! O cristianismo é a revolta de tudo que rasteja no chão contra aquilo que tem altura: o evangelho dos ‘pequenos’ torna pequeno” (Nietzsche, *O Anticristo*).

Antes de entender a razão pela qual Nietzsche realmente não se interessou pelo calvinismo preciso saber o que exatamente ele chama de Anticristo. Começo por ler o que ele diz do Cristo :

“Eu volto para contar a história verdadeira do cristianismo — a palavra mesmo é um mal-entendido no fundo, não houve senão um só cristão e ele morreu na cruz. O Evangelho ‘morreu na cruz’. Depois desse momento, o que nós chamamos Evangelho é o contrário do que ele viveu: uma má ‘novidade’, um desevelho.” (p. 52)

Bem o único cristão morreu na cruz. E qual é a diferença entre esse cristão que morreu na cruz e os seus “seguidores” que se dizem “cristãos”? A diferença profunda dá-se justamente no crucial da doutrina, segundo Nietzsche, o reino de Deus:

“O ‘Reino dos céus’ é um estado de espírito e não alguma coisa que está ‘fora a Terra’ ou após a morte”. (p. 48).

A divergência é profunda, as ideias são irreconciliáveis, opostas; sendo ideias opostas e irredutíveis, quem divulga que o reino dos Céus é no “outro mundo” é anticristo. Para Nietzsche, o cristianismo é o Anticristo. A Igreja e seu fundador, Paulo de Tarso, são anticristos. Por minha conta, eu acrescento todos os Pais da Igreja e seus pretensos reformadores, Lutero e Calvino. Todos os que defendem o cristianismo são anticristos.

Entendido o título do livro, outro ponto crucial deve ser levantado: Nietzsche não acredita no Deus do cristianismo:

“Nós negamos Deus enquanto Deus. Se nós pudéssemos provar o Deus dos cristãos, nós menos creríamos nele”. (*O Anticristo*)

Nietzsche não acreditava no Deus das tábuas quebradas, que é o Deus dos cristãos. Mas ele não desacredita do real Jesus Cristo, ele o explica como alguém que se livrou de todos os problemas terrenos, das preocupações mundanas e se revoltou contra os líderes religiosos dos judeus, contra os rabinos que se tornaram gregos. Nietzsche, com toda a certeza, não é o Anticristo, ele é anticristão, anticristianismo. Por isso, a lei por ele proposta e assinada em *O Anticristo* chama-se “lei contra o cristianismo”, o ser absoluto que criou o “ser humano absoluto” de Jesus de Nazareth e onde ele aponta os culpados, ao contrário dos filósofos que são criminosos não só por estarem no último degrau de longitude científica, mas também por não denunciarem a grande farsa:

“Nós seremos mais duros com os protestantes liberais do que com aqueles da estrita observância. Ser cristão é mais criminoso quanto mais nós nos aproximamos da ciência. O criminoso dos criminosos é, em consequência, o filósofo”. (p. 89).

À primeira vista, parece que Nietzsche ou considerou o calvinismo como uma nova religião não protestante, já que a ideia de predestinação não se enquadra nem no catolicismo e nem no protestantismo, ou talvez tivesse compreendido, como eu, que as instituições da religião cristã são um grande mal-entendido. O mais correto, todavia, é vê-lo como um calvinista pertencente à seita dos eleitos (pré-super-homens), dos grandes empreendedores que deram origem ao sistema capitalista de produção e cujo Deus é o Deus das tábuas não quebradas, isto é, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó. Nietzsche foi, ou se considerava, um eleito, não para a vida

eterna, mas para, como Zaratustra, (Nietzsche despido do “ser humano absoluto”) trazer e glorificar o homem de volta à vida na Terra e fechar o grande asilo:

“O cristianismo tem necessidade da doença, como o helenismo precisa de um excesso de saúde — tornar doente é a verdadeira intenção escondida de toda terapêutica da salvação praticada pela Igreja. E a Igreja não é ela mesma um asilo de alienados católicos concebidos como supremo ideal? A Terra inteira pensada como um asilo de alienados?”(p. 69).

Embora tudo isso seja verdade, o grande problema trazido pelo cristianismo não foi somente a arregimentação dos doentes, da ralé, que a sociedade tem a obrigação de ajudar, mas a transformação deles em indolentes, malandros, vagabundos, preguiçosos, e os incentivou ao não fazer nada, a viver às custas dos outros, sob a dependência do Estado ou da Igreja, párias sociais, inimigos do trabalho. Nos países onde os católicos são maioria, como na França ou no Brasil, a praga das ideias socialistas aparecem como cura para todos os problemas da infelicidade humana. O próximo país a entrar na dança das ideias marxistas, divinizando a pobreza, através o Partido Democrata, são os Estados Unidos da América, aonde o catolicismo vai, em breve, tornar-se a religião predominante. Catolicismo e socialismo são uma coisa só: fim das dores do trabalho.

A interpretação que Calvino fez das escrituras é totalmente equivocada devido ao fanatismo que o dominou e que o levou à intolerância religiosa, como demonstrado na condenação de Servet. O fanatismo religioso não aceita qualquer espécie de contestação ou crítica que contrariem seus ideais. Por isso, criticou a tudo e a todos, principalmente os filósofos e teólogos da Sorbonne, que chamou de sofistas, só aceitando Paulo e principalmente Agostinho, embora não lhes confira os títulos de santos. O fanatismo faz

com que a pessoa acredite ser um profeta, um enviado divino capaz de interpretar as escrituras segundo a “intenção” de Deus e de seus autores. Crítico contundente de uma autônoma razão humana e do livre-arbítrio, usou de toda sua capacidade e inteligência racionais para, acintosamente, torcer e desvirtuar as palavras contidas na Bíblia, ou das de Santo Agostinho e de São Paulo, como ele mesmo confessa, para demonstrar seus falaciosos argumentos:

“Que as alegações não sejam de Paulo pouco me importa, eu leio suas frases como se fosse ele que as pronunciou e não emprestadas dos profetas”. (*Institutions*, p. 233)

A prova de que ele se deixou levar pelo fanatismo religioso que o cegou pode-se perceber claramente na interpretação que fez daquela passagem bíblica, já citada, como fizeram o rabino e o Catecismo: “Deus pegou o homem e o colocou no jardim do Éden para cultivá-lo e guardá-lo”. A interpretação de Calvino é a mesma do Catecismo da Igreja Católica e do rabino David Pinto, isto é, que Deus pegou o homem e o estabeleceu no Jardim do Éden para cultivar o jardim e guardar o jardim.

Considerar o Antigo Testamento como uma preparação para a vinda de Jesus Cristo é outra grande idiotice que fez deles mensagens radicalmente opostas: o Antigo Testamento é um manual para ter uma real vida longa na Terra; o Novo, um manual de como ter uma fictícia vida eterna longe dela. A oposição é flagrante. (p. 288 e seguintes da *Instituição*). Só encontro uma justificação para a deturpada obra de Calvino: a graça cooperante de Satan.

Mas nem tudo foi perdido, felizmente. Numa coisa Calvino tinha razão, embora com sentido inverso ao que ele pregou: a Teoria da Predestinação que ele elaborou para justificar as diferenças sociais de sua época. Todos os homens nascem predestinados a viver e iguais em

aparência: duas pernas, dois braços, dois olhos, duas orelhas etc., a não ser em virtude de alguma possível deficiência genética ou traumática. Porém, a maior característica humana é a desigualdade, não só nas impressões digitais, mas principalmente em suas ligações neuronais, na velocidade do movimento de suas sinapses: uns são mais aptos a viverem mais tempo, a se adaptarem melhor ao real e a entenderem melhor e mais rápido as idiotices e loucuras produzidas pelos homens, como as escritas por Calvino, por exemplo. Apesar da aparente igualdade, não existem dois homens iguais no mundo, até prova em contrário. A velocidade das sinapses é o fator determinante da individualização humana, que, ao contrário das determinações físicas que são inatas, são adquiridas nos primeiros anos de vida e depende da alimentação e dos hábitos maternos, período que vai até os cinco anos, quando o cérebro atinge seu estágio definitivo. Nesse período, a ingestão de proteínas é essencial para determinar não só o número de neurônios e a velocidade das sinapses.

Freud, que viu a solidificação das neuroses nessa idade, não considerou o movimento e nem a sua velocidade. Para ele, e outros psicólogos também, todas as impressões ficam gravadas na memória, num lugar indeterminado do hipocampo, o subconsciente, como num depósito, que talvez possa ser chamado de alma. Mas eu não vejo como uma neurose ou qualquer outra coisa possa entrar, sair ou passar de um estado a outro da memória, consciente ou inconscientemente, a não ser através das sinapses ou de impulsos elétricos que chamo de sinapses reversas. Mesmo Nietzsche, com sua extraordinária descoberta do eterno retorno do mesmo e da vontade de potência, não considerou o cérebro e a velocidade de suas sinapses, o que fez com que a origem daqueles instintos ficasse completamente indeterminada, talvez impulsionados pela matéria bruta, talvez alguma coisa que possa ser chamada de alma. Assim se explica a Teoria da Evolução das Espécies de Darwin, os mais aptos sobrevivem, aqueles que se adaptam melhor ao meio ambiente, os que usam melhor o

cérebro, que a religião cristã tenta negar e desmentir com sua estúpida e mal compreendida Teoria da Criação. Calvino não levou nada disso em consideração, apenas elaborou sua Teoria da Predestinação pelo que via na sociedade da sua época, no mundo real aparente, nas classes sociais, na teoria de Platão.

CAPÍTULO 11

A grande luz

Possivelmente os séculos XV e XVI tenham sido os mais importantes da história moderna pelas grandes descobertas marítimas, pela fundação, em 1600, da Companhia das Índias Orientais e o início do império colonialista britânico, embora alguns historiadores apontem como tal os séculos seguintes com a gloriosa Revolução Inglesa em 1688 e o início da Revolução Industrial, na mesma Inglaterra, em 1760. Não há dúvida que a interdependência entre todos esses acontecimentos têm de ser levada em consideração no estudo da modernidade, mas o que possibilitou o aparecimento do chamado moderno sistema capitalista de produção e, mais tarde, a Revolução Industrial inglesa, foram os descobrimentos e a implantação do sistema colonial de exploração, com o aumento do consumo, tanto na matriz quanto nas colônias: sem consumo, nada de capitalismo. Esse simples fato tem escapado da análise dos que se têm dedicado ao estudo das causas da Revolução Industrial inglesa: poucos dão o devido valor à colonização e ao aumento do consumo, como Eric Hobsbawn, que, em *As origens da Revolução Industrial*, apesar de se referir diversas vezes a ela, afirma na página 44:

“Também se registrou um acentuado aumento no cultivo de especiarias novas e pouco comuns, como o milho, as batatas e o fumo. Estes novos produtos podem ser considerados como próprios da Revolução Agrícola.”

O que o senhor Hobsbawn esqueceu de mencionar é que esses três produtos são originários das américas e que a sua disseminação pela Europa só foi possível graças às descobertas, propiciando uma grande melhoria na saúde dos trabalhadores, acostumados a pão e vinho, uma melhor defesa contra as doenças, inclusive a Peste, aumentando a população, aumentando o consumo. A agricultura europeia se resumia a trigo, sorgo e centeio. Não se pode imaginar, hoje em dia, a Bélgica sem batata frita ou chocolate, a Itália sem o tomate, originário da América do Sul, e toda a Europa sem a soja, de origem japonesa, e a quinoa, andina.

A cegante luminosidade que brilhou sobre a Inglaterra naqueles séculos, num dos raros acontecimentos que somente acontecem em intervalos de milhares de anos na história da humanidade, foi a mesma que iluminou e despertou Abraão há milhares de anos, quando ele entendeu que a sua vontade, a sua consciência, a sua razão — ele como cérebro — eram o seu único Deus. A diferença foi que, desta vez, a grande luz iluminou não um, mas um punhado de homens, os eleitos para a vida eterna de Calvino. Esse novo brilho, muito mais estonteante, muito mais amplo, de uma magnitude sem precedentes, não foi ofuscado por nenhum bezerro de ouro, como aconteceu no Sinai. Calvino, escrevendo torto em linhas tortas, possibilitou a recuperação do Deus de Abraão, que havia sido ofuscado porque Moisés escrevera certo em linhas certas e foi entendido torto em linhas tortas.

A grande revolução na história da humanidade começou com a reforma de Calvino, que possibilitou, em todos os sentidos, o avanço da civilização humana. A divisão do conceito de “ser humano absoluto” em dois foi a responsável pela grande mudança. Do ponto de vista da origem da palavra, o calvinismo não pode ser considerado como uma religião, pois não tenta fazer ligação alguma e não impõe regras para a salvação, pois seria uma tentativa de influenciar a decisão de Deus, que já está tomada: os

que serão salvos e os que serão mortos, dupla predestinação. Não sendo uma religião salvífica, o calvinismo se diferencia do catolicismo e do protestantismo. De outro ponto de vista, ele pode ser classificado como religião por acreditar numa divindade, tendo neste sentido uma afinidade com as outras duas: o mesmo Deus, o mesmo Filho e o mesmo Espírito Santo. Originariamente, também, as três se igualam por acreditarem na imortalidade da alma separada do corpo, como inventou Platão.

O conceito de “ser humano absoluto” do catolicismo, um homem, uma alma, que está na Terra de passagem, aprisionado num corpo descartável, que, de modo geral, tinha sido aceito pelo protestantismo, foi reinventado pelo calvinismo, pela predestinação que, embora tenha criado dois tipos de homens, os eleitos para a vida eterna e os condenados à morte eterna, deteriorou, ridicularizou, avacalhou e vilipendiou ainda mais a condição humana e transformou o “ser humano absoluto” dos católicos e protestantes num exército de vivos-mortos:

“Quando o apóstolo Paulo quer acabar com a arrogância dos homens, ele apela a uma constatação: não há justos, ninguém procura Deus. Eles se dispersaram e se perverteram. Não há nenhum que faça o bem, um único. Suas gargantas são sepulcros abertos: eles enganam com suas falas, têm veneno sobre seus lábios. Suas bocas estão cheias de maldições e de amargura. Eles são rápidos para derramar sangue, a destruição e a desgraça sobre seus caminhos”. (*Institutions*, p. 154)

Calvino enfatiza que Paulo visa *Non pas certains humains, mais toute la descendance d'Adam ; il ne critique pas les mœurs corrompues de certains époques, il denonce la dépravation permanente de notre nature.* (*Institutions*, p. 154)

Os homens imaginados por Calvino — que Emile G. Leonard, citado por Andrew Pettegree em *Calvin et le calvinisme*, considera como “A essência das realizações de Calvino”, um “novo tipo de homem: o calvinista” e que se caracterizava “por sua correção moral, assim como por seu sentido de vocação” (p. 65), seja o eleito ou o vivo-morto — são totalmente submetidos à vontade discricionária de um imaginado Deus imanente, ditador, megalomaniaco, intrometido e propagandístico, pois os homens haviam perdido o livre-arbítrio graças à falta cometida por Adão: se acorda, é graças a Deus; se abre os olhos é graças a Deus; quando escova os dentes, é graças a Deus; quando se veste, é graças a Deus; quando abre a porta do carro, é graças a Deus; se o carro liga, é graças a Deus; se anda, é graças a Deus; se para, é graças a Deus; se urina, é graças a Deus; se defeca, é graças a Deus; se tosse, é graças a Deus; se come, é graças a Deus; se bebe, é graças a Deus; se faz sexo, é graças a Deus; se dorme, é graças a Deus; tudo é graças a Deus; se morre, é graças a Deus; não existe nada que o homem faça que seja graças a ele mesmo. Como graça e glória são duas faces da mesma moeda, o homem inventado por Calvino tem de dar graças a Deus, reafirmar sua glória, tem de agradecer a Deus por tudo que faz, deseja, sonha, imagina, a tudo que acontece. Nem os eleitos nem os vivos-mortos — como são os homens definidos no “ser humano absoluto” religioso de Calvino, muito menos católicos e protestantes, todos submetidos à ética do Deus das tábuas quebradas — poderiam ter se tornado qualquer coisa na vida, a não ser mendigos, sempre à espera da ajuda de Deus ou do governo, jamais poderiam terem sido capitalistas e dado origem ao sistema capitalista de produção, como afirma Jean-Paul Moreau. Nem uma pena se move a não ser pela mão de Deus.

O homem calvinista inglês via o sucesso na obtenção da riqueza, com o carimbo de trabalho honesto, como uma confirmação da eleição e a pobreza como prova de danação, falta de empenho e falta de fé no Criador, apesar de Calvino afirmar que não há possibilidade alguma de que qualquer

pessoa possa ter certeza da salvação. Os saduceus, no tempo de Jesus, já pensavam assim:

“Assim eles mostram sua fidelidade ao Deus dos pais e da Aliança, fidelidade que é uma justificativa do seu modo de vida. Eles negam a ressurreição se apoiando sobre a concepção tradicional. Eles têm direito a uma retribuição material imediata. Eles são ricos e poderosos e Deus os abençoa porque são justos”.
(, *Cahiers Evangile 27 - La Palestine au temp de Jésus*, p. 51, *Editions du Cerf*)

A predestinação foi assumida pelos nobres, pelos ricos e aventureiros que, considerando-se eleitos, fizeram dela uma seita ideológica, baseada nas Sagradas Escrituras, para justificar as diferenças sociais. A existência de ricos e pobres, eleitos ou não eleitos, são decretos divinos e ninguém tem o direito de tentar desvendar ou contrariar os desígnios de Deus. O arrependimento como possibilidade de salvação, que é o atributo máximo do Deus de Jacó, serviu como justificação, reforçado pelos argumentos de Calvino de que a dupla eleição foi decidida por Deus antes da criação do mundo, como fazem os judeus com a Torá, o que significa que não foram os homens, muito menos eles, que inventaram as diferenças sociais. Como as tábuas do Sinai foram escritas por Deus, ou as escrituras reveladas aos profetas, não podem ser contestadas:

“Com a consciência de estar em plena graça de Deus e ser por ele visivelmente abençoado, o empresário burguês, com a condição de manter-se dentro dos limites da correção formal, de ter sua conduta moral irrepreensível, de não fazer da sua riqueza um uso escandaloso, podia perseguir os seus interesses de lucro e devia fazê-lo. O poder da ascese religiosa, além disso, punha à sua disposição trabalhadores sóbrios, conscienciosos,

extraordinariamente eficientes e aferrados ao trabalho, como se finalidade de sua vida querida por Deus. E ainda por cima dava aos trabalhadores a reconfortante certeza de que a repartição desigual dos bens deste mundo era obra toda especial da divina Providência, que, com essas diferenças, do mesmo modo com a graça restrita (não universalista), visava a fins por nós desconhecidos” (Weber, p. 161, *A ética protestante*)

Calvino para inventar a predestinação também se inspirou em Platão:

“Cabe ainda explicar a razão pela qual, entre os seres animados, uns são mortais e outros imortais” (*Fédon*, p. 230).

A predestinação foi a grande mágica que transformou o dinheiro maldito em dinheiro abençoado ou, como se diz hoje em dia, lavou o dinheiro sujo. Como? Os capitalistas converteram-se em calvinistas eleitos, grande dádiva que veio dos céus para desmentir a Igreja Católica de que só havia duas formas de salvação: a primeira, e mais importante, era ser pobre pois Jesus Cristo dissera que é mais fácil um camelo passar no fundo de uma agulha do que um rico ir para o céu. Mais fácil não quer dizer impossível. A segunda era que o rico poderia também obter sua salvação usando seu dinheiro para ajudar, através da Igreja, os pobres, sustentar conventos e construir igrejas ou comprar a indulgência dada pelo papa. Construir e sustentar um convento possibilitava um número acordado de orações, seja em intenção da felicidade e da salvação do doador ou da alma de algum ente querido que já tinha morrido. Era praticamente a garantia da salvação.

O trabalho era visto como uma forma de se sustentar, não de ganhar dinheiro para acumular, o que estava de acordo com as palavras de Deus para Adão. A salvação pela fé e não pelas obras acabou com todas essas imobilizações de capitais e gerou uma enorme acumulação. As doações

ficaram reduzidas ao dízimo que, como eu bem sei, não tem o controle da Igreja para verificar o lucro. Ademais, com o catolicismo, o empréstimo de dinheiro a juros era indesejado. Nem Lutero e nem Calvino foram totalmente a favor do empréstimo de dinheiro a juros, mas eles faziam distinção entre empréstimo para a produção ou para o sustento. O que eles não aceitavam era o empréstimo a juros aos pobres, o que contrariava as palavras de Jesus Cristo sobre solidariedade e comiseração.

Ninguém queria ou podia considerar-se vivo-morto, preferindo pensar-se como um eleito de Deus. Psicologicamente, a Teoria da Predestinação é irresistível. O vivo-morto, o pobre da vida real, intimamente ofendido e revoltado com o baixo conceito que lhe era atribuído e com medo da morte eterna, superava toda a sua angústia e depressão pensando na possibilidade de ser, através do sucesso na vida, numa atitude absolutamente individualista, contrária ao espírito religioso da união mística, um eleito do Senhor. Mas o sucesso tinha uma importante limitação ética: o trabalho honesto. Os vivos-mortos que não conseguissem sucesso deveriam contentar-se com a missão que lhes fora confiada e desempenhá-la com humildade e devoção, sempre em glória do Senhor. Todos deveriam aceitar o chamado de Deus, a sua vocação, contentar-se com a profissão que lhe fora destinada, nada de ficar mudando de profissão: lixeiro é lixeiro, pedreiro é pedreiro. Os eleitos, os ricos, foram elevados à categoria dos anjos:

“III. Pelo decreto de Deus e para a manifestação da sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida eterna e outros predestinados para a morte eterna” (*A Confissão de Fé de Westminster*, p. 36)”.

O burguês usurário, que tinha que dar esmolas e sustentar os padres nos conventos como forma de pedir perdão dos pecados por emprestar

dinheiro a juros, agora estava justificado, não precisava mais do catolicismo. Toda essa categoria de atores que não se ajustava nem ao catolicismo e nem ao protestantismo agora tinha uma religião própria que os aceitava sem desdém, reconhecia sua atuação como uma predestinação divina. Se a compaixão do cristianismo é a desgraça da humanidade, como diz Nietzsche, estes senhores não eram cristãos de modo algum, pois eles não tinham, como não tinha o carniceiro Cromwell, compaixão alguma por quem quer que seja. Esse estado de espírito de independência, de grandeza, de poder fazer, de liberdade, de superioridade, essa nova religião tomou, para Weber, mais tarde, o nome de “espírito do capitalismo”, lucro a qualquer preço, e foi aceito e reconhecido com naturalidade, como uma chamada divina para o trabalho, como uma vocação aprovada por Deus, desde que com parcimônia no uso da riqueza, o que possibilitou o reinvestimento dos lucros, pois se os lucros fossem distribuídos aos pobres, como pregava o calvinismo, o sistema não teria se desenvolvido.

Os eleitos para a vida eterna adotaram, dentro do calvinismo, como uma das várias seitas, a velha religião com o Deus de Abraão, Isaac e Jacó. Só essa ética poderia ter gerado esse tipo de homem. O comportamento dos eleitos foi o mesmo de Abraão em relação à Sara, de Isaac com Rebeca e de Jacó com Esaú. O ditador puritano carniceiro Cromwell foi o exemplo típico dessa ética: cada vez que ordenava uma matança, ele a justificava citando a palavra de Deus do Antigo Testamento. Durante seu governo, a Holanda, mesmo sendo calvinista, foi atacada e sua frota, dizimada. Tratava-se de comércio e não de religião.

“Após a derrota de Charles II, a Inglaterra era mestre das Ilhas britânicas. Mas os parlamentares do RUMP não estavam satisfeitos. Para a grande maioria tratava-se de negociantes que apostavam pesadamente nos transportes marítimos e se

preocupavam com a concorrência dos holandeses». (Jean-Paul Moreau, p. 211)

O individualismo foi levado ao extremo nessa irmandade, pois o eleito só vê a si mesmo como tal, ao contrário do catolicismo, do protestantismo e mesmo do calvinismo, que são religiões coletivistas, místicas, no sentido de que todas as almas devem voltar para Deus, ou melhor não deveriam dele nunca se ter separado, crime cometido por Adão, uma espécie de retração do Big Bang, por meio do qual a grande dispersão de átomos se reconcentra no ponto original:

“Se a vida espiritual de Adão era de ficar unida a seu criador, a morte de sua alma é separada. Não é de se admirar que ele tenha arruinado toda sua descendência pela sua revolta e que a ordem natural no céu e na Terra tenha sido alterada” (*Institutions*, p. 193)

A predestinação foi, de um lado, a superação da maldição que pesava sobre os ricos, com sua aceitação pacífica pela sociedade, com a benção dos líderes religiosos, gerando uma nova ética, por meio da qual se formou uma seita, com o velho Deus de Abraão acabando com a maldição que pesava sobre o trabalho, que se tornou missão divina. Os nobres — que não podiam exercer profissão alguma, fazer qualquer tipo de trabalho, nem mesmo se vestirem sozinhos, devendo ser assistidos por um pajem — tornaram-se exemplos típicos de inutilidade a ser evitada. Da mesma forma, a ascese intramuros como forma de fugir das tentações do mundo terreno foi desqualificada. A fé deveria ser demonstrada em meio às tentações da vida carnal.

Inabalável nessas convicções, ancorado em uma nova ética, o homem santo calvinista, seguro de si, confiante na certeza da eleição, muitas vezes arrogante, orgulhoso, sempre individualista, humilde em sua relação com Deus, mas não com os vivos-mortos, incansável na glorificação divina,

confiava na graça de seu Deus, o glorificava em todas as suas ações e discursos, frequentemente abençoava os vivos-mortos para mostrar sua relação de simbiose com Deus, seguindo firme na exploração do novo mundo e atraindo para o seu movimento uma grande leva de ateus, judeus, católicos e protestantes, toda uma gama de homens aventureiros, empreendedores, inovadores, em busca do lucro agora abençoado.

A auri sacra fames foi incorporada e diluída no calvinismo dos predestinados, justificando a teoria mercantilista de acumulação de ouro e prata. O fim destes dois tabus — as descobertas e o colonialismo com o aumento do consumo — foi o que possibilitou o aparecimento do sistema capitalista de produção. Esses comportamentos são válidos até hoje e fazem a diferença entre os sistemas de produção capitalista e socialista. O novo embate entre trabalhar para viver ou viver à custa do Estado está se desenrolando agora mesmo nos Estados Unidos da América, onde a arrogância e as iniciativas do presidente assemelham-se precisamente ao comportamento dos eleitos calvinistas da Revolução Industrial inglesa e realçam o comportamento do deprimente exército dos vivos-mortos socialistas, sempre dispostos, como futuros mortos-vivos, a morder o eleito presidente eleito com o objetivo de trocar a democracia dos trabalhadores puritanos calvinistas pela ditadura marxista dos inimigos do trabalho, agora mascaradamente batizada com o nome de social-democracia.

Com a predestinação, o calvinismo cindiu definitivamente o conceito de “ser humano absoluto” ao reconhecer dois tipos: o escolhido e o vivo-morto. Calvino observou a realidade humana, o efeito, mas não a causa, a existência de dois Deuses: o de Abraão e o das tábuas quebradas. O conceito de “ser humano absoluto” é determinado segundo o ponto de vista de um ou outro dos Deuses. Calvino, escrevendo torto em linhas tortas, provocou a ira do Deus de Abraão, que ressurgiu com o nome de “espírito do capitalismo”.

A grande descoberta dos iluminados ricos ingleses — reunidos pelo predestianismo puritano calvinista como eleitos, com o velho Deus — de que só o trabalho pode tornar um homem ou um país rico foi levada pelos pioneiros do Mayflower para os Estados Unidos, onde foi cumprida à risca, fazendo daquele o maior país do mundo. Na Inglaterra, ela, com o reconhecimento e a benção do calvinismo, justificou a exploração dos vivos-mortos, homens, mulheres e crianças que trabalhavam doze, quatorze horas por dia, ganhando somente o necessário para se manterem:

“Calvino já havia enunciado a frase, muitas vezes citada, segundo a qual o ‘povo’ ou, dito de outra forma, a massa dos trabalhadores e dos artesãos, só obedece a Deus enquanto é mantido na pobreza” (Weber, p. 161, *A ética protestante*)

A pregação de um coletivismo na qual a individualidade desaparece, em que todos os homens são iguais entre si e perante Deus, e a pregação da humildade absoluta só pode gerar, e de fato gerou, um ambiente propício ao acolhimento e desenvolvimento das teorias marxistas, que pode ser chamado também, equivocadamente, de “espírito do socialismo”, como a opção pelos pobres no catolicismo, afirmada e reafirmada recentemente no Pacto das Catacumbas e no trabalho de proselitismo em comunidades carentes desenvolvida hoje em dia pelos pentecostais e neopentecostais. É a justiça do Deus das tábuas quebradas.

O calvinismo tem, de fato, na criação de dois conceitos de homem, o que escapou de Emile G. Leonard, seu ponto central. Esse dois novos seres humanos absolutos que se firmaram definitivamente, concebidos a partir da realidade, mas justificados divinamente, são quase certamente a principal causa do desentendimento entre os homens até hoje, pois cada um deles forma psicologicamente um tipo de homem. O protestantismo e o calvinismo enfraqueceram o catolicismo, mas fortaleceram o cristianismo e

reafirmaram o conceito do “ser humano absoluto”. As consequências da predestinação, todavia, com a criação de um novo conceito de “ser humano absoluto” e a retomada do Deus dos antigos judeus — que foi a sua grande contribuição para o desenvolvimento da espécie humana — deixou profundas e incuráveis cicatrizes, a maior delas o capitalismo com suas diferenças sociais. Essa nova religião, aparentemente também assentada em Jesus de Nazareth — Deus de todos na Terra para os católicos e protestantes, mas, para os calvinistas, só dos eleitos —, foi mais do que um “espírito do capitalismo”, foi a prova da existência dos eleitos, como foram Abraão, Isaac e Jacó. Espero assim ter respondido à questão levantada por Jean-Paul Moreau (*L’anglicanisme ses origines, ses conflits*, p. 42) :

“A Reforma: muito para nada?”

A Reforma fez (para plagiar Shakespeare) muito barulho por nada? Ela não fez mudar um centímetro a Igreja Católica romana atrelada aos seus dogmas”.

CAPÍTULO 12

Os Estados Unidos

Eu mostrei até agora a existência de três conceitos de homem, que chamo de “ser humano absoluto”: o primeiro, definido pela Igreja Católica e que vigorou até a reforma protestante no século XVI. O segundo, pelo protestantismo; e o terceiro, pelo calvinismo. As três religiões têm a mesma visão do homem: criado por Deus como sua imagem, um corpo mortal e uma alma imortal. Inocente, transparente, justo e bom. As três também concordam que, por desobecer à ordem de Deus, ele perdeu a sua santidade, sua inocência e se tornou um pecador, um ente miserável. Duas delas, o catolicismo e o protestantismo, estão de acordo que a alma dos homens, após sua morte na Terra, deve ser julgada e receber castigo ou recompensa conforme tenha sido o seu modo de viver. Nesta questão, aparece a primeira divergência entre as duas: a salvação das almas, isto é, uma boa vida após a morte junto a Deus depende, para a Igreja Católica, das boas obras que tenha realizado na Terra e, para o protestantismo, a salvação depende somente da fé no Criador. Eu já citei o medo que tinham os nobres e ricos da Idade Média de que acabassem os pobres para os quais eles davam esmolas e, portanto, não teriam mais como se salvar.

O calvinismo aceitou a definição de homem proposto pelo catolicismo até a queda. A partir daí, o homem perdeu completamente suas qualidades, perdeu a razão e o livre-arbítrio, enfim o homem não tem poder para decidir nada: tudo depende de Deus. A grande diferença entre o calvinismo e as outras religiões, entretanto, é que ele dividiu o conceito de homem em dois,

os predestinados à salvação e os condenados à morte eterna. Não são as obras e nem a fé que podem salvar o homem, como alma, pois tudo já foi decidido por Deus antes do nascimento, quem será salvo e quem será condenado, e não há nada que o homem possa fazer para demover a decisão de Deus.

As três concordam, erradamente, como mostrei, que o homem foi colocado no jardim do Éden para trabalhar cuidando dele. O trabalho no jardim foi uma missão dada por Deus ao homem para ocupá-lo. A concordância acaba com a queda e a expulsão de Adão do jardim. A partir daí, para os católicos, o trabalho duro foi um castigo dado por Deus pela falta cometida, enquanto para os protestantes e calvinistas o trabalho continua sendo uma missão divina, certamente para justificar as mudanças que estavam ocorrendo na sociedade da época.

O que revolucionou o mundo nos séculos XV e XVI, além da nova maneira de encarar o trabalho, foi uma nova interpretação da missão de Jesus de Nazareth dada pelo calvinismo. Todas concordam que Jesus é filho de Deus, acreditam na Santíssima Trindade, mas o calvinismo, devido à predestinação, acredita que ele veio ao mundo somente pelos eleitos, cabendo aos condenados apenas louvar a graças de Deus. Esse enfoque maior em Deus, que é extremamente rico, do que em Jesus de Nazareth, que foi extremamente pobre, fez toda a diferença entre, de um lado, católicos e protestantes e, de outro, o calvinismo. Para os católicos o homem deve ser pobre como Jesus e para os calvinistas o homem deve ser rico como Deus. Os protestantes acrescentam que a riqueza só é aceita por Deus se for obtida por meio do trabalho honesto e deve ser usada com parcimônia, sem ostentação, como servidora e não mestre do homem.

Eu tive que fazer esse pequeno *detour* para dar maior ênfase nas afirmações que vou fazer a seguir: neste exato momento, os dois “seres

humanos absolutos”, o do catolicismo e o do calvinismo, estão em choque nos Estados Unidos da América e as chances de vitória pendem mais para o lado do catolicismo, porque o Partido Democrata, seu cúmplice, está no poder.

A grande luminosidade que atingiu a Inglaterra nos séculos XV e XVI foi tão forte e duradoura que um punhado de bravos puritanos calvinistas, afrontando grandes mares revoltos para começarem uma nova vida do outro lado do Atlântico, conseguiram, sem que a luz se apagasse, criar, com seu trabalho, com a força de seus braços, contra a fome, as doenças, os donos da terra, contra todas as terríveis forças da natureza, em regiões inóspitas, um novo lar, uma nova comunidade, um novo país que se tornaria o mais claro e ousado conjunto de seres humanos jamais visto até então. Oito dos presidentes do país batizado com o nome de Estados Unidos da América descendiam desses pioneiros. Durante mais de quatrocentos anos o país guiou o mundo em direção a um desenvolvimento científico e humano sem precedentes, ao amor ao trabalho, às liberdades individuais e pelos valores democráticos como forma de organização política da sociedade. Toda a grandeza que o país conseguiu atingir, em todos os níveis, sociais, políticos e econômicos deveu-se unicamente àquela grande descoberta dos iluminados cerebrais calvinistas ingleses: só o trabalho pode enriquecer um povo, um país.

Infelizmente e desgraçadamente para a humanidade, a grande luz, a ética calvinista dos eleitos, está se apagando, vencida pelas forças da escuridão, da ignorância e do obscurantismo representadas pelo catolicismo socialista sob a liderança de países como a Itália, o Brasil e, especialmente, a França, que conseguiu o impossível: impor sua ideologia barata de taxar as empresas multinacionais para sustentar os seus inimigos do trabalho, o que ela vinha tentando, há anos, sem sucesso. O velho católico presidente foi induzido a acreditar que a ideia era dele e deu a vitória para a França. A

cada vez que o povo americano elege um presidente católico fortalece o socialismo, porque eles são ideologicamente concubinados no reacionarismo, na luta contra o trabalho como missão divina. A preocupação fundamental que sempre tirou o sono dos presidentes americanos é a questão básica dos *jobs*, dar emprego aos americanos. Essa ética puritana se contrapõe à do catolicismo, defendida pelo presidente da França, de que a única obrigação do presidente é aumentar o *pouvoir d'achat* do povo. Desta vez, porém, os americanos foram longe demais, elegendo um católico velho que só pensa na salvação de sua alma, usando o mesmo método usado pelos antigos senhores da Idade Média: doando aos pobres, comprando a indulgência. Mas há uma grande diferença: o dinheiro que ele doa não é o dele, mas o do contribuinte americano.

O ofuscamento da grande *lumière* anuncia o fim do sonho dos pioneiros americanos. Seus últimos estrebuchos, *we came back*, só provoca risos, principalmente na China. A inexorável queda do Tio Sam, por outro lado, anuncia, se se confirmar o fim da vida humana na Terra, o fim da vida em geral, pois é quase certo que o programa da NASA vai ser retardado pelos reacionários católicos socialistas que estão se apossando do governo americano. A única esperança de salvação agora talvez seja a China, mas que, infelizmente, mantendo segredo a sete chaves sobre seu programa espacial, não pode ser levada em consideração. Mesmo assim, posso prever que ela conseguirá enviar seres humanos a Marte antes dos Estados Unidos, o que será a marca do fim da influência dos americanos no mundo. Desgraçadamente a escuridão atingiu os grandes jornais americanos, principalmente o Financial e o New York Times, igualando-os às mídias sociais com suas *fake news*, a tal ponto que seus jornalistas não conseguem mais enxergar a realidade americana e continuam atribuindo a Trump todas as dificuldades que o país enfrenta. Eles acreditam, ou fazem de conta, talvez pensando que os outros sejam burros, que a invasão do Capitólio por meia dúzia de gatos pingados malucos podia acabar com a democracia

americana, fazendo coro à viva-morta Nancy Pelosi. Se isso fosse possível, seria um sinal sério de que a democracia na América é frágil, que não vale nada e, nesse caso, não faria falta alguma. Não, meus caros idiotas, a democracia americana é muito mais forte e resistente do que vossos pequenos e acanhados cérebros podem avaliar. Nem a implantação do catolicismo socialista — que vocês defendem e, julgando que os outros são idiotas, não têm coragem de confessar e ficam rastejando na mesma escuridão infernal dos inimigos do trabalho e da riqueza — conseguirá acabar com a democracia na América. O problema americano é a luta entre capitalismo e socialismo, do qual tanto o eleito Trump como a condenada Nancy são apenas pontas do grande iceberg que está flutuando nas costas americanas.

A democracia americana não está em perigo nem pela invasão do Congresso e nem pela vitória da ética do “viver à custa dos outros” sobre a do “viver com o suor do seu rosto”. A França, por fatores históricos e republicanos, está condenada a ser um país socialista e os Estados Unidos, por fatores éticos, condenado a ser um país capitalista. A dificuldade da França é que o povo francês deseja ser socialista com a preservação de suas exacerbadas liberdades individuais irresponsáveis, o que é uma impossibilidade estrutural para o socialismo. Nos Estados Unidos, o problema é mais grave. A questão capitalismo *versus* socialismo é ética antes de ser econômica.

Metade do povo americano, o das grandes cidades, deseja o socialismo, é contra o trabalho, vota no Partido Democrata, enquanto os americanos do interior, do meio-oeste, são capitalistas, a favor do trabalho, votam nos republicanos. A questão é gravíssima porque dividiu a nação e não há qualquer possibilidade de convergência de opiniões, principalmente pela ignorância e vaidade dos líderes partidários, que nem sabem do que se trata. Com o avanço do catolicismo socialista, a fratura social é iminente,

mas não haverá a ruptura da ordem democrática pelo simples fato de que, como na França, a liberdade dos cidadãos americanos cada vez mais irresponsável impedirá o catolicismo socialista de impor seu sistema de produção estatal, ditatorial. Mas a decadência é irreversível, mesmo com arsenal nuclear e direito de veto na ONU. Os Estados Unidos se tornarão o que a França é hoje: um país sempre em busca de dinheiro para sustentar seus vagabundos, com alta carga tributária e greves infinitas contra a obrigação de trabalhar. E o pior para os americanos é que, com o avanço das criptomoedas, a senhoriagem da emissão do dólar vai diminuir lentamente até se esgotar, porque estúpidos juízes e tribunais americanos decidiram ser donos do mundo e julgar todos os que usam a sua moeda. Os Estados Unidos vão perder muito mais com o enfraquecimento do dólar: a sua dignidade. Tudo começou com homens sábios, como Abraão, Isaac, Jacó, Moisés e Jesus, e vai terminar com homens ignorantes, burros e mentirosos como Jair Messias Bolsonaro e Nancy Pelosi.

A prova da decadência anunciada por Nietzsche é a imundície em que se transformou a civilização humana, seja com democracia, autocracia ou qualquer outro tipo de governo que não leve em consideração o desenvolvimento cerebral dos homens, a *qicracia*. Negro, branco, vermelho, amarelo, republicano, democrata, comunista, socialista, rico ou pobre, homem ou mulher: nada tem importância alguma. Nada pode salvar a humanidade a não ser o reino de Deus, a boa nova anunciada por Jesus de Nazareth: a civilização onde os homens usem toda a capacidade cerebral de que dispõem e ultrapassem as incertezas do conhecimento racional até a perfeição do conhecimento gnosiológico intuitivo — basta ver para crer, compreender e modificar, como ele fazia. O reino do Deus de Abraão, de Isaac, de Jacó, de Moisés e do super-homem de Zarathustra: o reino dos eleitos de Calvino. O reino do Deus cérebro humano, onde os homens exercerão sua liberdade com responsabilidade. O resto é resto. Os burros, incompetentes, incapazes, retardados mentais, os inimigos do trabalho

humano, os que não aceitam a desigualdade mental dos homens querendo igualar burros e sábios, os que não entenderam Jesus dominaram o mundo e vão acabar com a vida na Terra, na esperança de uma vida melhor no além. Triste fim.

CAPÍTULO 13

História da escrita

Todos, ou quase todos os povos da Antiguidade atribuíram a um Deus a invenção da escrita. Os assírios, ao Deus do sol, Nabu; os egípcios, ao Deus da sabedoria, Thot, protetor dos escribas, ou à Deusa Sechat; os chineses, ao sábio Tsan-tchin; os indianos, ao Deus Brahma; os gregos, a Hermes; os latinos, ao mesmo Deus com o nome de Mercúrio; os astecas, ao Deus do vento Quetzalcoatl ; os maias, a Itzama; a Armênia, a Santo Mestop; os árabes e judeus, a Deus, transmitida pelos anjos a Adão. Quanto aos judeus, que nos interessa particularmente, existe também, conforme a Torá, a explicação de que Deus se serviu da escrita para transmitir a lei ao povo: Ex 24,12, Ex 31,18, Dt 5,22, também Ex 32, 15-16 : Dt 9,9-17, Ex 32, 19. São Jerônimo, tradutor da Bíblia latina, dita Vulgata, baseando-se em Eupoleme, afirmou que a escrita foi inventada por Moisés, que a transmitiu aos fenícios; essa escrita chama-se proto-hebraico ou hebraico antigo, língua com uma longa história, como todas, que tem origem no Oriente Médio, precisamente em Canaã. Dizer que a escrita foi dada por um Deus significa que ela veio toda pronta, nega-se a história, atribui-se-lhe caráter religioso.

Os historiadores fazem uma relação entre a escrita e o material que lhe dava suporte e ao instrumento usado para a escrita. O começo é situado no IV milênio a.C., com a cuneiforme, até o II milênio a.C., com o aparecimento do alfabeto na Cananéia e na Fenícia, intermediado pela escrita hieroglífica. Pedra, cerâmica, madeira, ferro e papiro etc. serviram

de suporte, o que nos deixa supor que era grande a dificuldade em escrever. Somente pessoas especializadas, escribas, se ocupavam disso. Mas essa dificuldade, por outro lado, incentivou a simplificação, substituindo os milhares de símbolos reais pelas representativas letras, chamado alfabeto. Seu uso se alastrou rapidamente por motivos práticos, comerciais. Há diversas hipóteses para o lugar de seu aparecimento, que vão desde o Egito, Mesopotâmia, Egéia, Filistina, proto-Sinaica e Fenícia. A hipótese mais aceita é que tenham sido os fenícios que o inventaram, dando origem à língua falada hoje em dia no Ocidente, depois dos gregos terem introduzido o uso das vogais. Através dos etruscos, passou para os romanos e para o mundo. O proto-hebraico, em sua forma quadrada, segundo Joseph Cohen, teve origem no alfabeto aramean, do povo que se estabeleceu na periferia da Palestina, na Síria, no século XI a.C. e que deu origem ao alfabeto cananean, do qual se originam os alfabetos fenício e hebreu, no século XIII a.C.

CAPÍTULO 14

O Deus de Israel

Chego agora ao ponto alto deste trabalho. Quem conseguiu ler até aqui, deve ter notado e ficado curioso por que eu tenho falado constantemente no Deus das tábuas quebradas e no Deus de Abraão. Até Calvino, o que escreveu torto em linhas tortas, fala em duas tábuas da lei do Sinai. O problema é que ele, e ao que parece ninguém mais, dá-se conta de que não são duas, mas quatro as tábuas da lei. Duas foram quebradas por Moisés e duas conservadas. Desses dois pares de tábuas, saíram dois Deuses: o das tábuas quebradas que se tornou o Deus dos cristãos e o das conservadas, o Deus de Israel. E qual a diferença entre os dois pares de tábuas para gerarem dois Deuses diferentes, já que as leis são as mesmas? As leis são as mesmas, o autor é o mesmo, mas os escribas são diferentes. As quebradas foram escritas, segundo Moisés, por Deus; e as conservadas, por ele mesmo. E o que isso significa? Que o Deus das tábuas quebradas é outro que não Moisés e o das conservadas é o próprio Moisés, o que quer dizer que o Deus de Moisés é sua própria consciência, sua razão, e que o Deus dos judeus é a razão humana, a memória humana. Abraão foi o primeiro homem a entender que seu Deus era sua consciência, sua memória, sua razão, dois mil anos antes dos gregos. Para reforçar seus argumentos e atrair o povo, Moisés desceu do monte afirmando que fora o próprio Deus que havia escrito as tábuas. O povo, imediatamente, passou a adorar as tábuas como testemunha da presença de Deus. Foi o seu grande erro, motivo pelo qual ele jamais se perdoou, deixou a liderança do povo e retirou-se para as montanhas para morrer. Ele tentou reparar seu erro,

quebrou as tábuas, o que certamente não teria coragem de fazer se elas tivessem sido escritas por Deus: tudo em vão. O mal estava feito, nunca foi e talvez nunca seja reparado e certamente vai acabar com a vida na Terra, pois a única possibilidade seria voltar ao Deus de Israel, a razão humana. Mas isso só Zaratustra entendeu.

Eu nunca me conformei, do ponto de vista teológico, com as passagens da Bíblia em que Deus manda matar homens, mulheres e crianças, e que os teólogos, rabinos, pastores e padres e toda a cambada de expertos fazem questão de ignorar como se não tivesse existido. Deus envia Moisés ao faraó e ele mesmo impede que o faraó liberte os hebreus. No episódio da quebra das tábuas, o bezerro de ouro, morreram mais de três mil entre os seus adoradores. Sem contar os sacrifícios no templo, onde os pobres animais eram decapitados e seu sangue espalhado sobre o altar para satisfazer os desejos sanguinolentos do Deus de Aarão. A destruição dos templos, que significou um desastre para os israelitas, foi uma benção de Deus para pobres animais, que não foram mais sacrificados. Tomara que o terceiro templo seja apenas a casa do Deus de Abraão, Isaac, Jacó e Moisés.

Do ponto de vista humano, todavia, a ação de matança coletiva encontra exemplos recentes na história. Na Revolução Russa, os comunistas mataram o czar, sua mulher e seus filhos, certamente resguardando-se do erro cometido pelos franceses, que só executaram a família real após diversas tentativas de restauração, com a invasão de seu território por tropas estrangeiras, embora a desculpa tenha sido a tentativa de fuga. A Revolução Cubana apelou para o *paredón*, eliminando quase todos os seus inimigos, e os poucos que sobraram foram mortos na Baía dos Porcos. O Chile executou todos os comunistas. A história está farta de exemplos de guerra de pilhagens, de roubos e de destruição.

A eliminação de todos os residentes do lugar que se tomou tem uma explicação lógica, trata-se de uma ação preventiva pois se um povo toma a terra de outro e não o elimina, viverá sempre sob a ameaça de uma reviravolta, o inimigo sempre reclamando seus direitos sobre a propriedade, o que a história também está farta de mostrar. Matando o ex-dono da terra, não haverá ninguém para reclamá-la. O Brasil é um típico exemplo: os militares brasileiros estão agora mesmo, depois de quinhentos anos, tentando matar os povos da floresta porque eles vivem dizendo que são os donos do território. A Coreia do Norte foi um caso mal resolvido, deu no que está dando. Isto não quer dizer que concordo com matanças, nem penso que deveriam matar, estou só constatando um fato histórico. Jamais poderia aceitar a morte de um ser humano, qualquer que seja o motivo. Não sei se essas atitudes são inspiradas na passagem bíblica, ou, ao contrário, a passagem tenha sido inspirada na realidade daquele tempo, o que é mais provável, que significa: Deus teve uma atitude humana (ou os homens uma atitude divina?).

CAPÍTULO 15

Moisés

Moisés viveu entre os anos 1300 e 1500 a.C.? Moisés era judeu ou egípcio? Moisés fundou uma religião baseada no monoteísmo de Akhenaton? Moisés foi morto pelos judeus? Moisés histórico ou mítico? Moisés escreveu o Gênesis? Tantas perguntas sem respostas: para os historiadores e antropólogos não há nenhuma prova de sua existência, muito menos do Êxodos. Nenhuma dúvida para os judeus. Existem várias teorias para explicar a vida de Moisés. As quatro principais são a bíblica, a egípcia, a greco-helênica e a judaica. Daniel Jeremy Silver chama a atenção para um fato muito importante: a Bíblia, além de não dizer nada sobre suas características físicas, procura de todas as formas diminuir o papel desempenhado por Moisés no Êxodos, apenas um embaixador, com todos os defeitos humanos: gago, indeciso, tímido, desconfiado e até chantagista e mentiroso. Deus é o protagonista, Moisés o ajudante obediente, o escriba. E essa era a visão que tinham os judeus até a diáspora de 353 a.C., quando a Grécia invadiu o Egito, instaurando o helenismo ao dominar a Palestina. Calcula-se em cem mil o número de judeus que foram deportados para a construção da cidade de Alexandria, no Egito, tendo-se reunidos a outros que ali já estavam, que haviam sido contratados como mercenários pelos persas, antes dominantes, para a defesa do sul do território.

Para os egípcios, Moisés foi um traidor e feiticeiro, expulso com um bando de leprosos, indo se instalar em Jerusalém, onde organizou o povo e lhe deu leis. Para os gregos de Alexandria, Moisés foi um grande líder

guerreiro capaz de levar seu povo através do deserto com grandes dificuldades, de fundar uma cidade, símbolo de civilização, dando-lhe leis e administração.

Os judeus do Egito, em atrito com os greco-helênicos e sua civilização de heróis, para igualar-se, fizeram de Moisés um herói tão grande como os maiores gregos. Há rumores inclusive da existência de um templo para a sua adoração. Em nenhuma das teorias há referência ao fato de Moisés ter matado um egípcio. Essas questões que tiraram o sono de Freud pouco interessam ao meu trabalho. Eu aceito a opinião dos judeus, principalmente dos caraítas e dos saduceus. O que me interessa são as palavras escritas no Pentateuco, no Gênesis e no Êxodos, que servem de base filosófica de fundação da civilização ocidental.

As biografias de Moisés têm um ponto em comum: elas só o analisam a partir do Êxodos, jamais se referindo ao Gênesis, embora, a meu ver, este capítulo seja a base de todo o artifício bíblico. Concordo com as afirmações de Joseph Cohen, que cita Eusébio e São Gerônimo como aceitando a ideia de Eupoleme de que Moisés teria ensinado a escritura alfabética usada pelos cananeus hebreus a todo o povo judeu, que a transmitiu aos fenícios e estes aos gregos. A finalidade seria a unificação nacional dos judeus que saíram do Egito e os que viviam em Cananéia, inventores do alfabeto.

Esse ponto é que interessa ao meu trabalho, Moisés escritor, narrador, unificador, que foi certamente um instrumento divino, no que sinceramente acredito. Seu principal problema, a passagem da tradição oral à escrita, que equivale à passagem do mítico ao racional dos gregos, também não tem interessado a ninguém. Apesar do dizer dos rabinos, de que nem todo o oral foi escrito, eu não considero nem o Talmud e muito menos o Zohar e toda escrita dos cabalistas, místicas, proféticas ou gnosiológicas que dizem respeito a Platão e não a Moisés. A ideia é dar uma interpretação racional, o

que equivale a dizer divina, ao Gênesis, já que Deus está presente como interlocutor, o que indica que Moisés é um narrador humano. Essa racionalidade significa, por exemplo, entender que o bezerro de ouro, descrito no Êxodos, na verdade eram as tábuas da lei, cuja escrita Moisés atribuiu a Deus e, por isso, tornaram-se ídolos, objetos de culto.

A revolta do povo sob a liderança de Aarão foi contra a quebra da tábuas e não contra o Deus que o tirou do Egito. Moisés jamais mandaria matar mais de três mil israelitas e não mentiria dizendo que foi Deus que ordenou, pois, ao contrário, foi atendendo às suas súplicas que Deus perdoou os pecadores que ia aniquilar. Não vou supor que a ordem de Deus está na Torá oral. Aarão mentiu, dizendo que jogara o ouro no fogo e que saiu o bezerro, quando, na realidade, o havia burilado cuidadosamente. Ele também não resistiu ao pedido do povo, prontificando-se, sem contestação, a construir o Deus de ouro. Tudo leva a crer que foi nesse episódio que Moisés foi substituído (Freud fala que foi morto) e daí em diante a história foi escrita pelo sumo sacerdote Aarão. Por que Deus escolheria Aarão, que fundiu o bezerro para sumo sacerdote, quando seria Moisés, com quem se comunicava, o mais indicado?

Na quebra das tábuas das leis e sua substituição, reside a origem de todo o erro cometido pela humanidade, o que, junto com a separação de corpo e alma de Platão, possibilitou o comprometimento da civilização. As segundas tábuas, embora Deus tenha dito que as escreveria, foram escritas pelo próprio Moisés. Entre o próprio Deus escrever as tábuas e ditar as leis para que Moisés escrevesse há uma grande diferença: um Deus externo a Moisés e um Deus interno a Moisés, sua consciência. Foi assim que nasceu o que iria se tornar o Deus dos cristãos. Este episódio é de capital significação para a interpretação da Torá, que é a fonte de todo conhecimento, início da história da filosofia, especialmente da metafísica, onde vieram beber muitos filósofos.

Ler o Êxodos como obra filosófica e não religiosa faz toda a diferença, a discordância com a interpretação religiosa é flagrante. Antes de mais nada, vale lembrar a grande dificuldade que deve ter tido Moisés para escrever num alfabeto novo, em que cada letra tem um significado específico e a simples troca de um sinal muda todo o sentido da frase. Escrevendo a história do ser enquanto ser, real e ideal, Moisés foi o primeiro filósofo escritor da história, talvez o único. Nem mesmo Jesus de Nazareth pode ser-lhe comparado, pois não foi um escriba, teve que enfrentar um outro problema, não veio fundar nada, mas recuperar o sentido fundamental do judaísmo, relembrar aos homens as palavras de Moisés, do Deus único, fazer cumprir a lei. Os dois tiveram o mesmo problema: a rebeldia do povo judeu em cumprir a lei, principalmente em reconhecimento e fidelidade a seu Deus único. É verdade que os dois são libertadores: Moisés libertou o povo hebreu da escravidão egípcia e Jesus tentou libertar os israelitas da escravidão intelectual grega. Os adversários de Moisés foram os egípcios e seu politeísmo, que influenciavam os judeus na sua diáspora voluntária transformada em escravidão, e o de Jesus de Nazareth foram seus próprios conterrâneos, transformados em gregos pelos doutores da lei, os rabinos.

A primeira manifestação do Deus único aconteceu com Noé, ordenando a construção da arca e, a seguir, para Abraão abandonar a Caldeia, continuando com seus filhos Ismael e Isaac, dando origem ao duplo monoteísmo. Moisés foi o grande profeta que chamou os judeus à ordem, tirou-os da escravidão no Egito e fundou a religião escrita para que o povo não esquecesse jamais seu Deus.

Essa foi a sua grande tarefa: sistematizar, transformar, ou mesmo acabar com as incertezas da religião oral que os judeus tinham guardado no exílio, em lei escrita. Grande dificuldade, escrever para um povo em que poucos sabiam ler, pois o alfabeto era coisa nova e de difícil manuseio,

como já visto, pois, segundo Cohen, somente os intelectuais sabiam ler, e com certeza foi essa dificuldade que manteve viva a tradição oral.

Fixar em palavras a aliança entre o Deus único e os homens tinha a intenção clara de combater a idolatria, trazer os judeus de volta ao Deus único, recuperá-los do contato com o politeísmo egípcio, evitar a regressão que tinha acontecido com o culto egípcio do Deus único, presenciada por Moisés, como assinala Freud. Mas esse monoteísmo revivido certamente não vem de Akhenaton. Possivelmente tenha ocorrido o contrário: o faraó, conhecendo a religião monoteísta de seus hóspedes judeus, tentou implantá-la no Egito, sem sucesso.

A tentativa, usando o velho método escolástico de levantar as teses contrárias ao judaísmo e negá-las dubitativamente *d'amblee*, como faz Freud, não me afasta do caminho, principalmente por ser ele um judeu e ter conhecimento de sua história. Mas tem razão quando fala em período de latência entre Moisés e a aceitação de sua religião escrita. Difícil fazer um povo acreditar numa estranha lei escrita, principalmente quando, já dito, certos religiosos afirmavam que nem todo oral foi ali transcrito. Moisés atribuiu a Deus a invenção das palavras e letras, do alfabeto, para dar-lhe autoridade e confiabilidade. Essa é a história contada no Gênesis, em que Deus só criou o mundo das palavras e letras, nomeando todas as coisas. Depois de Moisés, só copiadore. A exceção foi Platão, criador da teoria das ideias, das almas, início da decadência, como afirmou Nietzsche, clarividente. Até aí, nada de mais, pois, segundo a opinião vigente, nada se cria, tudo se copia, baseado no dogma da química: nada se cria tudo se transforma. A química tem razão, a filosofia não. O grande problema de hoje e de sempre é o mesmo: as palavras de Moisés foram mal interpretadas, deturparam seu pensamento, uns de boa, outros de má-fé, encorajados pelas dificuldades na leitura e tradução do alfabeto proto-hebraico. O que ninguém percebeu foi que Moisés, por engano, criou o

Deus dos cristãos mesmo tendo se arrependido e quebrado as primeiras duas tábuas da lei.

CAPÍTULO 16

Abraão

Abraão foi o primeiro cafetão que eu tenho notícia na história da humanidade. Como justificativa para a exploração sexual da sua mulher, Sara, ele apresenta-se como um covarde, sob a falsa alegação de que poderia ser morto por causa da beleza dela, pedindo à mulher que dissesse ser sua irmã para poder fazer dela uma prostituta. Ficou rico pois a mulher foi tomada pelo faraó, que deu a ele muitos bens. Moisés tentou dar o mesmo golpe em Abimalec, quando Sara já tinha quase cem anos. Não conseguiu. O ato mais infame de Abraão, todavia, foi o de expulsar de casa seu filho primogênito, Ismael, a pedido de Sara, após o nascimento de Isaac.

O grande mérito de Abraão foi ter descoberto que seu Deus era sua razão, sua memória. E por isso eu o considero como o pai da filosofia.

CAPÍTULO 17

Isaac

Isaac puxou o pai, foi um grande vigarista, ladrão e cafetão. Tentou prostituir sua mulher Rebeca com as mesmas alegações de seu pai Abraão, mas Abimalec percebeu, ao olhar pela janela, que Rebeca não era irmã, mas a esposa dele, rejeitou-a, devolvendo-a.

CAPÍTULO 18

Jacó

O pior de todos os patriarcas foi o comedor Jacó, neto de Abraão e filho de Isaac. Em toda a Bíblia, não existe maior canalha do que Jacó. Ele cometeu o maior crime que um homem podia cometer, trair o pai na hora da morte, ajudado por sua mãe. Sua atitude não se justifica, mesmo sabendo-se que seu pai não era homem digno de qualquer consideração. Ele já havia traído seu irmão Esaú, aproveitando-se da fome para roubar-lhe o direito de primogenitura. Fugiu a conselho de sua mãe, a alcoviteira que ouvia atrás das portas. Passou quase a vida toda atormentado pela sua consciência, sabendo que havia cometido graves ofensas a seu Deus, sua consciência. Vivia apavorado, com medo de que seu irmão voltasse para matá-lo. Quando um de seus empregados anunciou que Esaú estava vindo com 400 homens, quase morreu de medo. Enviou presentes para seu irmão com a intenção de aplacar uma suposta ira. Quando se encontraram, para seu espanto, seu irmão Esaú foi muito gentil e mostrou muita alegria em vê-lo. A desfeita foi tão grande que Jacó, mesmo já tendo se arrependido de seus crimes, brigado toda uma noite, em sonho, com sua consciência que chama de Deus, mudou seu nome para Israel e, como prova de um renascimento, fez-se humilde e arrependeu-se de seus crimes.

Jacó casou-se com duas irmãs, Lea e Rachel. Com a primeira, ele teve seis filhos homens e uma mulher: os filhos de Lea foram: Rubem, Simão, Levi, Judá, Issachar e Zebulum. A filha se chamava Dinah. Com Rachel teve dois filhos, José e Benjamim. Mas ele também transava com as servas

das esposas: com Bilá, serva de Rachel, ele foi pai de Dan e Naftali. Com Zilpa, serva de Lea, teve Gad e Aser. Seus doze filhos formaram as Doze Tribos de Israel. Jacob, mais uma vez, mesmo mostrando arrependimento por ter roubado o direito de primogenitura de Esaú, comete mais uma injustiça, tirando de Rubem a progenitura, dividindo-a entre os doze filhos. Nada para Dinah, a única filha.

CAPÍTULO 19

Os patriarcas

A minha intensão ao mostrar os fatos da vida real dos patriarcas, coisa que os rabinos, sacerdotes e pastores fazem questão de fazer de conta que não existiram, ou encontram desculpas alegando que era costume da época, foi para mostrar que tudo era uma questão de dinheiro. Quando o proxeneta Abraão obrigou Sara a se prostituir com o faraó, ele ganhou muito dinheiro em ouro, prata e gado. Issac, cafetão fracassado, mesmo assim recebeu dinheiro de Abimalec como suborno. Jacó, roubando a progenitura de seu irmão Esaú roubou os bens que deveriam lhe pertencer. Quando, naquele gesto infame e odioso de vestir pele de cordeiro para ficar peludo e enganar seu pai no leito de morte, só confirmava a sua ganância por dinheiro. Vale lembrar ainda que Sara pediu ao proxeneta que deserdesse seu filho primogênito, Ismael, em benefício de Isaac. Abraão, mesmo entristecido, enviou Hagar e Ismael para morrerem de sede no deserto, o que só não aconteceu porque ela encontrou um poço com água.

Por todos esses fatos narrados na Torá, no Pentateuco, fica claro que o Deus que nós conhecemos, dos cristãos, jamais falaria ou se comunicaria com personagens grotescos como Abraão, Isaac e Jacó. Na teologia de Calvino, eles certamente não estariam entre os eleitos. Mas como, então, eles falavam como eleitos e agiam como condenados? Em nome de qual Deus eles falavam? Pois foi justamente Jacó que nos mostrou o que chamavam de Deus. Nós já vimos as falcatruas de Jacó. Ele sabia que havia errado, que havia roubado seu irmão Esaú, enganando seu pai na hora da

morte, mentido, lobo em pele de cordeiro. Sua consciência não lhe dava sossego, vivia atormentado, esperando que o irmão viesse matá-lo. Quando saiu ao encontro dele, atormentado, ficou a sós e arrependeu-se de seus erros. Lutou a noite toda com Deus, quer dizer, contra sua consciência, e venceu.

O Deus que nós conhecemos, o Deus dos cristãos, jamais poderia ter sido vencido numa luta. E nem qualquer dos seus enviados. O que Jacó venceu foi uma luta consigo mesmo, contra seus *mauvais penchants*, seus sujos pensamentos, chamados “enviados do senhor”, seu cérebro. Arrependido de seus crimes, mudou seu nome para Israel como prova da mudança de caráter, de recomeço, mas, ao mesmo tempo, ele acabou por confessar que seu Deus, e o de Abraão e Isaac, nada mais era do que a consciência de cada um deles. Deus como consciência humana, que Moisés popularizou, foi a grande descoberta dos patriarcas em benefício dos israelitas. E se Freud tivesse razão ao afirmar que Moisés era um egípcio que tentou popularizar o Deus de Akhenaton entre os israelitas, significaria que o faraó seria o patriarca dos cristãos e não dos judeus, pois o Deus de Israel é o oposto do Deus de Akhenaton, que é o mesmo Deus dos cristãos. Os comportamentos dos patriarcas são os mesmos que serão assumidos pelos eleitos do Senhor de Calvino reunidos em seita e que deram origem aos sistema capitalista de produção.

CAPÍTULO 20

Conclusão

Agora que chego ao fim deste trabalho, cuja origem se deve à percepção de que os esforços apressados da NASA na procura por planetas habitáveis e enviar homens à Lua e Marte indicaria a certeza dos cientistas de que a vida na Terra está prestes a se extinguir, seja por causas naturais ou humanas ou mesmo uma interação entre as duas, vou fazer uma recapitulação dos pontos principais para evitar mal-entendidos e dúvidas por falta de clareza de minha parte. A pergunta que eu tentei responder, relacionada à segunda possibilidade, foi: como os homens conseguiram criar uma civilização potencialmente capaz de destruir a vida na Terra? Eu tinha lido em Nietzsche, e não me lembro onde, que a civilização humana começou sua decadência quando Platão separou o corpo da alma, levando os homens a desprezarem a vida na Terra na esperança de uma vida melhor no além-Terra. A verificação de uma relação de causa e efeito entre a minha questão e essa afirmação foi o ponto de partida na busca da resposta.

A finalidade última da minha pesquisa era, após descobrir a causa que fez com que a civilização humana se tornasse uma bomba de alto poder destrutivo, alertar e convencer os valentes homens que se preparam para viver em outros planetas que não levem essa civilização para o espaço, pois acabará por destruir a vida em todo o Universo, se houver. Espero ter sido feliz na tarefa e persuasivo o bastante ao mostrar que não foi só Platão o responsável pelo niilismo, como disse Nietzsche, mas a interpretação da filosofia de Jesus de Nazareth através das ideias dele, que deu origem ao

que chamo de plato-cristianismo, que foi o grande veneno que envenenou a construção de um deturpado “ser humano absoluto”. Mas eu também afirmei, e espero ter provado, que, na realidade, o primeiro, grande e principal erro aconteceu milhares de anos antes, quando Moisés, no Sinai, escreveu as duas tábuas das leis e afirmou que foram escritas por Deus, apesar de tê-las quebrado e escrito outras duas.

Freud em seu trabalho, cuja tese está completamente equivocada, pois o egípcio era Aarão e não Moisés, como fica provado em Êxodos 7 quando ele serviu de intérprete a Moisés num sinal claro de que Moisés não falava a língua do faraó. Moisés não foi criado pela filha do faraó, ele foi salvo por ela e devolvido à mãe, um stratagema inteligente para preservar a vida da criança. A nacionalidade de Moisés pouco importa, mesmo se ele tivesse aprendido a arte da memorização através do faraó Akhenaton. Mas a de Aarão faz toda a diferença. Freud também afirma que Moisés foi assassinado numa revolta dos israelitas provocada pela recusa da nova religião, mas não diz onde, quando e nem quem a comandou. O episódio mais expressivo das revoltas do povo descrito na Torá, talvez o único, já que os outros foram apenas lamúrias, foi sem dúvida a do bezerro de ouro, onde fica claro que alguma coisa de muito grave se passou, podendo ter acontecido o assassinato ou o afastamento de Moisés da liderança do povo. A causa teria sido a pressa que tinham para tomar posse da Terra Prometida:

“E viu o povo que Moisés demorava em descer do monte, e se juntou o povo a Aarão e disse-lhe: ‘Levanta-te, faze-nos Deuses que andem diante de nós, porque a este Moisés, o homem que nos fez subir da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu.’”
(Ex 32,1)

Freud assinala que era comum aos povos antigos não só trocarem seus Deuses, e mesmo castigá-los, por não corresponderem aos seus anseios,

que, no caso dos israelitas, era a posse da terra onde corria leite e mel. Pois foi isso exatamente o que aconteceu ali. Trocaram um Deus de carne e osso, subjetivo, estacionado, fazendo leis, por um Deus também subjetivo, mas objetivado em duas tábuas, que caminhava na busca de seu objetivo. Um novo Deus significa um novo culto, uma nova religião, um novo líder e novos sacerdotes. A esperteza de Aarão foi continuar como se o novo Deus fosse o mesmo de Moisés, dando aos dois pares de tábuas o mesmo valor de adoração: quatro tábuas transformadas em duas. O nascimento da religião do Deus das tábuas quebradas do sacerdote Aarão e dos levitas, selou para sempre o destino da humanidade. A filosofia de Moisés, continuação de Abraão, Isaac e Jacó, todavia, não desapareceu, ela continua viva até hoje. Se mataram Moisés, não fica claro no texto, mas a descrição que é feita quando ele “desceu” da montanha pela segunda vez é a de um homem morto. Talvez tenha sido o castigo dado ao Deus que não cumpriu sua promessa, como diz Freud.

O que estava em jogo ali era nada mais, nada menos do que a exploração comercial do Deus único em busca do lucro. E foi Aarão, o egípcio — que jamais faria um Deus de ouro por causa da cabeça dura do povo, pois se acreditasse em Moisés, não mentiria dizendo que jogou o ouro no fogo e saiu um bezerro, quando o havia burilado cuidadosamente —, o principal beneficiado, junto com sua tribo, os levitas, com a morte ou afastamento de Moisés. Ele se tornou o Supremo Sacerdote, cargo que naturalmente pertenceria a Moisés. Subjugando o povo Israelita, Aarão — e seus asseclas, um grupo de não israelitas que se havia incorporado à tribo através dele, não de Moisés como fala Freud, que matou ou neutralizou Moisés e mais de três mil de seus seguidores — também mentiu, dizendo que Deus havia ordenado o massacre:

“Assim disse o Eterno, o Deus de Israel. Colocai cada um vossa espada sobre vossa coxa, passai e tornai a passar de porta em

porta do acampamento, e matai cada homem a seu irmão, cada homem a seu companheiro e cada homem a seu próximo”. (Ex 32,25)

Deus nunca disse isso a Moisés que, ao contrário, dissuadiu-o de castigar o povo, pedindo clemência e defendendo os israelitas. O fratricídio ou o alijamento só podem ter sido obra de Aarão e de seus cúmplices para apropriar-se do Deus que escreveu as tábuas quebradas, inocentemente criado por Moisés. Começou ali uma nova forma de escravidão do povo de Israel através da obrigação de oferendas, espoliação divinizada. Os levitas se tornaram os donos de toda a fortuna, de todo o ouro e prata que os israelitas haviam trazido do Egito e exigidos para a confecção da arca e das roupas do grande sacerdote. Além de todas as oferendas, sejam voluntárias ou dadas como expiação de faltas, os israelitas eram obrigados a entregar dois cordeiros por dia de forma contínua, além de dois cordeiros aos sábados, como disposto em Num 28 e 29.

Chama a atenção, nos mesmos parágrafos, que por ocasião da Páscoa do Senhor, os explorados deveriam fornecer um total 80 novilhos, 20 carneiros, 140 cordeiros e 12 cabritos, além de farinha de trigo, azeite e vinho. A escravidão do povo passou de egípcia a levita. Dominando a religião, dominaram o poder político e econômico e impuseram a ditadura religiosa, ofuscaram Moisés e seu Deus, encarnação de Abraão, Isaac e Jacó, revalorizaram a ideia monoteísta de Akhenaton, substituindo Aton pelo Deus das tábuas quebradas, o Deus de Aarão, dos levitas, que se tornaria o Deus dos rabinos e dos cristãos, através de Platão após a morte de Jesus de Nazareth. O Deus de Moisés, todavia, nunca desapareceu, permaneceu firme e forte fazendo os israelitas se tornarem grandes cientistas e grandes homens práticos.

Onde Freud vê psicologia das massas, eu vejo esperteza de poucos dominando muitos por sua ansiedade de tomar posse da Terra Prometida. A lei de Aarão, como religião, caminhou ao lado da lei de Moisés, filosofia — não a fez desaparecer, ficando reservada a uma minoria, que é a espinha dorsal do Estado de Israel. Dois pares de tábuas, dois Deuses, uma religião e uma filosofia, uma mentira e uma verdade. O Deus de Aarão, que foi objetivado ao escrever as duas tábuas de próprio punho, e o de Moisés, subjetivo, sua memória, sua consciência, sua filosofia também chamada de ateísmo. Para sorte e azar dos Israelitas, Aarão foi obrigado a continuar fortalecendo a memória do povo, afirmando, com razão, que seu Deus era o Deus de Moisés que os tirara do Egito e que jamais poderia e deveria ser esquecido, continuando a prometer-lhes a terra onde corria leite e mel, que foi o real e único motivo pelo qual eles concordaram em sair do Egito, seguindo Moisés. A maravilhosa passagem do sensual ao espiritual, do ente ao ser, continuou seu caminho evolutivo e Freud percebeu quando diz:

“Nós partimos da hipótese de que sobre esse ponto Moisés tenha exagerado sobre o rigor da religião de Aton; pode ser que ele quera somente mostrar as consequências, seu Deus não tinha então nem nome e nem rosto, pode ser que se tratasse de uma nova medida contra os abusos de natureza mágica. Mas se se aceitasse essa interdição não poderia deixar de haver profundos efeitos. Porque isso significava um recuo imposto à percepção sensível em relação a uma representação que se poderia dizer abstrata, um triunfo do espiritual sobre o sensível, e estritamente falando, uma renúncia às pulsões com todas suas consequências psicologicamente inevitáveis” (*L'homme Moïse et la religion monothéiste*, p. 238-9).

A subjetividade já era de domínio dos povos antigos, fazia parte da vida, na qual não havia diferenciação, em termos de validade, entre sonho e

realidade. Qualquer egípcio, ao passar diante de um templo, sabia do que se tratava. O que faltava era a capacidade para lembrar-se do Deus mesmo sem ver o templo: faltava a memória. O povo de Israel, conseguindo desenvolver a memória, levou o subjetivismo a um alto grau de complexidade, apesar de que o sonho, quando se tratava de religião, ainda tinha grande valor: José, interpretando sonhos, tornou-se o real dono do Egito. Com a memória, começou a construção do “ser humano absoluto”, a capacidade do homem pensar-se, atribuir-se finalidades, separar sonho da realidade.

Foi o Deus de Moisés que Jesus de Nazareth tentou recuperar, sem sucesso. A causa do seu fracasso foi a mesma que dissipou da história a memória do faraó Akhenaton: a vida após a morte, e não o monoteísmo, como pensava Freud. Os dois, Moisés e Jesus, representam o mesmo Deus dos patriarcas, a vitória da razão sobre a ignorância e o misticismo. Quando nasceram, Moisés foi colocado num barco forrado com betume e Jesus de Nazareth numa manjedoura com palha. Origens humildes, mesma desgraça: tanto o faraó quanto o governador dos romanos mandaram matar todos os filhos de Israel, ou para evitar o aumento da raça, ou para matar um pretense salvador de Israel. A simbologia é a mesma. Moisés tirou os hebreus do Egito, Jesus tentou tirar o greco-Egito da cabeça dos israelitas. Quem matou Jesus de Nazareth foi o mesmo grupo de sacerdotes defensores do falso Deus das tábuas quebradas, que talvez tenham também matado Moisés. A maior prova de que ambos desempenharam o mesmo papel na história é o fato de os dois terem ressuscitado. O Moisés que desceu da montanha com as segundas tábuas foi descrito como um homem ressuscitado:

“E foi ao descer Moisés do Monte Sinai, estando as duas tábuas do Testemunho na mão de Moisés em sua descida do monte, Moisés não sabia que resplandecia a pele de seu rosto por (Deus)

ter falado com ele. E viram Arão e todos os filhos de Israel a Moisés que resplandecia a pele de seu rosto, e temeram aproximar-se dele” (Ex 34,29)

Essa é a visão de um homem morto, já divinizado. Agora Freud tem razão: a partir do sinal, o Moisés de carne e osso se transformou em ficção, assim como vai acontecer com Jesus de Nazareth. Gólgota e Sinai são o mesmo símbolo, o Deus das tábuas quebradas, com o sacerdote Aarão, sobrepujou o Deus de Moisés e dos patriarcas assim como o platonocristianismo, com Paulo, suplantou a filosofia de Jesus de Nazareth. A aceitação das religiões foi baseada nas recompensas oferecidas: para os judeus, a Terra Prometida, e para os cristãos, a vida eterna.

Ao escolher doze apóstolos, na realidade onze, numa analogia às Doze Tribos de Israel, na realidade onze, Jesus de Nazareth foi traído como Moisés havia sido: Judas Iscariotes e Aarão representam a mesma personagem por muito ouro ou poucas moedas. Jesus e Moisés também representam a mesma pessoa.

Embora a destruição do templo de Jerusalém, a pulverização das sinagogas e a reforma protestante de Lutero e Calvino tenham desempenhado o mesmo papel desestruturante do monopólio religioso dos sacerdotes, a religião do Deus das tábuas quebradas permaneceu a mesma devido à grande atração exercida pela ideologia platônica, que dá ao homem a imortalidade: ela conseguiu unir os sacerdotes levitas de Aarão e os católicos de Judas Iscariotes, os rabinos e os pastores sob um mesmo e único Deus: o das tábuas quebradas.

Aos leitores persistentes, espero também ter respondido à pergunta que Deus fez a Adão: “Ondes estás?” que tem o significado de: “Como você chegou a isso?”, mostrando que eu tenho dois senhores absolutos que me comandam: a vida e a morte. São esses dois senhores que embasam todas as

minhas ações na Terra e que foram manipulados no Sinai, na Palestina, e são manipulados, camuflados ainda hoje. Impuseram-me uma grotesca máscara sob diversas alegações, a maior parte copiada dos gregos, levando-me a crer que a finalidade da vida é a procura da felicidade, do prazer e da vida em outro mundo. Com Zaratustra e seu alerta de que Deus está morto, entendi a falsidade da máscara que me foi imposta por essa estúpida gente que construiu um “ser humano absoluto” absolutamente falso, encobrindo a realidade da vida humana: eu nasci para viver e não há nada que eu faça que não tenha por finalidade a manutenção da vida. Felicidade e prazer só ajudam no prolongamento da vida. Os gregos, e especialmente Platão, de quem infelizmente fui herdeiro, jamais foram capazes de entender que o único bem absoluto, o único belo absoluto, o único bom absoluto que procuravam é a vida. E ao ser humano, não sei se exclusivamente, foi dada uma ferramenta excepcional, descoberta por Abraão, o mais extraordinário e absolutamente meio para preservá-la: a memória, o eterno retorno do mesmo.

A genial e maravilhosa história contada pelo Gênesis e pelo Êxodos vai muito além da simples história de um povo. O que ela conta, e não se sabe bem por quem, Moisés ou Aarão, é a história de um Deus, memória que, como acontecerá mais tarde com Homero, Moisés impôs como Deus único a um povo chamado Israel através do enfadonho método repetitivo, sem ajuda de estátuas e representações materiais, ao contrário dos egípcios e de tantos outros povos, que só se lembravam de suas histórias e de seus Deuses quando ouviam o Aedo falar deles ou quando viam suas representações. Escuta Israel, lembra-te Israel, não esquece Israel. Repetido incessantemente, diuturnamente, a toda hora, a cada minuto, a cada segundo, todo instante, eu sou o Deus que, com mão forte, tirou-te do Egito para ser meu povo, dar-te terra e multiplicar tua semente — um povo independente, o primeiro a ter memória de sua história. Freud tem razão quando, após longa afirmação sobre as qualidades que fizeram dos israelitas

um dos poucos povos da antiguidade mediterrânea que subsistiram principalmente graças à vitalidade de caráter que os une, afirma:

“Nós conhecemos a razão dessa atitude e sabemos qual é seu tesouro secreto. Eles se consideram efetivamente como um povo eleito de Deus, se acreditam particularmente próximos dele, e isto os torna orgulhosos e confiantes. Segundo as boas fontes eles se comportavam já à época helenística como eles se comportam hoje.” (*L'homme Moïse et la religion monothéiste*, p. 226-227)

Certamente o segredo não é o Deus Aton, mas o Deus cérebro humano no que ele tem de mais fenomenal, a memória humana, o eterno retorno do mesmo. Não há nenhum povo que se tenha dedicado mais às ciências e aos estudos do que o povo Israelita. Essa é a razão do sucesso que teve início com Abraão dois mil anos antes de Homero e Tales de Mileto. A passagem do pensamento imanente ao transcendente, do ente ao ser, desde o seu início elementar com Adão até o estabelecimento da lei escrita no Sinai é a história que o Gênesis e o Êxodos nos contam. O funcionamento do cérebro descrito no Gênesis começa com a separação entre céu e Terra, isto é, do bebê e o mundo exterior, representado por sua mãe. No começo, Bereshit, é a escuridão, o caos. Depois vem a luz e todo o resto. Evidentemente o escritor não sabia, Kant também não, e muitos não sabem até hoje, que a base de tudo é o movimento, vida é movimento. Sem movimento não há vida, não há nada. Mas Platão sabia e, por isso, tentou queimar os livros dos atomistas de Abdera. Os revezes israelitas acontecem quando esquecem o seu glorioso passado.

Abraão foi o primeiro homem a descobrir e a desenvolver a razão humana, a fixar a memória humana. O Gênesis nos conta como foram dados os nomes aos objetos e não como os objetos foram criados. Não há absolutamente contradição alguma entre as teorias da evolução, que contam

a história do ente, e a da criação, que é a história do ser. Num tempo em que a escrita estava começando a se firmar, pouca gente sabia ler e ninguém podia acreditar e confiar em palavras escritas, a solução, para que todos acreditassem, foi mostrar que as palavras foram inventadas por Deus. Quem deu nome para as coisas? Quem inventou as palavras? Deus. Mas o Deus considerado por Moisés era o de Abraão: seu cérebro, sua razão, sua consciência, sua vontade, sua memória. Deus estava dentro dele como está até hoje. Foi Jacó, contando um sonho, quem nos revelou toda a verdade. Foi por isso que se transformou em Israel. Abraão é o pai da filosofia.

A Torá, Gênesis e Êxodos, é o livro mais importante já escrito na história da civilização ocidental. Ele é a base de todo o pensamento de filósofos, religiosos, historiadores e psicólogos. Hegel, Kant, Nietzsche e mesmo Freud se inspiraram nele, embora jamais tenham confessado. A bem da verdade, eu não conheço pensamento algum que não seja inspirado nele ou derivado de alguma interpretação dele. Ele é a raiz daquilo que chamo de “ser humano absoluto”.

A grotesca civilização de pés de barro, assumida pelos romanos e que foi universalizada pelos guerreiros francos, teve origem numa deturpação religiosa judia, porém e infelizmente, para piorar, através de um simulacro pedófilo grego e, principalmente, de uma resposta infantil dada por Platão, com sua má interpretação da Torá e que deu origem à sua teoria das reminiscências, de onde saiu o plágio judeu de que a Torá já existia antes de o mundo ser criado. Associada a outra má interpretação, a da filosofia de Jesus de Nazareth, judia também, nasceu a cultura ocidental, o ser absoluto, o “ser humano absoluto”. Sendo resultado de duas aberrações, eles são duas grandes aberrações. Nietzsche entendeu Jesus, Zarathustra divulgou: o reino de Deus é um maravilhoso mundo humano, um reino que virá quando o homem dominar e usar completamente seu cérebro, quando o Deus das tábuas quebradas for realmente morto e sepultado.

A partir das duas deturpações, criou-se um círculo vicioso, todos passaram a ler a Torá com as lentes gregas de Platão, mesmo muitos judeus, sejam os místicos cabalistas sejam os rabinos, uns por ignorância, outros inocentemente e a maioria certamente com indisfarçável má-fé. Eles desvirtuaram completamente o antigo israelismo, criaram uma Torá oral onde tudo só pode ser interpretado por eles mesmos da maneira obscura para manterem seus privilégios. A degradingolada começou com a deportação dos judeus para o Egito, que adotaram a filosofia pagã greco-helenística como guia, apesar da concessão do grande sacerdote, permitindo que se fizesse a tradução da Torá para o grego com a finalidade de dar à comunidade dos cem mil judeus deportados, que viviam em Alexandria, a possibilidade de lê-la e afastarem-se da filosofia grega. Não adiantou nada, como não adiantou nada toda a pregação feita por Jesus de Nazareth durante toda sua vida.

André Pelletier, na obra *Lettre d'Aristée à Philocrate* (p. 75-76), afirma:

“Mas eles fizeram melhor, criando uma cultura judeu-grega. Desde o III século a.C. os judeus e Alexandria se familiarizaram com a língua grega e a usavam em suas conversações, mesmo que muitos deles ainda conhecessem o hebraico e o aramaico. Eles se interessavam sobretudo pela filosofia. O platonismo e estoicismo eram os preferidos”.

A luta de Jesus de Nazareth contra a ingerência da filosofia grega na judia, principalmente contra a separação entre corpo e alma, saiu derrotada e a principal causa do debacle foi o auxílio dado pelo nascente movimento originado na deturpação de sua filosofia interpretada pelos apóstolos de acordo com o platonismo, como foi o caso de Santo Agostinho.

“Quando de dois fizerdes Um e quando fizerdes o interior como o exterior, o exterior como o interior e o alto como o baixo, quando tornardes o masculino como o feminino um Único ser, a fim de que o masculino não seja um macho nem o feminino uma fêmea; quando tiverdes olhos em vossos olhos, a mão em vossa mão, e o pé em vosso pé, um ícone em vosso ícone, então, entrareis no Reino!” (*Evangelho de São Tomé*, Logion 22, p. 85)

O Catecismo da Igreja Católica nada mais é do que um manual para a leitura da Bíblia a partir de Platão, que para ele assume o nome de Espírito Santo. A Torá, que foi incorporada à Bíblia cristã como “Antigo Testamento”, foi e continua sendo, para os cristãos, interpretada como uma simples introdução ao Novo Testamento, coisa quase de somenos importância, nada mais do que uma justificação da vinda do Messias. Essa desqualificação da Torá, apesar da negação do Catecismo Católico, o seu rebaixamento ao papel de coadjuvante, motivou a sua deturpada interpretação junto, no mesmo bloco, na mesma ilusão, da má interpretação da filosofia de Jesus de Nazareth a partir do platonismo, ou neoplatonismo. Como uma onda avassaladora e, num dos momentos mais tristes da história, os judeus, principalmente os comprometidos com o Talmude, com a pretensa Torá oral e o Zohar dos cabalistas, foram envolvidos de roldão e se deixaram platonizar, cristianizar. Cristãos e judeus num só movimento, a partir do mundo das ideias de Platão, adotaram o mesmo Deus das tábuas quebradas, um desvirtuamento, uma traição, uma falta mortal, o sepultamento do Deus, como Deus, de Abraão, Isaac e Jacó que havia sido explicitado por Moisés e que foi ofuscado no Sinai.

É bem verdade que os rabinos apelam para o que eles chamam de Torá oral como se fosse a escrita sob a falsa alegação que Deus deu as duas a Moisés no Sinai, o que não tem sentido algum, como deixam bem claro os caraitas, os saduceus e o Mossad. A Torá foi escrita justamente para acabar

com a chamada tradição oral, que é maleável como o são os usos e costumes e que podem evoluir ou se adaptar às novas ideias e modas, como no caso de Platão. Se o antigo povo hebreu foi o único que sobreviveu, como bem afirma Freud, foi justamente por ter escrito sua história. Eu já citei o rabino David Silva em outra passagem e não me sinto obrigado a citar ninguém que não seja judeu, por respeito ao judaísmo e porque considero que cabe a eles defender a Torá mais do que qualquer outra raça e deixar de escrever contra ela. Cito Gershom Scholem em *Les grands courants de la mystique juive* (p.141-142)

“O retorno do espírito ascético é o resultado de uma atitude ascética em relação à vida. Uma interpretação característica é dada num antigo Midrashi sobre a criação da criança e relata que o bebê, quando seu anjo da guarda lhe dá um beliscão no nariz, esquece todo o conhecimento que ele adquiriu nas escolas celestes de ensino antes de nascer. Mas por que, pergunta Eliezer, a criança esquece? Porque se ele não esquecesse, a vida neste mundo o enlouqueceria quando ele pensasse em tudo que ele sabia. Que notável variante da criação Platônica conhecida como reminiscência; A amnésia está na base do Midrashi.”

E Josy Eisenberg et Amand Abécassis em *À Bible ouverte*: (p. 298)

“Os rabinos dizem que a criança estuda toda a Torá antes de nascer; se não estudasse como poderia a reconhecer mais tarde? Eles nos remetem à famosa teoria da reminiscência de Platão. Um outro bom Midrash nos conta que, no nascimento, um anjo belisca seu nariz para que ele esqueça tudo que ele sabe”.

Eles estão totalmente dominados pelo platonismo ao afirmar, mesmo que em uma *blague déplacée*, e parafraseando uma alegoria do Midrash Rabá:

“Depois da morte, quando o homem se apresenta perante o tribunal Divino, perguntarão à Neshamá (alma): por que pecaste? E ela responderá: Criador do Universo, não fui eu que pequei, mas sim o meu corpo (Guf) e a prova é que mal me livre dele, abandonei a Terra, voando agora nestas esferas limpas e puras, como um passarinho inocente. Então o júri celestial dirigirá a pergunta ao corpo: E tu, por que pecaste? Eu? — responderá o corpo — Acaso tenho eu forças para pecar? Ela, a alma, é a instigadora das minhas transgressões; pois vede, ilustres juízes, mal a alma me abandonou, estou completamente paralisado, um cadáver morto, como uma pedra. Que fará então Deus? Colocará a alma dentro do corpo e ambos serão julgados” (p. 24-25).

O mesmo comentarista, ao explicar o significado da palavra *haftara* como “desobrigação, despedida, permissão” e que teria se originado nos anos de 168-165 a.C., afirma:

“Outros atribuem o costume (leitura dos *hafitara*) a estas palavras nas bênçãos após a leitura da *haftara*: *velaaluvalnéfesh tosbía* (‘e a alma entristecida, salva-a’), e, que, segundo a Cabala, fazem alusão à alma do falecido triste e abatida por seus pecados, e à sua intenção pela qual o filho está rezando a *haftara*” (p. XIV)

Todas as deprimentes interpretações da Torá escrita através de Platão e sua teoria da reminiscência ou reencarnação, assumida pelos judeus, não tem sentido algum. O Deus de Israel somente prometeu três coisas ao judeus: terras, multiplicação da semente e vida longa na Terra. Ele jamais prometeu o paraíso celeste a quem quer que seja em nenhuma das alianças que fez com o povo judeu e nem jamais falou em alma alguma separada do corpo. Na Torá só existem dois mundos: o dos vivos e o dos mortos.

Freud — que se dedicou ao tema em *L'homme Moïse et la religion monothéiste* (p. 92), onde fez uma afirmação importante, ao saber da existência, no Pentateuco, de duas figuras de Moisés — não percebeu que as duas figuras estão relacionadas à existência de dois Deuses em Israel: um que vinha de Abraão, Isaac, Jacó e Moisés, outro confirmado involuntariamente por ele e pelo qual foi talvez assassinado. A pesquisa de Freud, histórica, procurou estabelecer através de dados arqueológicos quem foi Moisés. A mim nada disso interessa. Eu analiso uma realidade: um livro chamado Pentateuco, Torá, Bíblia, Livro Santo, Antigo Testamento etc., que é a base da civilização ocidental, o livro que construiu, através de interpretações equivocadas, o “ser humano absoluto”. O que conta para mim é — qualquer que tenha sido o autor ou autores, sejam personagens e fatos reais ou fictícios — a influência na cabeça e no comportamento das pessoas e sua influência no mundo real. Freud, mesmo não se tendo debruçado especificamente sobre o Deus dos judeus, percebeu a diferença entre as duas religiões, a tradicional egípcia e a dos judeus, como já mostrei:

“Nenhum outro povo da Antiguidade fez tanto para negar a morte, e também não se preocupou tanto de tornar possível uma vida no outro mundo. Como consequência, o Deus da morte, Osiris, foi o mais popular e o menos contestado de todos os Deuses egípcios. A religião judia antiga, ao contrário, renunciou completamente à imortalidade. Jamais, em nenhum lugar, foi evocada a possibilidade da continuação da existência após a morte.”

Ele também salienta o fato de que as religiões tradicionais egípcias, como todas na Antiguidade, são religiões imanentes, quer dizer, ao construir templos para seus Deuses os egípcios não estavam fazendo uma homenagem a eles, mas era a forma que eles tinham de tornar permanente a

sua presença, quase sempre Deuses reais, tais como o sol e animais. A religião dos judeus, ao contrário, embora também erguesse altares para seu Deus, era uma religião de memória, transcendente, não tendo símbolos, representações e mesmo Deus tem seu nome proibido. Ela é uma religião mnemônica.

“Escuta Israel, presta atenção Israel, não esquece Israel, grava na memória Israel: eu sou o Deus que te tirou do Egito.”

A religião de Jesus de Nazareth não tem nada a ver com a egípcia e nem com o cristianismo. Seu túmulo, no entanto, como um lugar de passagem, tem o mesmo valor simbólico que as pirâmides, com a diferença que nelas não se tem notícia de nenhuma ressurreição, mesmo com todos os preparativos, como a conservação do corpo para a outra vida através o embalsamento, a posse de objetos pessoais e o dinheiro para o pagamento da passagem. Nenhuma das duas religiões têm a ver com o cristianismo, no qual é uma pretensa “alma” que se separa do corpo, viaja para o além e, apesar do cristianismo negar a reencarnação, ela irá se reencarnar em seu antigo corpo ressuscitado no *doomsday*.

Por mais estranho que possa parecer, abrindo uma exceção, foi Calvino que, seguindo Agostinho e uma pretensa não aceitação da reencarnação pelas igrejas cristãs, desmentiu Platão, colocando-se como um verdadeiro judeu ao reconhecer nos profetas a presença da iluminação divina:

“Nós somos assim obrigados a reconhecer que há algumas noções de tudo isso impresso na inteligência dos homens e não, como pensava Platão, que se enganou, ao pensar que se trata de lembranças do que a alma sabia antes de ser colocada e um corpo”.(*Institutions*, p. 216)

A teoria da iluminação, ao contrário das reminiscências, dá sentido ao papel desempenhado pelos profetas em suas pregações éticas. A aproximação entre judeus e cristãos na interpretação bíblica, com a ferramenta platônica da separação corpo e alma, só se justificaria em duas hipóteses: se a Torá tivesse sido escrita após Platão ou se ele tivesse escrito com base nela, pois certamente a conheceu, ou, o mais provável, ouviu falar dela, mas de forma incompleta e deturpada, já que ele viveu entre os anos 428 e 348 a.C. e a tradução grega dos setenta foi feita após sua morte, entre os séculos III e I a.C.

Como o intervalo de tempo entre Moisés e Platão se eleva há dois mil anos, e se admitirmos que a Torá foi escrita por Moisés, ao menos Gênesis e Êxodos, a primeira hipótese é impossível. Já para o Deuterônomo a mesma coisa não pode ser afirmada. A prova dessa diferença pode ser facilmente comprovada pelo significado da palavra alma, que nos quatro primeiros livros do Pentateuco não tem nada a ver com a teoria das ideias de Platão e no último parece que sim. Ademais ele mente escandalosamente para justificar a religião de Aarão, quando afirma que foi Deus quem escreveu as tábuas da lei, pois elas foram quebradas por Moisés, talvez sendo o mesmo o motivo pelo qual tenha sido, morto dando razão a Freud.

Antes de examinar os sentidos dados à palavra alma na Torá, porém, devo salientar os seguintes fatos: não entender hebraico antigo, língua em que ela foi escrita, não é um empecilho para sua compreensão, pois o que as pessoas seguem no dia a dia não são as palavras escritas naquela língua, mas as traduções em suas diversas línguas, principalmente feitas a partir da tradução grega dos setenta, caso mais específico dos cristãos. E depois não há motivo algum para duvidar das traduções feitas por especialistas nas duas línguas, desde que se tenha em mente que traduzir significa também interpretar e o problema maior é a máscara do tradutor, confeccionada ou não por Platão.

É imprescindível que se leia a Torá tendo em vista o tempo em que ela foi escrita, primórdios da evolução do cérebro humano, início da fixação da memória na raça, que é seu objeto, e início do uso da escrita, e não sob o ponto de vista da racionalidade atual contaminada por Platão. Enquanto a mensagem dela é eterna, é isso o que precisa ser entendido e o que me interessa, o meio é passageiro. Não quero dizer com isso colocar-me no lugar dos personagens bíblicos, especialmente seu possível autor Moisés. Também não levo em consideração nem o Zohar nem o Talmud ou qualquer ensinamento rabínico ou cabalista, tendo em vista que todos eles se referem ao que chamam de Torá oral, pretendendo e tentando confundir as duas, mas cujos ensinamentos não são nada mais do que uma adaptação às ideias de Platão, isto é, o homem dividido em dois, corpo e alma, e destinadas a satisfazer os sonhos e as ilusões humanas da vida após a morte.

A palavra alma tem claramente um sentido mecânico na sua origem em Gen 1.1, quando diz que Deus fez um boneco do pó da terra. Michelangelo, ao finalizar o seu boneco de mármore, David, teria dito: “Fala!” Até hoje não foi obedecido. Qualquer pessoa, mesmo sem grandes qualidades de escultor, pode fazer um boneco de barro. A diferença é que Deus, quando terminou a feitura do boneco, assoprou em suas narinas dando-lhe vida, criando o homem. Dar vida não significa absolutamente que o sopro divino tenha ficado retido nele, mas que o sopro de Deus colocou o boneco em movimento, como acontece com o choro do bebê, que indica a passagem do movimento umbilical ao autônomo, movimento independente, tornando-se um novo ente. Nem o sopro e nem o choro ficam pertencendo ao bebê. Assoprar, dar uma palmada no bumbum fazer estímulos no pé ou ainda usar o teste de apagar têm o mesmo sentido de estímulo e verificação do novo movimento.

Quando o próprio Deus fez, também do pó, os brinquedos em forma de animais para o pequeno Adão brincar dando-lhes nomes e não assoprou em

suas narinas, eles continuaram sendo bonecos. Homem é o nome de um boneco com movimento. Alma é o nome dado ao movimento, respiração independente, não ao sopro divino e nem ao choro do bebê. É puramente mecânico, não tem nada de sobrenatural, pois a consciência do bebê só vai acontecer nas próximas semanas quando ele se percebe outro que não sua mãe. A memória se desenvolve bem mais tarde. E quando o homem morre, também morre a alma, o movimento cessa. Morte é cessação de movimento, vida é o intervalo entre o início e o fim dele. A vida não é o oposto da morte de onde partiu Platão. Por isso é que o Gênesis começa empregando o termo alma para todos os seres com movimento (Gen 1,20):

“E disse Deus: ‘Produzam as águas repteis de alma viva [...]’ (Gen 1,21) E criou Deus grandes peixes e toda alma viva que se arrasta [...] (Gen 1,24) ‘Produza a terra alma viva segundo sua espécie’.”

Tudo isso antes de criar o homem que, na sua ignorância e egoísmo, foi restringindo o significado exclusivamente para ele.

Na Torá, onde palavra significa quase sempre vida ou pessoa, ela é empregada no mínimo 146 vezes (40 no Gênesis, 18 no Êxodo, 41 no Levítico, 18 em Números e 29 no Deuteronômio). Nos quatro primeiros livros do Pentateuco, ela jamais aparece com o sentido empregado por Platão, isto é, como entidade pré-existente ou separada do corpo. Na Torá, só existem dois mundos: o dos vivos e o dos mortos. Quando uma pessoa (alma) morre, ela vai se juntar aos seus no mundo dos mortos. No Deuteronômio, entretanto, embora também apareça seu emprego com o significado de pessoa, parece já haver uma influência de Platão através da expressão “de todo o teu coração e de toda a tua alma”, que aparece no mínimo 10 vezes. Essa separação nítida entre corpo e alma parece indicar que ele foi escrito tardiamente, já sob influência platônica.

Se a Torá é a base da civilização humana e essa civilização está prestes a se autodestruir, alguma coisa deu errado e, certamente, não pode ter sido a palavra de Deus ali apresentada. Com certeza os homens não seguiram suas ordens, por ignorância decorrente do fato de não as terem entendido ou, pior ainda, interpretarem-na segundo suas conveniências.

Como não posso perscrutar a mente de ninguém para entender suas intenções ou me colocar no lugar de outra pessoa, no caso o narrador bíblico ou seus intérpretes, ou mesmo saber se que o que eles escreveram corresponde verdadeiramente àquilo que pensavam, pois em muitos casos os resultados são completamente diferentes dos pretendidos, resta-me somente ler e compreender o sentido da mensagem, não importando o meio, e verificar se corresponde ao ser absoluto ou, especificamente, ao “ser humano absoluto”, máscara que me impuseram, comum a todos. E não é preciso ir muito longe para verificar que somente o governo do Estado de Israel e principalmente o Mossad se comportam de acordo com os ensinamentos prescritos pela Torá, atribuídos a Deus por meio de Moisés, graças aos quais Israel tem se mantido como nação, o que significa que existem muitas pessoas que sabem exatamente quem é o Deus invocado pelos patriarcas e como obedecê-lo. Mas, então, por que essas pessoas não alertam todos os outros homens? Este é o pecado dos israelitas que se deixaram dominar pelos gregos, por Platão, disfarçando a submissão sob o nome de Torá oral. Felizmente para eles a ideologia do Estado manteve-se fiel à lei escrita, motivo pelo qual têm-se mantidos unidos, apesar de submetidos a tantos infortúnios. Mas irão, certamente, sucumbir junto com toda a humanidade platônica.

A genial e maravilhosa história contada pela Torá vai muito além da simples história de um povo. O que ela conta é a história de um aedo, Moisés, que, ao contrário do que irá acontecer mais tarde com o aedo Homero, contador de histórias, desenvolveu a memória de um povo

chamado Israel através da, hoje, enfadonha e incessante repetição, e sem ajuda de estátuas representações materiais, ao contrário dos egípcios e de tantos outros povos, que só se lembravam de suas histórias e de seus deuses quando ouviam o aedo falar deles ou quando viam suas representações. Escuta Israel, lembra-te Israel, não esquece Israel. Repetido incessantemente, diuturnamente, a toda hora, a cada minuto, a cada segundo, todo instante, eu sou o Deus que, com mão forte, tirou-te do Egito para ser meu povo, um povo com memória, um povo independente.

O fato de eu não poder colocar-me no lugar do relator da Torá para entender o que ele pretendia quando a escreveu não tem importância alguma. O que vale é o que ele escreveu e que adquiriu vida própria, independente da sua vontade. Penso em duas possibilidades: sistematizar os costumes vigentes ou acabar com eles. Lendo o que ele escreveu, portanto no seu sentido literal, o que é proibido pela religião dos rabinos, como deixa claro o comentário na tradução para o português da Torá feita por Meir Natzliah Melamed:

“Os primeiros capítulos do Gênesis encerram em si os profundos princípios e mistérios da Criação, tal como foram revelados no Talmud e na Cabala. Além de ser proibido pela religião, é impossível considerar o sentido literal ou aparente desses capítulos. O verdadeiro sentido é muito mais profundo, e seu estudo necessita de um prévio conhecimento das doutrinas completas da Torá.” (p. XXI)

Estranhamente, porém, o autor, na mesma página, afirma que ela foi escrita com palavras simples:

“Somente Deus existia naquele tempo, com a sua Onipotência e a sua vontade de criar o mundo. Este conceito tão elevado da realidade e do pensamento humano está expresso de maneira

simples e sem nenhum esclarecimento sobre o feito maravilhoso da criação.”

Sim, a Torá foi escrita em palavras simples, o próprio Eterno disse a Aarão e a Míriam, falando de Moisés:

“Claramente falarei com ele. E com palavras claras, e não com enigmas, e a glória do Eterno contemplará;” (Num 12, 9)

Foi escrita com palavras simples e sem enigmas para que todos a entendessem não havendo nenhum motivo para reserva de mercado, nem para a Igreja Católica e nem para os rabinos. A única exigência que deve ser feita a quem quer entendê-la é que se livre da sua máscara, do “ser humano absoluto” que lhe foi impingido, pois ele se encontra ancorado no inútil pensamento grego, principalmente platônico, com a sua ridícula separação entre corpo e alma. Todos aqueles que pensam que são dois ou três ou quatro ou que pensam saber o caminho que as almas fazem para chegar ao trono divino não têm a mínima condição de entender a Torá, porque seu raciocínio é viciado, falso. Também não pode entendê-la quem se apoia nos ensinamentos daqueles viciados, mesmo que tenham conhecimento profundo do antigo hebraico com suas interações numéricas. Só pode compreender a Torá quem entender Zaratustra.

Para finalizar, devo dizer que vou ficar em dívida com meus leitores quanto à questão da vida após a morte por se tratar de um problema científico e não filosófico. Como o homem é constituído de átomos agregados em moléculas e células, a única possibilidade de existência de vida após a morte é saber o que acontece com os átomos após a morte, já que eles não morrem, só ocorrendo a dissolução das células e moléculas. Além desses átomos agregados, existem outros que flutuam na atmosfera e que são atraídos pelos homens durante suas vidas, mas não se agregam às moléculas que nós conhecemos, mas formam uma aura em volta do corpo.

Átomos esses que talvez já tenham pertencido a outros corpos humanos. É possível manter agregados esses átomos após a morte?

A minha palavra final para os senhores destemidos astronautas que vão viajar para o desconhecido é que devem estar preparados não só fisicamente, mas principalmente moralmente e intelectualmente para levar a vida para todo o Universo. Os senhores que quase certamente foram educados dentro da cultura greco-platônica, embora eu acredite que, sendo cientistas, muitos dos senhores já sabem que existe na Terra uma outra cultura, e não estou falando em oriental, mas de uma cultura que se encontra subjacente à grega, camuflada, conhecida por poucos e mantida a sete chaves por alguns. Essa cultura nasceu, como espero ter demonstrado, com Abraão, Isaac e Jacó, e que Moisés tentou tornar comum ao povo de Israel. No Sinai, infelizmente, sua tentativa teve fim, com a maioria do povo Israelita se deixando dominar pelos sacerdotes do bezerro de ouro. Aquela cultura não foi absorvida pela grega de Platão e permanece subjacente ao que eu chamo de cultura ocidental, como já expliquei.

A cultura dos patriarcas reconhece o homem integralmente, um corpo em movimento. O homem não “tem” cérebro, não “tem” coração, não “tem” pernas, enfim o homem não é um agregado de partes, o homem é um corpo só. O homem não tem cérebro, ele é um cérebro. Quem está escrevendo aqui sou eu cérebro, sou pernas, pulmões etc. O corpo humano é dotado de uma alma, como é conhecido o movimento. Sem movimento, o homem não existe. Quando o homem nasce, nasce para viver eternamente obedecendo à Lei da Inércia. Hoje a maior força de atrito que para o movimento, mata o homem, é a cultura ocidental de origem grega. Ela está impedindo o completo desenvolvimento do cérebro humano que, quando plenamente operacional, tornará o homem imortal, pois foi para isso que nasceu: para viver, ao contrário da cultura grega, na qual o homem nasce

para morrer, ou na dos sacerdotes, na qual o homem nasce para glorificar, justificar, a existência de Deus.

Só o completo desenvolvimento do cérebro humano afastará a morte, que é o único mal existente no mundo. Bem é a vida, mal é a morte. Assim como Jesus de Nazareth conseguiu desenvolver plenamente seu cérebro, o que já tinham feito os patriarcas, todo homem um dia será capaz de desenvolver plenamente suas capacidades para dominar seu corpo e não haverá mais doenças e nem mortes, a não ser ocasionalmente. A divisão freudiana do homem em *ça*, *moi*, *surmoi*, pai primitivo ou qualquer autoridade não fará mais sentido se é que já fez algum dia. Quando o *ça* enviar alguma pulsão o *moi* não estará sujeito ao *surmoi*, ao pai primitivo ou a qualquer outra autoridade, ele simplesmente será o dono da verdade e da integralidade da sua vida, ao mundo de Abraão, que Jesus de Nazareth chama de pai, Nietzsche de Zaratustra e eu chamo de homem. Nunca esqueçam, senhores, que o principal é a vida como ela apareceu e se desenvolveu na Terra e tem de ser preservada custe o que custar. Vossa memória é o vosso Deus.

Assim como os israelitas descobriram que o leite e o mel não brotavam das paredes, os senhores logo descobrirão que estarão dependentes só de vocês mesmos, do Deus dos hebreus, jamais o de Aarão, para viverem em outros mundos, para suportar a rudeza da terra conquistada, onde talvez não haja nem leite e nem mel, mas sangue, suor e lágrimas. Lembrem-se de que a finalidade do vosso sacrifício não é possuir a Terra e sim preservar a vida humana. Eu recomendo que levem para lá, além das ciências, a música, a pintura, a escultura, a arquitetura, enfim todas as artes humanas que mereçam se tornar conhecidas de outros seres vivos, se houver. Artes que foram geradas por homens integrais, cérebros adiantados, pessoas maravilhosas que conseguiram, mesmo em condições altamente adversas, criar obras universais e eternas. Mas nunca esqueçam, senhores, repito, que

o principal é a vida, como ela apareceu e se desenvolveu na Terra. Obrigado por ao menos tentarem e, se encontrarem algum átomo, um único que seja, que já tenha sido incorporado em alguma molécula de um corpo humano na Terra, vocês terão provado a possibilidade da vida após a morte. Podem continuar clamando por Deus, força do hábito, mas sempre tendo em mente que quando pedirem ou agradecerem a Deus estarão pedindo e agradecendo a vocês mesmos, homens louvando homens. E escrevam com letras de sangue para que jamais seja esquecido: foi a filosofia de Platão, fonte de todas as religiões humanas, que acabou com a vida na Terra.

CAPÍTULO 21

Adendo

Eu procurei, durante a pesquisa, não responsabilizar qualquer pessoa de ter, propositadamente, induzido o povo ao erro com qualquer finalidade que seja. Eu não sei se houve intenção deliberada da parte de Moisés de criar uma religião para iludir o povo hebreu para atingir seus objetivos. Eu não sei se a religião de Israel, dos batedores de cabeça no muro das lamentações, é uma farsa deliberada dos israelitas ou se são inocentes usados como marionetes para ocultar a verdade ou, ainda, se desempenham seu papel conscientemente. Eu não sei se há uma segunda intenção de Freud afirmando que Moisés era egípcio. Eu só penso serem muito estranhas suas afirmações por ele ser judeu, mas jamais poderei saber o que ele pensava e pretendia. Eu não sei se os dirigentes de Israel usam propositadamente a religião do sacerdote Aarão como um “ópio do povo” para manter a humanidade em estado catatônico. Eu não sei nada do que as pessoas possam estar pensando por não poder me “pôr no lugar delas”. Eu só tenho uma certeza absoluta: por suas atitudes no dia a dia, suas ações no mundo real, o governo de Israel não segue a religião de Aarão, mas a filosofia de Moisés.

Bibliografia

A Lei De Moisés, Torá, Editora e Livraria Sefer Ltda. São Paulo, 2001
ISBN 85.85583-36-6

La Sainte Bible, Editions du Cerf, Paris, 1955.

Bíblia do Peregrino, São Paulo, Ed. Paulus, 2002.

4 Colin, Armand, *Histoire de La France Coloniale des Origines a 1914*, 2
Paris, 2016.

Idem, 1914 - 1990

Histoire De France, Belem, 2014, (13 volumes), Diversos Autores.

Beaune, Colette, *Naissance de la Nation France*, Editions Gallimard, 1985,
France

Cardec, Alan, *A Gênese*, Federacao Espírita Brasileira, Rio, 22 Edição,
Brasil.

Heidegger, Martin, Nietzsche I e II, 1a. Ed 2007, Ed Forense Universitária,
SP.

Nicolet, Claude, *L'Idée Republicaine en France*, Gallimard, Paris. 1982.

Sogyal Rinpoche, *Le Livre Tibetano de la Vie et de la Mort*, Lb. Table
Ronde, Paris, 1993.

Freud, Sigmund *L'homme Moïse et la religion monothéiste*, Editions Points,
2012n Paris.

Pinto, David, Rabbi, *La Genese, Bereshit I et II*, Bibliophane Daniel
Radiford, 2004, France.

Hegel, *La Vie de Jesus*, Vrin, Paris, 2009.

Beaumont, Pierre, *Jesus en son temps, dans son pays*, Editions Anne Sigier,
Pzrs, 1991.

Kantorowicz, Ernest, *Les Deux Corps du Roi*, Gallimard, Paris, 1957.

Favier, Jean, *Les Plantagenets*, Editions Tallandier, Paris, 2019.

Souzenelle, Annick, *Le Baiser de Dieu*, Albin Michel, Paris, 2019.

Kandel, Erica, *La Recherche de la Memoire*, Odilie Jacob, Paris, 2006.

Hesiodo, *Teogonia*, 1981, São Paulo.

Messadie, Gerald, Moise, *Un Prince sans Couronne*, Editions Jean-Claude Lattes, Berlin, 1998

Daniel-Rops, *Histoire de L'Eglise de Christ*, Librairie Artheme Fayard, Paris, 1958, 7 Volumes.

Freud, Sigismund, *Le Moi et le Ça*, Editions Payot, 2010, Paris

Idem, *Le Mot D'Esprit*, Gallimard, Paeis, 1988.

Idem, *Malaise dans la Civilisation*, Puf, Paris, 1971.

Platon, *Le Banquet*, Librio, Paris, 1995.

Zweig, Stefan, *Sigmund Freud, Le Livre de Poche*, Paris, 0976.

Nietzsche, Friedrich, *La «Faute», la «Mauvaise Conscience» et Ce Qui Leur Ressemble*, Ed. Gallimard, Paris, 1971.

Idem, *Ainsi Parlait Zarathoustra*, Aurier-Flamario, Paris, 1969.

Idem, *Assim Falava Zaratustra*, Ed. Nova Fronteira. São Paulo.

Idem, *Volunté De Puissance*, Mercure De France, Paris.

Idem, *L'Antéchrist*, Gallimard, Paris, 1990.

Idem, *Fragmentos Póstumos*, Forense Universitária, Rio De Janeiro, 2015.

Idem, *A Visão Dionísica do Mundo*, Martins Fontes, São Paulo, 2006.

Idem, *A Genealogia da Moral*, Ed. Moraes, São Paulo, 1991.

Idem, *Os Pensadores*, Abril Cultural, São Paulo, 1978.

Idem, *Introdução à Tragédia de Sófocles*, Zahar, São Paulo, 2006.

Idem, *Le Nihilisme Européen*, Editions Kimé, Paris, 1997.

Idem, *O Anticristo e Ditirambos de Dionísio*, Cia. Das Letras, São Paulo, 2009.

Souza, Mauro Araújo de, *Alma em Nietzsche*, Texto Editores Ltda., São Paulo, 2013.

Marton, Scarlett, *Nietzsche*, Brasiliense, São Paulo, 1982.

Machado, Roberto, *Nietzsche e a Verdade*, Graal, 2ª Edição, São Paulo, 2002.

Max Weber, *L'Éthique Protestante et L'Esprit du Capitalisme*, Gallimard, Paris, 2003.

Idem, Idem, Editorial Presença, 6a. Edição, Lisboa 2005.

Idem, Bisidem, Cia. das Letras, São Paulo, 2004.

Idem, *Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus*, Beck Sche Reihe, Bremen, 1995.

Idem, *Ensaio De Sociologia*, Zahar Editora, Rio De Janeiro, 1945.

Idem, *Sobre a Teoria Das Ciências Sociais*, Martins Fontes, Lisboa, 1977.

Idem, *La Ville*, Aubier, Paris, 1982.

Idem, *Rudolf Stammler et le Materialism Historique*, Cerf, Paris, 2001.

Catecismo da Igreja Católica, Edições Loyola, São Paulo, 2006.

Max, Marianne, *Weber Uma Biografia*, Casa Jorge Editorial, Rio De Janeiro, 2003.

Platão, *Diálogos*, Hemus, São Paulo, 1977.

Idem, *Timée, Crítias*, Flammarion, Paris, 2001.

A Confissão de Fé de Westminster, Ed. Cultura Cristã, São Paulo, 2003.

Archer, Jeffrey, *O Evangelho Segundo Judas*, Bertrand Brasil, Rio De Janeiro, 2007.

Nietzsche, *La Philosophie à l'Époque Tragique des Grecs*, Galimard, Paris, 1975.

Right, John, *História De Israel*, Paulus, São Paulo, 2014.

Magnier, Urbain, *Origine et Foration de l'Alphabet Hébraïque*, Editions Traditionnelles, Paris, 2002.

Leloup, Jean-Ives (Tradutor) *O Evangelho de São Tomé*, Vozes, Petropolis, 1997.

Brécher, Gidéon, *L'immortalité de l'Âme Chez les Juifs*, Editions Lahy, Cahon, 2004,

Guignebert, Charles, *Le Problème de Jésus*, Ed. Coda, Puf, 2008.

Scolem, Gershon, *Les Grands Courants de la Mystique Juive*, Payot, Paris, 2014.

Eisenberg, Josy et Abécassis, Armand, *À Bible Ouverte*, Albion Michel, Paris, 2004.

Nieztche, Fredric, *Les Philosophes Préplatociens*, Editions De L'éclat, Paris, 1994.

Cohen, Joseph, *La Fabuleuse Histoire de l'Écriture Hébraïque*, Editios Du Cosmogone, Lyon, 1999.

Calvino, João, *A Verdadeira Vida Ceistãm*, Novo Século, São Paulo, 2000.

Calvin, Jean, *Institutions de la Religion Chrétienne*, Excelsis, Paris, 2009.